

LUCILAINE NUNES LASARETTO

TRIBOS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE MEDIDA
SÓCIOEDUCATIVA: Um estudo analítico-descritivo
(2006-2007)



ARARAQUARA – SP
2009

LUCILAINE NUNES LASARETTO

TRIBOS DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE MEDIDA
SÓCIOEDUCATIVA: Um estudo analítico-descritivo (2006-2007)

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Orientador: Profa. Dra. Sueli Aparecida Itman Monteiro

Linha de Pesquisa: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura

ARARAQUARA – SP
2009

LUCILAINE NUNES LASARETTO

UM ESTUDO SOBRE O COTIDIANO DAS TRIBOS DE
ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE MEDIDA SÓCIOEDUCATIVA

Dissertação de Mestrado, apresentado ao Programa de pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Estudos Históricos, Filosóficos e Antropológicos sobre Escola e Cultura;

Orientador: Sueli Aparecida Itman Monteiro

Data de aprovação: 25/05/2009

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Sueli Aparecida Itman Monteiro
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Luci Regina Muzzeti
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Cecília Sanchez Teixeira
USP - Faculdade de Educação

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico a meus pais, minha irmã e meu marido.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço tenho a oportunidade de agradecer a todos que participaram de alguma forma desse momento tão especial em minha vida. A conclusão do mestrado é mais uma conquista que quero compartilhar com as pessoas que me rodeiam, me incentivam e me fortalecem. Talvez em palavras não consiga expressar o tamanho de minha gratidão e carinho por todos que fazem parte da minha história de vida, mas, todos foram e são essenciais para meu crescimento profissional e pessoal.

Primeiramente agradeço a minha mãe Lucia Helena Nunes que sempre esteve a meu lado, me ensinando a encarar a educação com seriedade, amparando meus choros, me guiando aos melhores caminhos, acreditando em minha capacidade e acima de tudo me ouvindo sempre. Obrigada por ouvir todos os trechos dessa dissertação que considere fundamental sua opinião, obrigada por me ensinar a ser quem eu sou e por estar a meu lado em todos os momentos importantes de minha vida, incluindo esse, e acima de tudo, obrigada pelo amor incondicional.

A meu pai Santo Barbosa Nunes por sempre ter apoiado meus estudos e por todas suas palavras que me incentivaram mostrar até onde eu poderia chegar. Sei que muitas vezes diante de seu silêncio você se orgulhou de mim. Obrigada por me ensinar a crescer.

A minha irmã Lucileine Nunes Longo que por demonstrar seu orgulho por mim e ser meu espelho, me fez crescer e ser tanto quanto ela, direcionando sempre meus caminhos racionalmente, me mostrando a dimensão de uma Universidade Pública desde cedo e por estar a meu lado em todas as minhas conquistas e derrotas. Obrigada por acreditar em mim, por me escutar, por revisar todo este trabalho e por ser meu porto seguro.

A meu namorado, noivo e marido, Juliano Mairo Lasaretto, que em todas essas etapas de nossas vidas acompanhou meus estudos, meus medos, meus desafios e me ensinou a crescer, a acreditar em mim e a ser forte. Obrigada por compreender meus momentos de ausência no decorrer desta pesquisa, por me ouvir e me amar.

A todos os meus familiares, em especial minha avó Aparecida Bento Barroso, minha tia Isabel de Fátima Bento Guaratini e a minha prima e afilhada Ana Flavia Guaratini, por me ampararem em todos os momentos de minha vida com muito amor.

Agradeço especialmente minha orientadora Profa. Dra. Sueli Aparecida Itman Monteiro pelo grandioso carinho, pelas palavras iluminadas que sempre me acalmaram e por me mostrar a dimensão da vida acadêmica. Obrigada pelas ricas orientações e por todos os momentos prazerosos e de conquista que tivemos juntas, por me ajudar a crescer pessoalmente e profissionalmente, acreditando em meu potencial e me incentivando a ir mais além.

Não posso deixar de agradecer aos professores Paulo Rennes Marçal Ribeiro e Luci Regina Muzzeti pela riqueza das contribuições no exame de qualificação e a Profa. Dra. Maria Cecília Sanchez Teixeira pela presença tão esperada como banca examinadora de minha defesa. À todos os funcionários do Programa de pós-graduação em Educação Escolar da UNESP, em especial Fernando José Surian (agora ex-funcionário) por toda a disposição diante das minhas dúvidas.

A todo o pessoal que compõe o quadro de funcionários do NAI – Núcleo de Atendimento Integrado, por me receberem tão bem e colaborem para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Em especial as professoras Ana Lucia e Regina que me ensinaram muito com suas experiências e com a beleza com que desenvolvem seus trabalhos dentro da internação provisória. Ao diretor do NAI por ceder o espaço de pesquisa e por todas as informações concedidas.

Agradeço muito aos funcionários da Casa de Convivência Lucas Perroni Junior – Semiliberdade, pela acolhida e pela disposição em me ajudar sempre. Em especial: Rafael Montoni, Grazielle Sue, Lucilene Felipe Gomes, Edinéia e Denise. O trabalho de todos me fez acreditar ainda mais em meus ideais e agradeço especialmente ao educador Arthur, que agora em outro plano, continua com sua serenidade nos iluminando.

Padre Agnaldo Soares de Lima, diretor responsável pelas medidas socioeducativas da cidade de São Carlos SP, por todas as oportunidades concedidas, pelo espaço e pelo aprendizado. Por valorizar meu trabalho e compartilhar materiais que foram de fundamental importância para a conclusão desta dissertação. Espero que o trabalho por ele desenvolvido tenha o reconhecimento que merece.

As minhas amigas que compartilharam comigo todo esse processo e sempre me entenderam por já terem passado por isso: Janaína Cassiano, por sempre orientar minhas dúvidas; Marcia Duarte pelo carinho, amizade e muitos ensinamentos acadêmicos; Rafaela Berto Pucca pela cumplicidade, amizade, carinho, confiança e profissionalismo; Marcia Regina Onofre por todas as oportunidades, conselhos e verdades; Maria Betanea Platzer por todas as palavras de carinho e incentivo, pelas risadas e olhares verdadeiros e por acreditar e sempre elogiar meu trabalho enquanto profissional docente. Vocês, já mestres e doutoras são acima de tudo minhas amigas e espelhos em minha vida. Obrigada por fazerem parte da minha história de vida.

Clovis Santa Fé Junior pelos longos devaneios que tivemos ao longo dessa pesquisa. A Juliana dos Santos (Juzinha) por um dia ter me apresentado ao trabalho da minha orientadora. Renata Cristiani Carneiro por me mostrar a importância do idealismo e pela amizade maravilhosa de tantos anos.

E para finalizar, agradeço aos garotos que participaram dessa pesquisa, que com suas histórias de vidas, entrevistas, atos e palavras me mostraram a dimensão da diversidade do mundo. A importância do estar-junto por eles defendida me fez acreditar nos meus ideais de vida e querer lutar por uma educação cada vez melhor.

Agradeço a Deus por guiar meus caminhos e por mais esta vitória.

**“O que se torna importante é voltar o olhar em direção a esta vida de todos os dias que, de uma maneira caótica e aleatória, no tédio e na exuberância, prossegue seu caminho de uma maneira obstinada e um tanto incompreensível”
(MAFFESOLI, 2001, p. 29)**

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar etnograficamente as vivências das tribos de adolescentes infratores que cumpriam medidas sócioeducativas na Cidade de São Carlos - SP, nos anos de 2006 e 2007, a partir de suas faces oficial e oficiosa, tendo como referencial teórico-metodológico a sócio-anthropologia do cotidiano de Michel Maffesoli, que indica o fim do individualismo na sociedade pós-moderna, ao dar espaço ao tribalismo, à vivência grupal, em que uma pessoa só existe em relação com o outro. Vivemos num tempo de tribos, segundo as luzes e sombras que rodeiam a existência. Como modo de reconhecimento do dia a dia de algumas tribos de adolescentes, voltamos nossos olhares para o NAI – Núcleo de Atendimento Integrado - e para o Programa de Semiliberdade, ambos implantados segundo o que preconiza o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente -, enquanto parte das Medidas Sócioeducativas em vigor na cidade de São Carlos, no período em que esse estudo foi realizado, voltando-se para tais instituições na medida em que, como diferencial da contemporaneidade, reconheciam o adolescente, autor de ato infracional, como pessoa portadora de direitos e deveres. Pesquisando a cultura dos adolescentes infratores, verifica-se as interfaces do ato infracional com o cotidiano, a cultura e o processo educativo. Tal pesquisa se justifica em vista da complexidade própria das novas demandas da educação e da necessidade de se dar voz aos adolescentes que vivem à margem do social, mas que, na multiplicidade de fenômenos que os rodeiam, perpassam pelos universos da angústia e do reencantamento pela vida, a partir de estratégias próprias que em suas ambigüidades envolvem tanto atos de violência social quanto de profunda solidariedade grupal.

Palavras-chaves: Adolescente infrator; Medida Sócioeducativa; Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA; Tribos contemporâneas; Educação;

ABSTRACT

The present study has as main purpose analyze ethnographically the experiences of offender adolescents' tribes who were part of socio-educational programs in São Carlos – SP, during the years of 2006 and 2007. As theoretical methodological reference it was used the writer Michel Maffesoli who was chosen due to his social anthropological view that points out the end of the individualism on post modern society being substituted by the tribalism, the experience of living in group. Living in times of tribes our attention was focused on NAI (an integrated service program) and on Semi Liberty program, both implemented according to ECA – Statute of the Child and Adolescent – as part of educational programs realized in São Carlos during the period that this study was accomplished. Those institutions were chosen due to their singular way of treating the adolescents, recognizing them as citizens who have rights and obligations. By searching the culture of offender adolescents, it is possible to notice an interface with their daily life, culture and educational process.

This research is significant considering new demands of education and the necessity of giving a special attention to those adolescents who are marginalized. It shows they can be now anguished and in the next moment enchanted by life and those unstable behaviors are reflected sometimes by social violence and sometimes by a sincere solidarity with their group.

Key words: Offender Adolescents; Educational Program; Statute of the Child and Adolescent (ECA); Contemporary tribes; Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 14
1 OS ADOLESCENTES E AS TRIBOS À LUZ DA TEORIA DE MICHEL MAFFESOLI.....	p.23
1.1 Socialidade	p.27
1.2 A força das imagens e máscaras dentro das tribos	p.30
1.3 A beleza da banalidade cotidiana.....	p.34
1.4 Violência dentro das tribos	p.37
1.5 Os adolescentes e a escola.....	p.41
2 VOZES SUBTERRÂNEAS EM BUSCA DE LUZES NA BELEZA COTIDIANA - UNIVERSO DA PESQUISA.....	p.48
2.1 Breve histórico da criação e funcionamento do ECA e do NAI.....	p.50
2.2 A estrutura do NAI relacionada ao Estatuto da Criança e do Adolescente.....	p.54
2.3 NAI e Salesianos – uma parceria... um ideal... ..	p.61
2.4 O dia a dia no Núcleo de Atendimento Integrado – NAI.....	p.63
2.5 As primeiras entrevistas no NAI.....	p.69
2.5.1 Entrevista com Marcelo – NAI - Setembro de 2006	p.71
2.5.2 Entrevista com Ricardo – NAI - Setembro de 2006	p.73
2.6 A sala de aula e as atividades pedagógicas	p.75
2.6.1 Entrevista de Eduardo – NAI - Outubro de 2006	p.79
2.7 Semiliberdade - A Casa de Convivência Lucas Perroni Jr.	p.83
2.7.1 As atividades da Casa de Convivência e o caminho para a progressão dentro da medida.....	p.90
2.7.2 O acompanhamento dos garotos no Programa de Semiliberdade.....	p.93
2.7.3 Entrevista com Eduardo – Semiliberdade – Junho de 2007.....	p.96
2.7.4 Entrevista com Daniel - Semiliberdade – Junho de 2007.....	p.98
2.7.5 Entrevista com Junior – Semiliberdade – Junho de 2007.....	p.101

2.7.6 A fatalidade na Casa de Convivência – março de 2008.....	p.104
2.7.7 E os garotos acompanhados? Por onde andam?.....	p.106
2.7.8 O fechamento da Semiliberdade.....	p.108
 3 ENTRELACAMENTO DOS DADOS OBTIDOS COM A TEORIA APRESENTADA.....	 p.111
 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	 p.130
 REFERÊNCIAS	 p.135

INTRODUÇÃO

[...] felizmente a necessidade de ser preservada a socialidade, a qualquer custo, permite que as pessoas se organizem, mesmo que subterraneamente, através de seus viveres sagrados e profanos, viabilizando a oxigenação e a manutenção das vidas no interior dos microgrupos (ITMAN MONTEIRO, 2005, p. 112).

Ao finalizar a graduação em pedagogia senti a necessidade de aprofundar meus conhecimentos na educação contemporânea, verificando quais os principais caminhos que norteiam a prática educativa, rodeada de aparentes dificuldades. Ao elencar o que poderia ser considerado como dificuldade, apontei para o descaso dos alunos diante da educação, a falta de atração e interesse pela escola e as consequências da não escolarização. Lapidando meus pensamentos, fui relacionando a diversidade existente na escola, proveniente das variadas culturas e grupos que nela são formados e senti, então, a necessidade de buscar o conceito de tribo, não necessariamente das que se formam na escola, mas na sociedade como um todo. O intuito inicial era estudar um grupo marginalizado na educação, para que, buscando entendê-lo, pudesse contribuir de alguma forma para sua inclusão. Além disso, pretendia verificar as consequências da não-escolarização e foi neste ponto que encontrei meu objeto de estudo: uma instituição na cidade de São Carlos que realiza um trabalho diferenciado com adolescentes autores de atos infracionais.

O Núcleo de Atendimento Integrado (NAI) é uma instituição que trabalha com adolescentes em medidas sócioeducativas, atendendo as demandas atuais da sociedade, ao reconhecer o adolescente infrator como alguém que necessita de cuidados. O NAI prioriza todos os princípios estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), destacando o direito à educação ao indicar a todos os integrantes da comunidade escolar e da sociedade que o diferente não deve ser excluído, mas sim, respeitado e incluído na sociedade e na escola, enquanto pessoa de direitos e deveres. Estudar a instituição contemplaria todo meu ideal, pois, permitiria reconhecer um modelo diferenciado na aplicação das medidas sócioeducativas, que me possibilitaria reconhecer a cultura de um grupo socialmente marginalizado bem como a visão que o mesmo possui sobre a educação.

Recordando o conceito de microgrupo que me foi apresentado de forma sucinta na graduação, encontrei a possibilidade de analisar o grupo escolhido à luz da teoria de Michel Maffesoli, que traz o conceito de tribalização do mundo na sociedade atual, onde a idéia de indivíduo sai de cena, priorizando a vivência em grupo, o estar junto. Com o aprofundamento das leituras verifiquei a amplitude de olhar que essa abordagem teórica nos concedia.

A fim de compreender o processo de marginalização vivido por estes grupos, recorri a Boaventura Souza Santos (1995), pois o mesmo nos oferece em seus escritos a compreensão do fenômeno da exclusão e desigualdade enquanto frutos do capitalismo. Segundo este autor “a exclusão da normalidade é traduzida em regras jurídicas que vincam, elas próprias, a exclusão”. Isso nos permite compreender a instituição analisada e os novos moldes trazidos por ela, pois os adolescentes autores de atos infracionais, geralmente encaminhados a Fundação CASA (Centro de Atendimento sócioeducativo ao adolescente) - antiga FEBEM (Fundação Estadual do Bem estar do Menor) -, sofreram com o processo adotado, ao serem tratados como escória social, que cumpriam o tempo de internação em lugares nada dignos que não lhes oferecia perspectivas futuras de vida.

O NAI defende a realização de um trabalho que venha a colaborar no desenvolvimento do indivíduo, sem estigmatizá-lo e sem utilizar regulamentos rígidos e impostos com total impessoalidade. Em seus pressupostos reconhece cada adolescente como um ser único ao enfatizar entre todos os seus direitos, a importância da escolarização, pois, o ato de aprender deve basear-se na multiplicidade cultural ao abordar a questão da diversidade, ao respeitá-la, a fim de que o aluno possa compreender o papel educativo como norteador da vida. A filosofia norteadora do NAI apregoa uma escola onde todos tenham o seu espaço e mostrem-se sem medos e receios a fim de que possam ser aceitos sem estigmas.

Em busca dessa amplitude de olhar, busquei em Maffesoli (1988, 1989, 1995, 2001, 2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c, 2006 e 2007) fundamentar-me a fim de poder vislumbrar tanto os lados oficial quanto oficioso, próprios das relações cotidianas, quer se dêem no interior da instituição ou no dia a dia da rua, a fim de poder identificar nos pequenos fatos a troca, mesmo que desigual, a vivência do aqui e agora, a socialidade, a circularidade, as imagens, a banalidade cotidiana, a pulsão e a repulsão, entre outros. Tais conceitos nos permitem divisar as luzes e as sombras que permeiam a vida desses adolescentes, o viver intensamente, os rituais

de contemplação da vida em comunhão, a reciprocidade e a cumplicidade nas relações estabelecidas a partir de uma harmonia diferencial, sob a égide de uma organicidade grupal fundada na ética pós-moderna em um tempo de tribos, em que são compartilhados os espaços e as paixões em busca de um viver no aqui e agora. “...na pós-modernidade é a predominância do estar junto, do coletivo que determina a atmosfera” (MAFFESOLI, 1989).

Porém, num tempo de ambivalências, se, por um lado, temos a organicidade da vida nos pequenos grupos, por outro temos a grande lógica massificadora, fundada na exigência do consumo, que acaba por colocar à margem todo aquele que está destituído do poder de compra. Este pode ser mais um fator gerador do ato infracional na adolescência, em que ter é sinônimo de sucesso, principalmente no período da adolescência, que é uma fase considerada de transição, rodeada de buscas, curiosidades, sonhos, imaginações e frustrações:

na adolescência, a personalidade social ainda não está cristalizada: os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está a procura de si mesmo e a procura da condição adulta, donde uma primeira e fundamental contradição entre a busca de autenticidade e a busca de integração na sociedade. A essa dupla busca se une a busca da verdadeira vida. Nessa busca tudo é intensificado: o ceticismo e os fervores”. (MORIN, 1967, p.160).

É nesta fase de descobertas que a pessoa passa por variados caminhos e escolhas, buscando conhecer a condição adulta e a verdadeira vida. Em busca das tantas novidades, pode acontecer que esse adolescente venha a praticar um ato infracional. Por sua vez, na organização formal de ensino existe uma resistência em recebê-lo, alegando que o mesmo poderá desencadear confusões e conflitos junto a alunos e professores. Assim, este se torna mais um fator gerador de revolta entre os adolescentes, que passam a ver a escola como elitizada e seletiva, e, marginalizados, permanecem nas ruas a praticar seus delitos.

Com a implementação da Lei 8.069 (Estatuto da Criança e do Adolescente) em 13 de julho de 1990, criança e adolescente passaram a ser reconhecidos como cidadãos portadores de direitos e deveres “considerados em sua condição de pessoas em desenvolvimento e a quem se deve prioridade absoluta, seja na formulação das políticas públicas e destinação privilegiada de recursos das diversas instâncias político-administrativas do país” (BRASIL, 1990, p.7). A concepção de adolescente infrator diferenciou-se, pois, as medidas sócioeducativas passaram a

olhar para o adolescente (e não mais chamado 'menor') como alguém em fase de desenvolvimento, que necessita de cuidados. No ECA "considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal" (Art. 103) e para isso, o artigo 112 apresenta as medidas sócioeducativas, que podem ser aplicadas: I – advertência; II – obrigação de reparar o dano; III – Prestação de serviço à comunidade; IV – Liberdade Assistida; V – inserção em regime de semiliberdade; VI – internação em estabelecimento educacional, ou ainda a inserção nas medidas específicas de proteção dispostas no artigo 101.

Observando tais preceitos, o objetivo desta pesquisa centrou-se no estudo do cotidiano e da cultura de adolescentes infratores, que estão cumprindo medidas sócioeducativas, a fim de verificar as interfaces do ato infracional com o cotidiano, a cultura e o processo educativo, seja este oficial ou o oficioso.

A importância deste trabalho está no reconhecimento das novas demandas, em um tempo de pós-modernidade, tempo este pautado no presenteísmo, no aqui e agora, no estar-junto, na relação afetual, opondo-se ao conceito de sociedade individualista. Na pós-modernidade ressalta-se o conceito da 'persona', que desempenha vários papéis dentro da tribo de pertença (Maffesoli, 2001), vivendo junto ao outro, diante dos olhos do outro. Essa 'persona' só ganha sentido de existir diante do olhar e da visibilidade que adquire junto ao seu grupo. É isso que nos incentiva a conhecer as diversas culturas que permeiam a sociedade pós-moderna tribalizada, pois a cultura "é o aspecto global do cotidiano. O modo de comer, vestir, de utilizar o tempo, enfim, o modo de viver (...). O cotidiano é o lençol freático da cultura, e por esse motivo é que devemos compreender a cultura cotidiana e a partir daí considerar a questão das mudanças de valores" (MAFFESOLI, 1989).

Para conhecer e entender a cultura de um micro-grupo partimos de uma visão antropológica sobre o conceito de cultura. Segundo Coelho (1997) a cultura pode ser vista em diferentes manifestações que trazem diferentes significados, não ficando restrita às atividades tradicionais do ser humano, mas sim, abordando aspectos populares, como "publicidade, a moda, o comportamento (ou a atitude), a festa, o consumo, o estar-junto" (COELHO, 1997, p.104) segundo este autor:

Cultura vem descrita como circuito metabólico, simultaneamente repetitivo e diferencial, que se estabelece entre o pólo das formas estruturantes, ou seja, das instituições (o instituído) – no qual manifestam-se códigos, formações discursivas e sistemas de ação, - e o pólo do plasma existencial, isto é, dos grupos sociais, das vivências,

dos espaços, da afetividade, do afetual, enfim, do instituinte (COELHO, 1997, p. 105).

Esse circuito metabólico que define nossa visão cultural parte daquilo que está oculto, encoberto (o latente), indo à busca do que está manifesto (o patente), porém, volta ao oculto passando também pela cultura emergente, aquela que sintetiza o que é concreto e o que é possível. Olhar a cultura a partir de uma visão racional/patente e afetiva/latente nos faz ver o cotidiano do grupo estudado a partir do que é obscuro, subterrâneo, para, em seguida, ver o lado oficial da vida e voltar ao oficioso, ao afetivo. Esse percurso é circular, passando pelas três culturas: latente, emergente e patente.

Todo este percurso nos faz perceber que as novas demandas sociais e institucionais pedem uma reparadigmatização da ciência, da educação e da vida, e essa busca se dá junto aos mais variados grupos que constituem essa época. Os adolescentes, autores de atos infracionais, conseguem, a partir de suas histórias, mostrar qual a concepção que têm sobre a vida, a cultura, o cotidiano, o processo de ensino e nos apontam pistas para novas possibilidades educacionais nesse tempo de infinitas possibilidades – do caos ao reencantamento da vida.

Para entendermos o dia a dia e a cultura do micro-grupo analisado foi preciso observá-los e acompanhá-los para que fosse possível ver ‘a relva’ crescer’, ou seja, observar, vivenciar, estar-junto, conversar, por isso a necessidade de uma pesquisa etnográfica.

Primeiramente foi realizado contato com os profissionais do Núcleo de Atendimento Integrado (NAI), a fim de explicar a dinâmica da pesquisa. Em seguida foram feitas observações e acompanhamentos semanais na sala de aula que funciona dentro do NAI, analisando-se os portfólios de cada um dos adolescentes internos e os materiais utilizados pelas professoras (PEC – Projeto Educação e Cidadania). Algumas entrevistas foram realizadas para que os garotos pudessem oferecer relatos sobre suas tribos. Durante a pesquisa etnográfica foi realizado um acompanhamento inicial com três adolescentes que saíram da internação e foram encaminhados à Semiliberdade. Neste período foi possível conhecer o funcionamento da Casa de Convivência Lucas Perroni Junior, a Semiliberdade, através de visitas semanais e reuniões feitas com os educadores, compreendendo o trabalho realizado, as possíveis dificuldades e a conduta dos garotos. Na Casa de Convivência outras entrevistas foram realizadas, a fim de que pudéssemos verificar

a dinâmica cultural do grupo e perceber uma possível mudança de comportamento e qualidade de vida após a passagem pela instituição. A análise da proposta educacional da casa e as atividades realizadas também foram discutidas.

Contudo, buscou-se realizar uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, mesclando as heurísticas de estudo de caso, história de vida e pesquisa documental, implementadas a partir das técnicas de observação, entrevistas semi-estruturadas e análise de documentos que relatam a formação das instituições apresentadas.

Para melhor compreendermos a importância dessa metodologia de trabalho Ludke e André (1986) explicam que pesquisa qualitativa é aquela que “supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada” (p.11). A importância do contato direto do pesquisador com o universo da pesquisa se dá pelo fato dos acontecimentos serem influenciados pelo contexto, ou seja, o contexto explica vários acontecimentos e justifica as escolhas dos pesquisados.

Outro fator indispensável da pesquisa qualitativa é o foco dado pelas pessoas pesquisadas aos acontecimentos de suas vidas, e essa pesquisa busca retratar a visão dos participantes, através da visão de mundo de cada um.

Nossa pesquisa tem caráter etnográfico, pois descreve “um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (SPRADLEY, 1979 apud LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 14). A etnografia sempre teve um amplo espaço na sociologia e antropologia, porém, dentro da educação, seu papel é pensar o ensino e a aprendizagem em um contexto cultural amplo, ou seja, o macro e o micro das instituições escolares e do público por elas atendido. A abordagem etnográfica trabalha com observação direta de atividades realizadas dentro do grupo pesquisado e com entrevistas para captar maiores informações sobre tal grupo. “A etnografia, como ‘ciência da descrição natural’ envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 15).

Na mescla das heurísticas desta pesquisa foram identificadas as características marcantes dos integrantes deste micro-grupo, a partir da realização de observações e entrevistas semi-estruturadas, metodologias, essas, que são indispensáveis para a coleta de dados.

Quando pretendemos descobrir algo sobre nosso foco de estudo ficamos atentos a todos os atos e acontecimentos, e, com o avanço do estudo, novos dados são somados aos já existentes. Este olhar minucioso é de total responsabilidade do pesquisador que, ao iniciar uma pesquisa de campo, etnográfica, já deve ter em mente o que pretende verificar no decorrer do estudo. Para Ludke e André (1986) a pesquisa etnográfica tem como princípio a interpretação de um contexto, por isso, deve-se levar em conta o contexto do indivíduo pesquisado. Além disso, busca relatar completamente a realidade de maneira profunda, com todos os elementos que envolvem o objeto de estudo.

A realização de uma pesquisa baseia-se em diversas fontes de informação, pois o pesquisador se depara com uma grande quantidade de dados, que são coletados em diferentes momentos e situações, o que dá ao pesquisador a oportunidade de cruzar informações coletadas em tempos distintos, repensando e verificando a veracidade de todos os fatos e hipóteses. A intenção é que, ao ser lida, possa trazer ao leitor contribuições através de uma troca de conhecimentos experienciais, ou seja, a prática de um ajudará na prática ou problema do outro, ou, ao menos, ajudará o outro a visualizar possíveis soluções.

Ludke e André (1986) destacam que para a realização das entrevistas durante a coleta de dados é importante que o entrevistador crie um ambiente interativo com o entrevistado, fazendo com que este se sinta bastante a vontade. O entrevistado deve discorrer sobre o tema proposto a partir das informações que detém, cabendo ao entrevistador estimular a aceitação dos questionamentos para que a conversa flua de maneira notável e autêntica.

Segundo Triviños (1987) a entrevista semi-estruturada parte de

questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (p.146).

A partir desses questionamentos é que o entrevistador acompanha o processo de vida do entrevistado, entrelaçando e analisando os dados obtidos e as observações feitas em campo. É importante ressaltar que as perguntas que circundam a entrevista semi-estruturada não nasceram a priori, elas são consequentes de um estudo teórico que embasa a pesquisa de campo e de “toda a informação que já recolheu (o investigador) sobre o fenômeno social que interessa” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Para a complementação dos dados coletados nesta pesquisa também recorreremos à análise documental, sendo considerado documento tudo aquilo que traz informações sobre o comportamento humano diante das questões de interesse do pesquisador. Para Guba e Lincoln (1981) apud Ludke e André (1986) o uso de documentos pode ser bastante vantajoso na pesquisa educacional, pois “constituem uma fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade a resultados obtidos” (p.39). Os documentos fornecem informações sobre o contexto pretendido, cabendo ao pesquisador analisar as informações mais relevantes contidas nesses documentos.

Durante todas as observações e vivências, consideramos as múltiplas verdades próprias do grupo, sempre observando e ouvindo tudo com muita atenção e buscando ver em cada fala ou gesto desses garotos a essência que move a existência, seja essa decorrente do bem ou do mal, pois muitas atitudes que podem passar despercebidas revelam as múltiplas faces e as verdades de cada um. É no dia a dia que os garotos se mostram, pois, segundo Maffesoli (2001), o cotidiano é o local da recriação de si, é também onde verificamos o quanto que eles existem segundo o olhar do outro. Na coleta de dados, durante as observações realizadas em fase de internação e semiliberdade e posterior a essas etapas, percebe-se que a estrutura da tribo¹ é muito forte, pois os membros do grupo se respeitam, trocam idéias, sentem-se amparados uns pelos outros. A narrativa também é algo próprio de cada tribo, por isso, se entendem em suas práticas linguísticas, usando as mesmas gírias e dialetos e respeitando as mesmas leis. Outro ponto muito destacado pelo nosso referencial teórico e vivenciado em campo é a importância que a imagem tem na constituição do sujeito, pois os garotos se importam muito em usar roupas largas, tênis de determinadas marcas e discriminam os que não se utilizam dessa imagem.

Conviver com regras impostas pela sociedade é fato descartado por esses adolescentes, pois aceitam apenas as regras da tribo. Disso decorre a falta de interesse pela escola, instituição onde devem permanecer por horas, sentados, em silêncio, fazendo algo imposto. Eles elogiam um modelo diferenciado de escola,

¹ Para Maffesoli (2001) a estrutura de todas as tribos são idênticas: “auxílio mútuo, partilha do sentimento, ambiência de afeto” (MAFFESOLI, 2001, p.23).

como um local sem inspeção, com mais diversão, com professores que entendam o ritmo de cada um e os respeitem.

De acordo com o que nos afirma Michel Maffesoli, esses adolescentes vivem intensamente o aqui e o agora, valorizam o grupo ao qual pertencem, se respeitam, se ajudam e seguem a circularidade da vida cotidiana, da exclusão e da marginalidade social. Vivem suas próprias leis na busca de uma sociedade mais igualitária, de uma educação mais atraente, de uma vida mais digna. Eles estão em busca do (re)encantamento do mundo, afinal, como afirma Maffesoli (1989) só “há reencantamento quando há espaço” e eles querem um espaço.

1 OS ADOLESCENTES E AS TRIBOS À LUZ DA TEORIA DE MICHEL MAFFESOLI

O instante é intenso, mas precário.
Brilha como os fogos de artifício, mas estes,
assim como o desabrochar final das celebrações pirotécnicas,
recordam que o fim chegou.
O nada sempre está próximo das maiores intensidades
(MAFFESOLI, 2003, p.118).

Com a intenção de analisar o cotidiano dos espaços – NAI e Semiliberdade – cercado por adolescentes, utilizamos como referencial teórico-metodológico a sócio-antropologia do cotidiano de Michel Maffesoli, pois, falar da mudança de concepção da adolescência e das medidas sócioeducativas faz com que tenhamos uma visão mais ampla da sociedade atual que é marcada pelo fim do individualismo, substituído pela grande vivência grupal, que gera costumes diversos e únicos.

Segundo Maffesoli (1989), a modernidade foi um período regido pelo drama que buscava a superação dos problemas a partir da constituição de grandes projetos, e agora, na pós-modernidade, caminhamos rumo ao trágico onde não se buscam soluções e não existem preocupações com o futuro, pelo contrário, as contradições do presente são aceitas, deixando para trás a busca pela sociedade perfeita. A fase de viver apenas o momento é consequência do desencantamento do mundo, contudo, o reencantamento da existência humana origina-se na valorização das relações sociais na vida cotidiana, e no “religare”², enquanto dinâmica de exercício do sagrado em prol da união dos elementos que constituem a vida dos pequenos grupos.

O grupo que dá vida ao banal cotidiano reecanta o mundo a partir do espaço em que se funda, através dos pequenos rituais e festas onde são compartilhadas as vivências afetuais. É através do grupo que a proteção ao outro e o sentimento de

² Religare conceito utilizado por Michel Maffesoli que expressa aquilo que dá identidade, que une, através de afinidades, um microgrupo (ITMAN MONTEIRO, 1998).

partilha se dão mutuamente e a cumplicidade estabelecida torna-se elemento vital de organicidade³ estabelecida.

A vida em grupo permite que se reconheça no outro a parte que havíamos perdido. “Essa parte só vale quando entra em contato com a outra parte. A perda de si está nessa ordem de pensamento, cada pessoa só é reconhecida no outro (...) cada um de nós só vale enquanto está em relação com o outro” (MAFFESOLI, 1989).

O convívio e a celebração dos rituais faz com que cada grupo tenha um espaço visto como sagrado, um ‘altar’ onde habita um “deus local”, informando como o grupo deve viver o aqui e agora, como deve exaltar suas sensações e emoções, como viver e pensar.

Vemos hoje a existência da socialidade⁴, do “estar-junto”, do viver em grupos, ocasionado pelo crescimento das tribos contemporâneas, que são pequenos grupos que se unem na busca de um mesmo ideal, onde cada um procura no outro aquilo que o complementa. “As tribos urbanas salientam a urgência de uma socialidade empática: partilha de emoções, partilha de afetos” (MAFFESOLI, 2006, p.11).

A principal marca do tribalismo é a partilha, a necessidade de viver em grupo, de buscar o comunitário, o estar-junto. Por mais que isso, dentro de uma troca diferencial esteja imbuído de interesses, sabe-se que essas vivências tomam dimensões que fazem com que o homem não se veja mais como um indivíduo único, com representações únicas, mas sim, como um ser social, coletivo, que precisa do outro para viver, para realizar seus sonhos e para transcender a suas necessidades enquanto pessoa.

O tribalismo caracteriza-se enquanto fenômeno que se estrutura a partir de realizações mágicas, recoberta de vivências de integração harmônica ou conflitante. A partir das experiências vividas em grupo, os pensamentos, as experiências e os modos de sentir compartilhados proporcionam a troca, mesmo que desigual, de vivências que enriquecem o ser humano. Através da metáfora das “tribos” ressalta-se o processo de ‘desindividualização’, pois, cada pessoa inserida no grupo é

³ Organicidade da união dos companheiros, da tribo, é isso que fundamenta os rituais, uma aproximação ordenada de grupos que compõem a organização de companheiros (MAFFESOLI, 2001)

⁴ Socialidade para Maffesoli (2001 e 2004a) são os pequenos fatos da vida cotidiana que constituem a trama do social, é um fenômeno multidimensional, que enaltece a vivência grupal, o estar-junto, juntando a razão e o sensível. São realizações cotidianas intensas, que priorizam o instante vivido, sem controle rígido.

chamada a desempenhar o seu papel dentro dele. Contudo, as tribos contemporâneas não são estáveis, na medida em que, a partir de um nomadismo cultural cada um passa a pertencer a outras tribos, simultaneamente, ou não (MAFFESOLI, 2006), ou seja, a pessoa não precisa pertencer a um único grupo, ela pertencerá aos grupos de identificação comum, compartilhando necessidades e interesses.

O reconhecimento da vida cotidiana passa pelos fatos criados no dia a dia e na interpretação das histórias, sonhos e emoções circulantes pelos subterrâneos dessas tribos. “A emoção coletiva é algo encarnado, algo que joga com o conjunto das facetas daquilo que o sábio Montaigne chamou de *l'homme*: esse misto de grandezas e infâmias, de idéias generosas e de pensamentos mesquinhos, de idealismo e de arraigamento mundano, em suma, o homem” (MAFFESOLI, 2006, p.41), pois, o subterrâneo das tribos é inundado de verdades que rodeiam o homem, mas que não são mostradas quando este se encontra sozinho. Na tribo, a sombra aflora e se transforma em cotidiano.

O dia a dia das tribos, também chamado de vivência societal ou vida oficiosa, mostra que o termo “indivíduo” já não se aplica mais, pois é resultante de uma modernidade falida. Utilizamos a idéia de “persona” como um conceito que reflete o tempo presente vivido, onde o ser “...desempenha diversos papéis no seio das tribos a que adere. A identidade se fragiliza. As identificações múltiplas, ao contrário, multiplicam-se” (MAFFESOLI, p.26, 2004a). É aí que as pessoas se percebem a partir do outro, e, nesta lógica da vida cotidiana, “cada um só existe no e pelo olhar do outro” (MAFFESOLI, 2004a, p.27). Isso é um processo natural, que faz com que não exista mais autonomia, mas sim, a heteronomia, tecida nas lógicas múltiplas, onde o que vale é o tempo vivido no aqui e agora.

Essa importância do presente, do “*carpe diem*” pode ser compreendida a partir das representações e práticas juvenis, onde vemos ‘personas’ vivendo o instante eterno, importando-se apenas com o aqui e o agora.

Ao entrar em uma tribo a persona pertencerá a um micro-grupo, que compartilhará idéias, vontades, prazeres, rituais, e são estes rituais que estabelecem as tribos como grupos. “Por meio da multiplicidade dos gestos rotineiros ou quotidianos, o ritual lembra a comunidade que ela é um corpo” (MAFFESOLI, 2006, p. 48). Esses rituais evidenciam a socialidade, e eles podem ser os mais diversos, desde um chá da tarde, onde existe uma roda de conversa para partilhar

acontecimentos, até rituais de passagem, em que, diante de uma morte as pessoas se reúnem para dar conforto a quem precisa. Todo grupo tem uma identificação, por isso se tornou grupo e é essa identificação que intensifica a necessidade do “estar junto”. O grupo faz aquilo que lhe dá prazer e vive intensamente todos os momentos.

Quando pensamos em grupo nos reportamos ao social, à socialidade, e, apreciar esse “divino social” é compreender o politeísmo, onde vários deuses apresentam suas manifestações. A partir disto, recorreremos à idéia de que o ser só existe e tem sentido “no e pelo coletivo”. No coletivo o *eu* se mostra livremente, dentro da intensidade do ser-conjunto, pois,

no sagrado ou na libertinagem, é a exteriorização que predomina. A família, a máfia, o grupo, a cidadezinha, o bairro são como que vetores de comunalização, cuja riqueza é difícil estimar. São esses laços sociais, numerosos e infrangíveis, que constituem, no sentido estrito do termo, a trama social multicolorida e barulhenta [...] (MAFFESOLI, 2005c, p.37-38).

E são estes laços que intensificam as vivências dentro do grupo fortalecendo os rituais instaurados. A pluralidade dos seres é que enriquece o grupo e seus acontecimentos, e a intensificação do orgasmo⁵ acontece dentro desse estar-junto, onde a pluralidade dos corpos se cruza, permitindo o reconhecimento e a troca. A força desse orgasmo fortalece cada um dentro do grupo, mesmo porque, a idéia de indivíduo se anula, favorecendo a troca das paixões entre as partes.

A multiplicação dos elementos grupais é uma tendência das tribos contemporâneas, onde existe o jogo da proxemia⁶. Esse viver em tribos é movido pela lógica criada pelos seus membros, tal qual a ajuda mútua, que vem ligar-se à solidariedade de base⁷.

Dentro das tribos a solidariedade, a troca de favores e de interesses ocorre, mesmo que de maneira discreta. O companheirismo constante faz com que se criem vínculos e a ajuda mútua é consequência disso, pois aquele que pertence

⁵ Orgasmo: é a maneira como a tribo expressa sua cultura, sua alegria, os relacionamentos afetuais, é a “conjunção dos caracteres e a multiplicação das paixões como formas de superação de toda individuação mortífera” (MAFFESOLI, 2005c, p.38).

⁶ Proxemia é o jogo onde alguém apresenta o outro a alguém que conhece outro alguém, e assim sucessivamente (MAFFESOLI, 2006), é a importância que se dá ao grupo, deixando que o conceito de individualidade se dissolva na tribo.

⁷ Solidariedade de base é a ajuda mútua existente nas tribos, é a “ligação íntima que existe entre a proxemia e a solidariedade. De alguma forma, existe ajuda mútua por forças circunstanciais. Não se trata de um puro desinteresse: a ajuda dada pode sempre ser ressarcida no dia em que se tiver necessidade dela. Mas, agindo assim, cada um estará inserido em um processo de correspondência, de participação, que privilegia o corpo coletivo (MAFFESOLI, 2006, p.59).

efetivamente a um grupo, não abandonará seu companheiro em um momento delicado.

A lógica do grupo é que vai determinar as atitudes de seus componentes. As ações das tribos constituem-se em jogos sociais, movidos pela lógica constituída, enquanto resposta ao modo como a sociedade concebe essas tribos e media suas relações, postas num cenário de luzes e sombras. Vivendo nessa ordem plural, de muitas faces, sabemos que:

Talvez seja esse o signo da pós-modernidade que se anuncia. Mas, qualquer que seja ele, o princípio da realidade nos convida a levá-las em consideração, já que estão aí, e também nos lembra que, em muitos períodos, foi exatamente a barbárie que regenerou uma porção de civilizações moribundas (MAFFESOLI, 2006, p.66).

Considerar o surgimento do fenômeno das múltiplas tribos que impregnou a contemporaneidade faz com que possamos reconhecer e interpretar a força que a socialidade exerce nesse “estar junto”. A tribo constrói seus sinais de identificação e “...imprime sua identidade na forma de viver o profano e o sagrado que amalgamam sua existência” (ITMAN MONTEIRO, 1996, pág.36). Estudar uma tribo significa reconhecer as diferentes “personas” que nela habitam, pois a mesma se constitui a partir da multiplicidade de seus “eus”.

1.1 Socialidade

Diante da tribalização do mundo temos a força do estar-junto, da socialidade e, como já vimos, da solidariedade de bases, a ajuda mútua, que é parte fundamental de um micro-grupo. O fundamento da socialidade é a pulsão que empurra para o outro, é uma espécie de jogo do mundo ou ainda do mundo como jogo. Com essa metáfora do jogo e do lúdico conseguimos reforçar a idéia da socialidade, pois, o lúdico é uma maneira de expressar-se, “o jogo, nas suas diversas manifestações, não é nem virtuoso, nem pecador, é a expressão bruta e refinada de um querer viver fundamental, de um fluxo vital que não deve nada à ética ou à lógica” (MAFFESOLI, 2005a, p.47-48), e a socialidade segue esses princípios numa busca de liberdade dentro do grupo.

Todo micro grupo é uma expressão do divino social, e dentro dos vários micro grupos que compõem a sociedade, cada um carrega seus costumes, “o não-dito, o

resíduo que funda o estar-junto” (MAFFESOLI, 2005a, p.83) e o que também é denominado de *centralidade subterrânea*. Tais tendências da vida social escapam da racionalidade instrumental, dando espaço ao querer viver compartilhando vivências em um espaço de liberdade, mesmo que tal espaço seja subterrâneo. “A pracinha, a rua, a tabacaria da esquina, a lotérica, a banca de jornais, etc., são, de acordo com os centros de interesse ou de necessidade, formas triviais de socialidade. No entanto, é um desses traços banais que dará a especificidade de cada bairro” (MAFFESOLI, 2005a, p.86) e de cada grupo, pois é essa trivialidade que fundamenta a socialidade.

Todo grupo se identifica através da socialidade vivenciada, e neste contexto existe uma sintonia entre os membros da tribo que pode ser estabelecida a partir de um olhar, tal o nível de reconhecimento e sintonia entre os mesmos. A sensibilidade dentro de um grupo é algo aparente, onde um percebe o outro em sua essência.

A pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto nos seios das diversas tribos de pertença. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*” (MAFFESOLI, 2006, p. 133).

Com representações e identificações das determinadas tribos é que percebemos os sinais de identificação e a força que a estética adota neste contexto, onde cada um se torna ator e platéia de um mesmo cenário. É para essa vida em comum que se atribui o nome de tribo, em que as histórias humanas vão se criando a partir das vivências, do “estar-junto”, da importância do outro, da socialidade estabelecida, e da “persona” que se mostra em suas mais variadas faces. É assim que surgem as histórias humanas, cada uma delas com suas essências e belezas, mesmo que banais, demonstrando o imaginário vivido pelos grupos e pelas personas que compõem tais grupos.

Vimos que cada ser constitui o seu mundo a partir da vivência com o outro. Esta é a importância da socialidade que constrói a realidade. “O mundo em que estou, portanto, é um conjunto de referências que compartilho com terceiros” (Maffesoli, 2004a, pág.48), e tais referências podem ser as mais diversas, compostas de elementos que reforçam “as inter-relações feitas de atrações e repulsas, de todas essas coisinhas insignificantes que compõem o conjunto do que chamo socialidade – todas essas pequenas coisas que podemos resumir numa

expressão: “interação simbólica” (MAFFESOLI, 2004a, p.48)”. Esse coletivo é constituído a partir da cumplicidade que pode ser chamada de *Lei do Segredo*, muito forte dentro das tribos. A máfia, por exemplo, pode ser considerada uma metáfora da socialidade, uma vez que, o segredo existente dentro deste grupo é o que o fortalece. É através do segredo que se estabelece um jogo social que sustenta a tribalização do mundo. Cada tribo tem segredos que estabelecem a união dentro do grupo. É por isso que “cada vez que se deseja instaurar, restaurar, corrigir uma ordem das coisas, uma comunidade, toma-se por base o segredo que reforça e confirma a solidariedade fundamental” (MAFFESOLI, 2006, p.157).

São os segredos dos grupos que regem suas éticas, favorecendo a auto-conservação que dá à tribo a possibilidade de desenvolver-se de maneira autônoma.

Às vezes, o segredo pode ser o meio de estabelecer contato com a alteridade no quadro de um grupo restrito; ao mesmo tempo ele condiciona a atitude deste último diante do exterior, qualquer que seja ele. Essa hipótese é da socialidade. Suas expressões podem ser na verdade, muito diferenciadas, mas sua lógica é constante: o fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal determina o estar-junto, e permite que este seja uma proteção contra a imposição, venha ela de onde vier (MAFFESOLI, 2006, p.159).

Os grupos querem assumir sua identidade, sem que pessoas ‘de fora’ interfiram nas atitudes recorrentes desta cumplicidade. Um grupo se forma na partilha de sentimentos, pensamentos, realizações e são estes atributos que regem as condições existenciais da tribo.

A força da cumplicidade, do “estar junto”, da socialidade faz da vida cotidiana uma beleza ora discreta, ora exacerbada, em que o prazer em compartilhar torna-se a essência da vida societal, oficiosa.

Pensando a importância da relação com o outro recorremos ao conceito de ambiência afetual⁸, que se reverte em troca de sensações e emoções. Enquanto compartilham um momento de êxtase, de fervor, de intensidade, numa ausência de conflito, a atração acaba sendo maior, pois nesses momentos não existem pensamentos repulsivos, pois os mesmos somente serão acionados quando ocorrer a

⁸ Ambiência afetual seria o processo de pulsão-repulsão das massas, como, por exemplo, em um show musical, onde todos têm necessidade de estar junto, de compartilhar o momento e o gosto em comum, muitas vezes sem ao menos se falarem (MAFFESOLI, 1989).

não identificação grupal, é o que Maffesoli chama de pulsão e repulsão, enquanto parte integrante da vida.

1.2 A força das imagens e máscaras dentro das tribos

O retorno da valorização da imagem é uma característica da contemporaneidade, é através dela que se vive e se percebe a complexidade do mundo contemporâneo. A estética e a aparência tornam-se prioridades para as novas lógicas apresentadas:

[...]de um modo de ser e de pensar que é inteiramente perpassado pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico, pelo imaterial. É a imagem como “mesocosmo”, isto é, como meio, como vetor, como elemento primordial do vínculo social. Como quer que esse imaginal possa exprimir-se – de maneira virtual, lúdica ou onírica – ele está aí, presente e pregnante; já não se enclausura na vida privada e individual, mas passa a ser um elemento constitutivo de um estar junto fundamental. Tudo isso pode levar-nos a dizer que o social se amplia numa socialidade, integrando de maneira holística parâmetros humanos que o racionalismo moderno havia deixado de lado. Assim, o imaginal é uma outra maneira de ficarmos atentos à sociedade complexa, a solidariedade orgânica que se esboça [...] (MAFFESOLI, 2004a, p.30-31).

Toda imagem tem seu sentido geral e particular, por isso não existe uma maneira única da pessoa se apresentar diante dos grupos. O estilo, a estilização pode se constituir na complementaridade de duas faces, “... a popular e a culta, de uma mesma realidade holística que une estreitamente a razão e o sensível, a luz e a sombra, ou, para citar duas figuras emblemáticas: Apolo e Dionísio” (MAFFESOLI, 2003, p.115), imagens reúnem o profano e o sagrado e transmitem o sentir coletivo.

As tribos se agregam em torno de ícones e imagens que as tipificam

a imagem tem uma função emocional tátil, através dela eu posso tocar o outro. A imagem na religião, tocando-se a imagem, tocava-se Deus. Na pós-modernidade tocamos no “divino social” (Durkheim) a função da imagem é nos fazer chegar a deidade; a função agregativa da imagem nos faz ascender a emocionalidade da comunhão com o outro (...). A imagem destaca os pequenos deuses que fazem uma comunidade e em torno dos pequenos deuses se faz uma congregação (MAFFESOLI, 1989).

Existe uma relação entre o trágico e a aparência, que simboliza a união entre a profundidade e a superfície, isso faz com que vejamos o homem na sua

pluralidade de variadas máscaras, sendo estas “como um auto-falante de um discurso que ultrapassa o indivíduo que o pronuncia” (MAFFESOLI, 2003, p.117). Neste sentido as máscaras permitem aos membros do grupo um “isto-desconhecido”.

A pessoa, em contrapartida, não é, senão uma máscara (persona); pontual, representa seu papel, sem dúvida tributário de um conjunto, mas do qual poderá, amanhã, escapar para expressar e assumir outra figura. O presenteísmo é sua temporalidade. Em função dele, a aparência é acentuada. (MAFFESOLI, 2003, p.118).

Tal dinâmica nos permite entender o jogo das aparências nas relações humanas porque as aparências morrem a todo instante com a troca de máscaras. Isto nos faz ver a morte sob diversas modulações, a morte de um indivíduo que, ao se tornar persona de um determinado grupo, utiliza uma máscara que o faz pertencer àquele grupo, adotando meios estéticos de pertença, mas, ela poderá ser trocada várias vezes e a persona vestirá outras máscaras em outras tribos, pois, como já foi dito, pode-se pertencer a várias tribos e as imagens serem trocadas de acordo com a sensação de pertença de cada persona em cada tribo que adere.

Quando somos notados, nossas necessidades parecem se esgotar, os desejos são saciados e nos sentimos satisfeitos, mas, muitas vezes somos apenas a aparência, e isso é consequência das angústias humanas que se escondem atrás de suas máscaras.

Nietzsche (1950, p.62) apud Maffesoli (2001, pág.154) disse: “...A aparência é para mim a vida e a própria ação, a vida que zomba demasiadamente de mim para me fazer sentir que exista outra coisa além da aparência, fogo-fátuo, dança dos elfos e nada mais”. Para o autor, tudo é imagem, e por isso a cidade, o lugar de todos os encontros, é o território das teatralidades, é nela que existem as encenações, os acontecimentos e os rituais que intensificam o profano e o sagrado. A máscara permite ser, permite viver:

A máscara, a polidez, os costumes, o conformismo são como outras tantas quase intencionais modulações da astúcia, poderíamos dizer de uma astúcia *organicamente* ligada a vida, de uma astúcia que justifica, de alguma maneira, a própria existência. A vida como tal é uma provocação, um excesso e, por isso, recupera-o. Metaforicamente, podemos dizer que o corpo nu provoca e lembra

em demasia a intensidade e a expansão da vida, a roupa esconde e resgata algo (MAFFESOLI, 2001, p.168).

Neste cenário, a pessoa é aquilo o que aparenta, por isso, as roupas, sinais e adereços, podem, ou não, colaborar para os processos de estigmatização e exclusão. A partir do que o indivíduo deixa transparecer, é que percebemos qual imagem ele pretende passar de si próprio.

Diante da tribalização da vida cotidiana e do declínio do individualismo, reconhecemos os adolescentes em conflito com a lei, membros de tribos que compõem a sociedade contemporânea. As tribos, em sua mais pura essência, vivem o “estar-junto” de forma intensa, compartilhando os mesmos ideais, os sinais de identificação através das roupas e tatuagens. Para essas tribos a Lei do segredo é realizada através de pactos que lhes permitem aceitação nos grupos onde vivem. A cumplicidade dentro da tribo é essencial até mesmo para a sobrevivência, o companheirismo é constante e a necessidade da solidariedade e dos cuidados de uns com os outros faz com que se identifiquem e se complementem, eles exaltam a existência cotidiana, através da “mistura do anedótico ao trágico” (MAFFESOLI, 1988, p.194).

O real coloca-se através das imagens construídas em grupo, por isso Maffesoli (1989) afirma que “...o imaginário não é irracionalismo, é uma maneira hiper racional de pensar a sociedade complexa, de pensar todos os seus aspectos prospectivos”. A imagem é uma espécie de ponto de referência.

Quando estudamos a pessoa em sua complexidade, buscamos conhecer o imaginário que lhe dá sentido à existência, porque é o “...arcabouço do sentir-pensar, pensar e agir da pessoa e de seu microgrupo, aquele que abarca os arquétipos primordiais, as práticas simbólicas, os ritos, as crenças e os valores organizados naquele universo cultural” (ITMAN MONTEIRO, 1998).

O imaginário é visto como a loucura que habita a pessoa e é esta loucura que faz da pessoa um ser primordial para a existência do grupo, é desta loucura presenteísta que se constitui o grupo, o aqui e o agora.

O uso de máscaras fica nítido quando observado o comportamento em grupo e o individual, pois, dentro do grupo a expressão facial fica diferente, e individualmente a pessoa se mostra mais suave. “A aparência é tudo menos individualista. Muito pelo contrário, constrói sob e para o olhar do outro” (MAFFESOLI, 2003, p.119).

Erving Goffman (1985) fala do uso constante de máscaras e de como conhecemos o indivíduo através de seus comportamentos involuntários, dos pequenos gestos percebidos pelo olhar do pesquisador.

Ao chegar ao grupo, a pessoa passa a primeira impressão aos demais, e este momento é crucial, pois a partir dele é que toda a interação será estabelecida. Se conseguir passar a impressão desejada, pode-se afirmar que começou com o “pé-direito”, pois:

a sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é. Consequentemente, quando um indivíduo projeta uma definição da situação e com isso pretende, implícita ou explicitamente ser uma pessoa de determinado tipo, automaticamente exerce uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e a tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm direito de esperar. Implicitamente também renuncia a toda pretensão de ser o que não aparenta ser, e, portanto abre mão do tratamento que seria adequado a tais pessoas. Os outros descobrem, então, que o indivíduo os informou a respeito do que é e do que eles *devem* entender por “é” (GOFFMAN, 1985, p.21).

O que se busca ao chegar a um grupo é o respeito, mesmo que para consegui-lo a pessoa, tornando-se persona, tenha que organizar todo o modo como deseja ser vista e respeitada, e isso é notado logo no primeiro contato, pois, se ela conseguiu ser vista como pretendia se sentirá mais firme para integrar o grupo, buscando confiança e companheirismo dos demais integrantes. Mas, em algum momento dentro da teatralidade que rege o comportamento em grupo e consequentemente o uso de máscaras, a pessoa pode errar durante a encenação e colocar sua reputação em risco.

Toda essa intensidade perpassa a vida diária dos micro-grupos, onde vemos luzes, mas, também a obscuridade do real. É neste meio que acontece um movimento cíclico, rodeado de repetições e circularidades. Talvez tal circularidade explique vários acontecimentos que se repetem dentro das famílias e dos grupos.

A arte da repetição faz com que a vida perdure e nos acostumemos com suas vicissitudes, com acontecimentos que se sucedem. Aderimos aos outros de acordo com nossas necessidades “em função dos gostos, das origens, dos sonhos e das

histórias ou mitos em comum” (MAFFESOLI, 2007, p.27), isso faz com que a vida siga um ritmo constante e que este seja repassado por gerações, é a circularidade.

Além da perduração da sociedade, o pensamento cíclico mostra a vida sempre recomeçada dentro do trágico social. “Na circularidade das coisas e dos pensamentos, não há mais finalidade, o sentido não é mais determinado: não está aqui ou ali, mas em toda parte” (MAFFESOLI, 1988, p.183). Quando a vida recomeça, neste caso, em outra geração, o trágico social se mantém, e gera novas tragédias.

Essa circularidade pode trazer o peso do destino, e isso faz com que se busque viver intensamente o presente, afinal, já sabem, a priori, o que a vida lhes guarda. Consomem em excesso o que o instante lhes proporciona, mesmo que isso seja caótico e amedrontante. A vida e a morte caminham juntas, por isso a necessidade de se aproveitar tudo o que é oferecido.

1.3 A beleza da banalidade cotidiana

Por mais banal que algo possa parecer, este será intensamente vivido, pois a vida cotidiana é rica em imprevistos e são eles que podem transformar a importância do momento, fazendo com que o mundo seja aceito da maneira como ele é e que os momentos sejam vividos de maneira intensa e prazerosa. Um lugar qualquer de uma cidade pode parecer banal, mas, basta que se faça diferente para que este banal se torne essencial para o momento.

A cidade, em sua banalidade, é potencialmente rica em aventuras que suas inumeráveis ruas e lugares diversos secretam, assim como o dado social, em seu aspecto mais comum, por meio do jogo da diferença, pode suscitar situações, encontros e momentos particularmente intensos. É isso que, ao contrário dos projetos exteriores, sempre reformistas, permite compreender que o cotidiano mais banal seja o cadinho da perduração da sociabilidade (MAFFESOLI, 2001, p.48).

A essa busca de se viver a beleza do que é banal se iguala a importância da socialidade, ou seja, da realidade vivida no cotidiano. A necessidade do coletivo existe para que este permita que cada ser único jogue suas potencialidades num conjunto, pois, a totalidade do grupo não consiste de uma totalidade gerada de forma abstrata por um homem ou por um grupo de homens. Maffesoli (2001) nos

explica que existe a mística da Unidade que ressurge nas histórias das sociedades humanas. De modo geral, as pessoas “unificadas” são as que se esvaziaram da perversão, deixando para trás a sombra e eliminando as diferenças, e assim, o que é chamado de coletivo não poderia, em momento algum, ser reduzido ao unitarismo, pois isso implicaria na pior das solidões. A riqueza da socialidade está em partilhar todos os momentos da vida e assim, um poderá complementar o outro.

Para melhor entendermos essa complementaridade, pensemos nas estruturas familiares, que são estruturas de base onde vemos nitidamente este mecanismo. Em famílias com mais de um filho, por exemplo, cada um se mostra de maneira diferente e assim, um acaba complementando o outro e colaborando no desenvolvimento de cada um. Isso acontece em todo e qualquer grupo, é claro que considerando as diferenças existentes entre tais, afinal, cada um tem sua localidade e seus costumes provenientes de sua cultura.

O complemento de um pelo outro gera a cumplicidade existente nos micro-grupos, fazendo com que os integrantes se conheçam e se respeitem, mostrando que cada lugar tem vida própria, com suas particularidades, não sendo em momento algum um espaço retilíneo. E este espaço tem suas potencialidades, pois, todo espaço habitado tem suas riquezas e nelas encontramos os fatos mais interessantes que distinguem os micro-grupos:

(...)nos pequenos traços do cotidiano, na atenção as esses fatos não rotineiros, nas recensões da vida associativa, no entusiasmo pela notoriedade a qualquer custo, existe uma verdade “nostalgia da comunidade” que os observadores mais lúcidos não deixam de assinalar. Aliás, não é suficiente apenas assinala-la, é conveniente extrair disso todas as consequências, a saber, em particular a profunda reticência face a uma temática da libertação. Mudar o mundo é um slogan que emana de uma lógica do dever-ser. Ora, a vida cotidiana, à imagem dos indivíduos e dos grupos sociais, é fundamentalmente imperfeita, e é sobre essa imperfeição, inconscientemente assumida, que repousam sua harmonia e seu equilíbrio, sua beleza fascinante também (MAFFESOLI, 2001, p.60).

O indivíduo é um ser incompleto, e essa incompletude exige uma relação necessária, que é a troca, pois a troca é o elemento constitutivo da socialidade. Lorenz von Stein apud Maffesoli (2001) afirma: “O indivíduo é um ser infinitamente limitado e é para superar o limite social e natural ou para vencer sua pobreza essencial que se constitui o comércio com os outros, com a alteridade, comércio que

inaugura a comunidade” (MAFFESOLI, 2001, p. 65). A comunidade é uma espécie de personalidade coletiva, que obedece às mesmas leis.

Uma das leis mais bem estabelecidas dentro dos micro-grupos é a cumplicidade. Existe um código ético estabelecido que, muitas vezes nem os próprios integrantes do grupo sabem explicar, mas respeitam acima de tudo. Neste contexto, acreditamos que a vida cotidiana “é um território onde se enraízam as alegrias e as amarguras, que, na sua banalidade escapam amplamente aos critérios de todos os tipos que sempre transferem para uma sociedade perfeita os prazeres mais simples” (MAFFESOLI, 2001, p. 70).

Ao analisarmos a vivência no coletivo vemos que a reciprocidade é o ponto chave das relações humanas. Reciprocidade é uma troca em que o grupo compartilha as mesmas experiências, podendo frequentar festas juntos ou até participar do mesmo roubo, usar drogas ou se vingar daqueles que os ‘traíram’. Tudo isso pode gerar prazer e por isso a importância de compartilharem os mesmos ideais.

Podemos chamar isso de *socialidade espacial*, onde os hábitos e costumes permitem a estruturação de certa comunidade gerando também o respeito ao espaço local e ao estar-junto, respeitando o espaço como o lugar das práticas cotidianas e, conseqüentemente, dos sonhos e devaneios. O espaço é sagrado, portanto, cada grupo tem seu espaço e para fazer parte dele deve-se compartilhar e respeitar as mesmas idéias. Socialidade é demarcar um território que é escolhido pelo grupo, qualquer lugar pode ser considerado sagrado para o grupo, pois a poesia da vida cotidiana está em todo lugar a todo momento, desde o encontro na escola até o caminho de volta para a casa.

Para os adolescentes, a rua é um dos maiores espaços de socialidade, pois se expressam sem serem “vigiados”, e então, brincam, paqueram, namoram e se intimidam com a presença de pessoas que não pertencem ao grupo deles, mas, essa timidez é por pouco tempo, logo retornam à importância do aqui e agora, que os tornam verdadeiros em seus atos. E tais verdades embelezam a vida cotidiana, pois, afinal, buscamos uma atenção à vida que seja despida de preconceitos.

“A megalópole é constituída de diversos “altares” onde são celebrados diversos cultos de forte componente estético-ético” (MAFFESOLI, 2004a, p.57), ou seja, são nesses altares, nesses lugares que a banalidade cotidiana se ritualiza. “As pessoas se reúnem, conhecem umas as outras e, com isso, conhecem a si mesmas”

(MAFFESOLI, 2004a, pág.58). São os lugares que fazem os elos e celebram mistérios, e a simplicidade das coisas e a beleza a elas destinada é que nos fazem ressaltar que:

Falar do cotidiano é se ocupar com as cores, os gostos, os sons (...). Os barulhos da rua, as cantorias populares que se expandem do bar, os rumores e as explosões de cólera vindas de um apartamento com janelas abertas, os odores das castanhas quentes no inverno, dos amendoins e dos sorvetes nos dias bonitos, tudo isso constitui esses 'nadas' que totalizam a existência (MAFFESOLI, 2001, p.206).

Devemos valorizar a época em que vivemos, contar nossa história de vida e nosso processo de desenvolvimento, e é nisso que se enquadra a cultura cotidiana e as mudanças de valores. Maffesoli, em seu texto "A cultura pós-moderna" (1989) se utiliza da idéia de Foucault, quando diz que *episteme* é "a representação social e as organizações sociais, o modo de pensar e de viver". Dessa forma, vê-se que *episteme* é algo natural que muda de época em época, mas, ressaltamos a importância de se conhecer tais mudanças, uma vez que elas fazem parte da nossa história. Quando entendemos a *episteme*, entendemos nossa época, "os elementos são os mesmos, o que muda são as configurações" (MAFFESOLI, 1989) e, quando as coisas são discutidas e entendidas, a tendência é que se mude de *episteme*, de paradigma. Este é o movimento feito pelos conjuntos sociais e mudanças culturais.

1.4 Violência dentro das tribos

A violência é uma espécie de herança que temos em todas as civilizações. Toda violência tem, por trás de atos bárbaros, uma essência, uma seriedade, que representa vida em sociedade, desordem civilizacional. As lutas travadas na sociedade mostram uma busca de fundamentos diante de relações tão desiguais, e a desigualdade um dos principais fatores de oposição entre as pessoas. Essa desigualdade não precisa ser econômica ou social, mas, toda desigualdade, seja ela de idéias ou valores gera conflitos e estes conflitos opõem as pessoas, dividindo ainda mais a sociedade em grupos, em tribos.

Diante de tantas lutas vemos que a sociedade não tem uma visão unânime das coisas e isso gera a violência social, pois, toda heterogeneidade pode causar atos violentos e é a partir desta afirmação de Maffesoli (1987) que entendemos que a violência pode ser vista como um estruturante coletivo, afinal, muita paz pode ser

recorrente da inércia, do conformismo. Chama-se tal violência de anômica. É a partir dessa violência que os grupos mostram que estão vivos e que discordam com a sociedade que os cerca. É claro que não estamos defendendo atos violentos, mas sim, tentando entendê-los já que a violência social faz parte de nosso meio. A violência tem seu lado sombrio, subterrâneo, mas “remete a uma simbiose de forças, de energias que cria ou renova a estruturação social” (MAFFESOLI, 1987, p. 25). A convivência que temos com a parte sombria da violência nos permite qualificar nossas vidas e assim viver socialmente. É uma espécie de conformidade, pois, inevitavelmente nos submetemos a adaptar-se a ela e, vivendo este trágico, tentamos superar nossos limites.

No grupo de adolescentes cumprindo medidas sócioeducativas, que foram analisados, percebemos que a ética por eles criada desvaloriza pessoas de outras camadas sociais, de outros grupos, por isso repudiam os chamados ‘boys’, pois alegam que eles têm tudo, são “filhinhos de papai”, e este fator é determinante para criar uma rivalidade entre ambos. Essa rivalidade muitas vezes é cruel e a violência aparece de modo brutal, podendo até mesmo levar a morte de algum integrante dos grupos envolvidos. A violência e a repulsa contra os chamados “boys” podem ser o meio encontrado para que esses adolescentes expressem suas revoltas com as desigualdades sociais e afetivas, pois, enquanto os ‘boys’ levam uma vida mais tranquila e aparentemente mais fácil, com o apoio dos pais e/ou familiares, esses garotos se vêem à margem do social, sem dinheiro, sem apoio familiar, sem estrutura. Mas por que os ‘boys’ não gostam dos ‘manos’? Talvez por estes serem mais notados pela sociedade devido a maneira como se vestem, ou pela coragem que aparentam ter. Na verdade há um elo entre esses grupos, é o que chamamos de força da atração/repulsão. Um elo que os fazem iguais diante de suas supostas diferenças, pois qualquer ato violento pode ser uma projeção de pessoas procurando maior espaço na sociedade. Devemos lembrar que em tudo existe uma união de diferentes aspectos, amor e ódio, por exemplo, “basta olhar um pouco mais de perto para constatar que os sentimentos mais elevados são permeados de seu contrário” (MAFFESOLI, 2004b, p.62) e tais sentimentos se elevam justamente por causa desse ponto de referência, afinal, só sabemos o que é ódio se vivenciarmos o amor, só sentimos repulsa se conhecermos a atração.

Outro ponto de importante destaque é que, ser violento pode ser sinônimo de poder dentro desta ética por eles adotada e isso é fator de pertença para o grupo.

Cometer um ato violento é sinal de coragem, valentia, uma maldade que valoriza o indivíduo. Maffesoli (2004b) constata a volta do mal com toda força referindo-se à face obscura da natureza, que pode até mesmo ser vista como 'crise'. Todos parecem ter algo de mal em si, tanto que muitos ídolos dos jovens representam um demonismo ambiente, ritualizando a morte mostrando seu aspecto inevitável. Muitos exercem a violência como forma de prazer, de desejo, é como um instinto animal enraizado no humano. Dentro dessa perspectiva do mal, a morte passa a ser algo natural, pois pode ser superada.

A violência é algo corrente em nosso meio e não permeia apenas as classes baixas e desfavorecidas, ela tomou dimensões que vão além dos nossos olhos, pois muitos atos violentos passam impunes. "A violência 'deslocaliza-se', não sendo mais possível se traçar uma espacialização geográfica da ordem/violência nas grandes cidades modernas" (DIOGENES, 1998, p.75), ela está em toda parte e vai além dos nossos olhos.

Pensando no conceito de tribo e de socialidade, vemos muitos atos violentos acontecerem em grupos, seja este como organizador do ato ou receptor. Quando pensamos nos adolescentes em conflito com a lei visualizamos atos praticados por gangues, pois, a maioria destes adolescentes andam em grupo, encontrando força e apoio nos companheiros. Quando vivemos em grupo somos mais ativos, compartilhamos atos e emoções decorrentes do estar-junto, mas, no mundo do crime esses atos compartilhados podem ser brutais e as consequências cruéis e assustadoras.

A adolescência, por ser um período de transição da infância para o mundo adulto, faz com que os pensamentos estejam borbulhando na busca do caminho mais adequado. Surgem os sintomas de responsabilidade e a necessidade do dinheiro, e as maneiras de alcançar os objetivos podem ser as mais diversas. Um dos meios para conseguir dinheiro pode ser o roubo, um dos passos para atos violentos, que poderá desencadear uma sucessão de acontecimentos. Quando se fala de violência notamos uma premissa maior em todo e qualquer discurso: "a violência é uma prática essencialmente destrutiva" (DIOGENES, 1998, p. 76) é um ato repentino que muda todo o curso de uma história.

Ser violento, muitas vezes, pode parecer sinônimo de poder, mas o poder também pode ser instituído sem violência, depende exclusivamente de quem o exerce. Dentro de um grupo, se o líder olhar a violência como forma de demonstrar

poder, provavelmente irá coagir seus seguidores, fazendo com que a vejam como tal, porém, existem os líderes que julgam a cumplicidade o ápice para se pertencer a um grupo, e só usará da violência caso as regras forem violadas. Essas lógicas são variantes para os grupos.

A violência é algo crescente na sociedade, pois está em todos os lugares, não só nas gangues de rua e no mundo do crime, mas também nas escolas, clubes, etc. Teixeira e Porto (1998) ressaltam que fatores externos, como condições econômicas, miséria e pobreza são fatores que contribuem para a violência, uma vez que “a disseminação do uso de drogas entre os adolescentes, a psicologização da educação e a permissividade que ela gerou, [...], a falta de equipamento de esporte e lazer na maior parte das cidades [...]” (p.53) são fatores que colaboram para os fatos alarmantes em relação à violência.

Na modernidade, a violência tem sido considerada como uma das figuras reveladoras da desordem e da diferença que ela ameaça introduzir. Segundo Balandier (op.cit., pp.207-212), a violência pode tomar a forma da desordem contagiosa, dificilmente controlável, de uma doença da sociedade que aprisiona o indivíduo e, por extensão, a coletividade num estado de insegurança que gera o medo. O medo, a catástrofe, o apocalipse frequentam os palcos da modernidade como os velhos monstros de retorno. Uma cultura de assombro (e um imaginário do medo) inscreve-se no corpo em movimento da cultura atual (TEIXEIRA E PORTO, 1998, p.54).

Este estado de insegurança é constante, a desordem já reina entre nós, o grande monstro do medo nos aflige e não sabemos como detê-lo. Para López (1988 *apud* Teixeira e Porto, 1998, p.56) o medo “opera como interação simbólica entre o indivíduo e a sociedade” e pode causar alguns impactos como: a transformação das relações sociais, em que cada pessoa pode ser vista como vítima, ou, pode criar novos locais de encontro, de proteção coletiva, pautados na importância da socialidade.

Controlar a violência é uma vontade quase que absoluta da sociedade, porém, algumas instituições que deveriam encabeçar este controle, aliam-se a atos violentos, causando mais revolta e, conseqüentemente, mais violência.

Teixeira e Porto (1998) também recorrem a Maffesoli para explicar o dinamismo interno da violência que estrutura a vida em sociedade, constituindo-se em força e potência que remete a conflitos. Potência se relaciona a pulsão existente no pluralismo da vida social, já que defendemos o fim do uno e a intensidade do pluralismo.

Quando um dos pólos da relação poder-potência é bloqueado, rompe-se o equilíbrio; nesses momentos, dá-se a manifestação perversa da potência, que explode em violência generalizada. [...] Esse tipo de violência é chamada por Maffesoli (1981) de *anômica*. Ela é uma resposta à violência e a dominação dos poderes instituídos, no intuito de proteger o corpo social. Manifesta-se em atos de resistência e nas diversas formas de ilegalidade e consubstancia-se em revoltas latentes que explodem ocasionalmente. É um fenômeno ambivalente que se inscreve num duplo movimento – de destruição e reconstrução – que mantém uma estreita conexão entre si, constituindo um vaivém incessante entre ordem e desordem, fundamento da estruturação social (TEIXEIRA E PORTO, 1998, p.59).

Esse tipo de violência ocorre com grupos estruturados que assumem e controlam sua própria violência, revoltando-se contra poderes instituídos, é o caso de gangues, que, quando se revoltam contra um outro grupo se utilizam do poder grupal para enfrentá-lo e usam da violência para mostrar poder. Cada grupo tem sua ética, seus valores, e lutam por eles, para mostrar que estão certos. O que vale para os grupos são as lógicas que defendem e se a violência fizer parte de tal lógica, ela será exercida para mostrar que o grupo tem suas revoltas e que busca transformações sociais diante de seus atos. A violência demonstra descontentamento, revolta, necessidade de mudança. Atos violentos mostram a força e a existência de um grupo, de um ideal, de uma busca por mudanças.

1.5 Os adolescentes e a escola

Ir à escola faz parte da dinâmica social, pois é um direito de todo indivíduo. A escola é um dos locais onde estreitamos laços de amizade, é na escola que conhecemos os diferentes grupos que compõem a sociedade. A vida escolar pode ser iniciada muito cedo e inserir o indivíduo no processo educativo; é mais um estímulo à vivência grupal, pois a escola é mais um local onde a socialidade é colocada em prática.

Quando vamos para a escola iniciamos um processo educativo baseado na dinâmica do ensino e aprendizagem. Esse percurso deve ser feito em parcerias entre professores, alunos, comunidade escolar e família. Espera-se que a instituição escolar formal prepare o aluno para a sociedade, lembrando que esta é plural e que pede ao educando uma visão ampla de conhecimentos. A pedagogia atual defende

que as práticas educativas devem trazer o cotidiano do aluno para dentro da escola, ou seja, devem fazer referência àquilo que os alunos conhecem, vivenciam. Dar aula não é apenas transmitir conteúdo, isso é uma prática ultrapassada e tradicionalista. Ensinar atualmente é trazer o aluno para o conhecimento, é fazer com que ele se reconheça como parte integrante de uma sociedade em desenvolvimento que necessita de sua colaboração para crescer.

A escola, por ser uma instituição de ensino formal deve seguir um currículo oficial para que todos os alunos tenham uma base comum de conhecimentos, mas também pode e deve ir além desse currículo. A população escolar muda de acordo com o local, com a cultura e com o cotidiano de seus alunos. A sala de aula é composta de uma heterogeneidade rica em conhecimentos. Se todos fossem iguais o aprendizado ficaria desinteressante, não haveria a esperada troca de conhecimentos que o processo de ensino e aprendizagem defende. Quando o aluno tem voz dentro da sala de aula outras culturas são difundidas, vários interesses e dúvidas vem à tona, transformando o momento da aula em um espaço dinâmico e interessante. Aprender é buscar conhecimentos que sejam relevantes e que tenham valores significativos em nossas vidas. De que adianta aprender matemática ou história se estas não têm relações com nossas vidas? De que adianta ter aula de educação física se não podemos praticar esportes diferentes e inovadores, buscando novas práticas e aptidões?

Ir à escola é entender o papel do oficial dentro de nossas vidas, é esperar que relações sejam estabelecidas para que as matérias ensinadas tenham sentido. É saber que podemos usar a matemática para somar contas do dia a dia, para saber se o dinheiro que tenho será suficiente para comprar aquela maçã que vi e senti vontade de comer. É reconhecer que a história ensinada na escola faz parte de uma cultura que deixou seus resquícios na nossa história de vida, é saber que na hora da aula de educação física poderei ensinar a meus amigos minhas habilidades no jogo de capoeira. Ir à escola é ter um espaço, é dividir conhecimentos e culturas, é ser parte integrante do processo educativo.

A vivência em grupo também é um fator importante na vida escolar, pois a escola é um grande grupo ao qual todos pertencem (ou deveriam pertencer) ao menos em um instante da vida. É dentro deste grande grupo escolar heterogêneo que aparecem alunos descontentes com as práticas educativas. A importância do que é oficioso, daquilo que é vivido fora da escola, nas ruas, no dia a dia de cada um

não é valorizado dentro do espaço escolar oficial. Estudar torna-se uma prática pouco atrativa. Atualmente, a escola parece ter perdido seu 'poder' enquanto instituição oficial de ensino, passando a exercer um papel de instituição socializadora. Ir à escola para adquirir novos conhecimentos, planejar desejos futuros, aprender a usufruir da cultura que o nosso mundo plural nos oferece é prática de poucos. A escola se tornou diversão, distração, encontro com amigos, troca de informações, etc. É uma espécie de ritual de encontro, seja dentro ou fora dela, já que muitos alunos dizem que vão para a escola, mas ficam em suas proximidades, apenas cumprindo o horário que esta estabelece.

Maffesoli (1989) afirma que “quando se pensa em educação, observa-se que houve um esvaziamento desses elementos (educacionais), agora só pode haver integração no sentido da organicidade da pluralidade”, mas, infelizmente, vemos que a escola ainda não está preparada para trabalhar com tal pluralidade, pois não consegue ao menos atrair o aluno com atividades mais lúdicas e dinâmicas.

A escola é local de troca, de vivência, é o lugar onde a criança e o adolescente conhecem o que é viver em sociedade, sem os cuidados constantes dos pais ou responsáveis, a escola prepara para o mundo, e, é através dessa interação que são iniciados os contatos com outras pessoas. Neste contexto,

a escola torna-se, então, elemento importante para assegurar a reprodução cultural e social de diversos grupos e classes. Assim, as representações dominantes sobre a infância e, posteriormente, sobre a adolescência e juventude integram a escola como um de seus espaços formativos [...]. A instituição escolar, ao se expandir, surge também como espaço de intensificação e abertura das interações com o outro e, portanto, caminho privilegiado para a ampliação da experiência de vida dos jovens (SPÓSITO, 2005, pág.89).

É na adolescência que se inicia a busca de autonomia, que se constrói identidade. Segundo Spósito (2005) a condição juvenil na sociedade tem como característica as relações humanas, tendo como agências primordiais a escola e a família. A vida em sociedade e consequentemente a ida à escola representa a passagem do mundo privado para outras instâncias de espaço público, sem ter, necessariamente, a presença do adulto, é um processo de evolução, de autonomia e auto-conhecimento.

A maioria dos adolescentes observados nesta pesquisa não frequentavam mais a escola, pois alegavam falta de vontade e pouco interesse em voltar. Outros já

diziam que, após a passagem pelo NAI, voltariam a estudar para ter um bom trabalho. Segundo Padovani (2003) que realizou um trabalho contendo um levantamento de desempenho escolar na mesma instituição por nós analisada, a própria escola peca em relação ao desinteresse do aluno, pois não mais acredita no desempenho dos estudantes e não tem sensibilidade para compreender as características dos mesmos, além de não tolerar comportamentos indesejados apresentados por estes garotos. Se transgredir leis é um dos meios para ser visto pela sociedade, não aceitar regras impostas pela instituição escolar e por professores é uma transgressão de lei, uma maneira encontrada pelo aluno para ser notado. Esse tipo de comportamento incomoda muito os professores, que não conseguem envolver os educandos no processo educativo e então, ao invés de investirem em métodos mais atraentes, com aulas mais dinâmicas, buscando saber o que seus alunos esperam da educação, os excluem das aulas, da vida escolar, do processo educativo que pode transformar vidas.

Existe uma sensação de alívio por parte dos educadores quando esses jovens são expulsos da escola. Torezan (2005) acredita que esse fato se dá devido à violência dos poderes instituídos presentes nas escolas, o que Maffesoli chama de “violência totalitária”, aquela que vem de cima, das instituições, que faz com que o jovem seja excluído quando tenta impor suas maneiras de ser e de viver, tendo como consequência, a expulsão por ‘indisciplina’, o que na verdade, é simplesmente livrar-se do ‘aluno-problema’. Tal contexto deixa claro que é o sistema educacional que não consegue lidar com os problemas de indisciplina. A autora ainda ressalta que, tal discriminação é maior com jovens infratores, pois estes apresentam uma maneira de ser diferente, com o linguajar cheio de gírias, vestes provocativas, tatuagens e demais fatores que são mal vistos pelo olhar da maioria.

Porém, o Ministério da Educação ressalta que o papel da educação no processo de formação do indivíduo permite a efetivação de relações que proporcionam respeito, identidade e dignidade (PADOVANI, 2003). Segundo Padovani, estes dados mostram o tamanho da exclusão com a população em idade ativamente escolar, comprometendo o desenvolvimento do indivíduo, assim como suas atitudes, pensamentos e preconceitos.

Tal exclusão é uma maneira de estigmatizar o adolescente. Estigmatizar é marcar, deixar um sinal, e tais fatos nos comprovam que adolescentes autores de atos infracionais são estigmatizados pelo ato cometido. A sociedade contribui para a

existência de jovens infratores, pois os discriminam, reduzindo assim suas chances de desenvolvimento. Sentido-se excluídos, os jovens que já cometeram algum tipo de infração leve, podem cair na reincidência e evoluir em suas infrações (TOREZAN, 2005).

A escola deveria ser um lugar interessante ao educando, local em que este sentisse prazer em frequentar, que tivesse espaço para aprender coisas de seu interesse, que sentisse respeito por professores e funcionários, mas, infelizmente, isso não acontece. Segundo o trabalho realizado por Torezan (2005) com adolescentes cumprindo medida sócioeducativa (Liberdade Assistida), a escola é uma espécie de 'tortura' para eles, pois não conseguem se manter dentro da disciplina exigida, como usar uniforme, não fumar nas dependências e não reagirem diante dos olhares e palavras de professores e funcionários, além de se sentirem seguidos pelos inspetores de alunos. Os adolescentes destacam o não interesse nas matérias que lhes são ensinadas, pois preferiam que o ensino tivesse maior abertura e contemplasse práticas culturais e esportivas, como por exemplo, o Hip Hop, a capoeira e a prática de skate (TOREZAN, 2005, p.58).

Como já dissemos, a escola precisa ter um currículo que atenda às demandas educacionais, mas, os professores precisam aprender a inovar, indo além da lousa e do giz. Planejar aulas diferenciadas é dar vida à beleza da aprendizagem. Aprender coisas novas traz maior interesse e valorização da educação. Poder ensinar coisas novas nos faz sentir vivos, mas esse ensinar não é papel exclusivo do professor. O processo de ensino-aprendizagem acontece de ambos os lados, pois o professor ensina o que sabe e aprende com seus alunos, e o aluno ensina o que sabe e aprende com o professor. A troca de conhecimentos é a maior riqueza da educação, e isso só pode ser feito através de uma prática pautada no diálogo, na igualdade de espaço a todos que usufruem da escola.

Para Itman Monteiro (2005), "A escola, enquanto instituição social destinada a produção e recriação de um tipo de saber humano organizado é a promotora de uma forma específica de educar, na medida em que os processos de educação do ser ocorrem em todos os níveis, instâncias e espaços sociais e societais" (p. 141-142). Se a educação do ser humano ocorre em todos os espaços, sejam estes oficiais ou oficiosos, o cotidiano do adolescente deve adentrar ao cotidiano escolar, os professores devem conhecer seus alunos, assim como a escola como um todo deve integrar-se dos indivíduos que a compõem. Exercer práticas efetivas de ensino, que

além das matérias condizentes ao currículo incluía no cotidiano escolar atividades extra-curriculares, fazia com que o aluno se reconhecesse naquele espaço.

A formação de tribos e/ou microgrupos também ocorre dentro da instituição escolar. As pessoas se conhecem e se reconhecem umas nas outras, trocam informações e experiências que as fazem integrar um mesmo grupo. Estes grupos existem dentro da sala de aula, na organização espacial, na hora do intervalo quando permanecem juntos, brincam, se distraem e aproveitam aquele momento como um lazer, e essa organização grupal ultrapassa os muros da escola, pois os grupos têm um companheirismo intensificado que vai além do universo escolar. Mas, atualmente torna-se claro o desinteresse pela escola, que muitas vezes se mostra apática diante das transformações da sociedade.

Ao fazer uma retrospectiva no tempo, retorno à cenas em que grande parte do corpo docente era permanente nas escolas, os alunos, com exceções raras, eram mais centrados, menos ruidosos e respondiam com maior presteza às exigências do professor que os avaliava. Os que não conseguiam corresponder a esses quesitos eram rotulados e tornavam-se visíveis como exemplo do que não se devia ser. Os não silenciosos geralmente eram estigmatizados pela instituição, e era atribuído às suas famílias o peso do fracasso do aluno (ITMAN MONTEIRO, 2005, p.144).

Essa retrospectiva nos mostra a diferença da escola atual, que tem um corpo docente muito rotativo e pouco comunicativo. Os alunos não respeitam mais seus professores, prejudicando o andamento das aulas e muitas vezes dominando o espaço que deveria ser do professor. Os alunos tidos como 'maus exemplos' parecem pouco se importar com a precariedade do ensino, afinal, o que eles querem é aparecer, e, por isso, quando são apontados pelos professores e pela escola como um todo, se sentem realizados.

Defende-se que a família deva estar presente em todo o processo de escolarização do educando e espera-se que o aluno venha para a escola com alguns valores morais básicos já estabelecidos. Mas, sabemos que nem todas as famílias acompanham o desenvolvimento educacional de seus filhos, e essa pouca conexão existente entre família e escola passa a ser um meio de defesa por parte da instituição educativa que muitas vezes responsabiliza somente a família, ao invés de reconhecer seus erros enquanto instituição.

O discurso oficial da escola continua a atribuir às famílias a responsabilidade pelos casos, já não tão raros, de depredação da coisa pública ou da violência física entre pares. Mesmo timidamente, os relatos de dependência e de tráfico de drogas se fazem presentes,

bem como o fenômeno da itinerância de alunos que migram, num mesmo ano, várias vezes de escola para escola. Diante da cena denominada “caos”, divide-se a responsabilidade da família com a necessidade de reformulação do ensino (ITMAN MONTEIRO, 2005, p.144).

Nota-se que os atores sociais mudaram, e com eles, suas práticas. Se o corpo docente não é mais o mesmo, os alunos também não são mais os mesmos, pois buscam um ensino diferenciado, ensino este que a própria instituição escolar parece desconhecer. As famílias também não são mais as mesmas. Falta diálogo entre as partes integrantes deste processo. A família espera que a escola eduque seus filhos para a vida e para a sociedade. A escola por sua vez espera que a família eduque seus filhos para os mesmos fins e esse jogo de empurra deixa o educando no meio das incertezas de responsabilidade, sem saber a quem recorrer e sem saber qual a verdadeira finalidade da educação. A escola deveria ser um espaço de partilha de idéias e conhecimentos, mas,

com o racionalismo da vida moderna os laços fraternos foram enfraquecidos, pois o território da memória da oralidade, do estar-junto, do ócio, do imaginal no qual se ancoravam os pequenos grupos, passou a ter cercas e cobrar ingressos. O lúdico, o espaço da fantasia e do sonho, elemento fundante da saúde mental dos grupos, restringiu-se ao domínio de alguns (ITMAN MONTEIRO, 2005, p. 145).

A escola precisa criar novas práticas, trazer o oficioso para dentro do currículo trabalhado, dando mais lugar àquilo que é aprendido nas ruas, que chama a atenção dessa população marginalizada, pois só assim o educando poderá ver algum sentido em frequentá-la. Para que os alunos sintam prazer no processo educativo, a escola precisa ultrapassar as barreiras oficiais, ampliando seu currículo, planejando aulas mais dinâmicas, que englobem as variadas culturas pertencentes ao mesmo espaço escolar, trabalhando de forma diferenciada, mostrando que a escola é a extensão da vida cotidiana.

2 VOZES SUBTERRÂNEAS EM BUSCA DE LUZES NA BELEZA COTIDIANA - UNIVERSO DA PESQUISA

Você me pergunta
aonde eu quero chegar,
se há tantos caminhos na vida
e pouca esperança no ar...
(Raul Seixas/ Paulo Coelho, 1975)

É no momento da escrita que se revive toda a poética aflorada ao longo desse trabalho, bem como todas as emoções próprias dos momentos vividos ao lado desses muitos garotos, recobertos pelos sentimentos de paz, de tristeza, de aprendizagem, de troca, de envolvimento, em busca de uma luz ao fim do túnel que lhes mostrasse a importância da vida em oposição ao acaso da morte.

Para tanto, o referencial teórico-metodológico, que nos ancora e que moveu nossa ação em campo, nos dá pistas de que as práticas realizadas no período entre 2000 e 2007 no interior do NAI e da Semiliberdade de São Carlos, enquanto medidas propostas pelo ECA, tratam o adolescente enquanto autor de ato infracional de modo re-humanizado, com o olhar posto para a pessoa, e não mais para o fato praticado por um "menor", ou seja por uma "coisa pequena". As vivências nesses universos da pesquisa indicam-nos que as Medidas Sócioeducativas adotadas pela Cidade de São Carlos estão relacionadas a uma mentalidade fundada na contemporaneidade. Tais procedimentos, enquanto essência e empenho promovidos por vários grupos sociais, ao longo de várias décadas, reverteram-se, em âmbito nacional, na aprovação do ECA, e foram assumidos tanto pelo NAI, quanto pela Semiliberdade⁹.

⁹ Há de se esclarecer que, ao contrário dessa perspectiva de ação, uma outra experiência, de reclusão total, embora fundamentada legalmente na sexta medida sócio-educativa proposta pelo ECA, aparentemente não acolheu esse novo espírito contemporâneo, em vista do modo como a Instituição é concebida e gerida. Ali as rebeliões provocadas pelos adolescentes reclusos, hora ou outra, são noticiadas pela mídia. Presume-se que, para o combate ao ato infracional e ao adolescente que o pratica, ainda são utilizados expedientes oriundos de uma violência totalitária (aquela ditada pelos discursos oficiais e que refletem nos cotidianos através das regras impostas, ou seja, o poder do instituído sobre o instituinte), que traz em sua essência os resquícios da lógica moderna de conceber a existência, ou seja, a partir da ação mecânica que homogeneiza e violentamente despreza o respeito ao Ser complexo que é fruto dessa diversidade que o torna pessoa a partir de suas múltiplas faces, de suas histórias de vida e das culturas que movem os seus grupos próximos.

Na intenção de se explicitar essa relação imbuída de uma essência contemporânea entre as medidas sócioeducativas em questão e o ECA, traçaremos aqui um breve histórico, a partir da pesquisa etnográfica¹⁰ realizada, a fim de que se possa reconhecer o entrelaçamento dos ideais e perspectivas entre ECA, NAI e Semiliberdade.

O primeiro contato com o Núcleo de Atendimento Integrado (NAI) aconteceu ao final de 2005. Fomos¹¹ recebidas pela então diretora da instituição, a fim de que pudéssemos expor nossa proposta de trabalho. De início, para mim, a proposta a ser pesquisada não estava tão clara, sabia apenas que gostaria de conhecer melhor as vivências dos adolescentes internos no Núcleo. Neste meu primeiro contato conheci o funcionamento do NAI e pudemos observar uma frase apresentada em um quadro de fotos fixado na sala de espera, em que afirmava o ideal do Programa: *“Não mais a vergonha e humilhação de um corró¹², mas, o respeito e a dignidade que recuperam a auto-estima, criam esperança e vontade de uma vida nova”*.

Em seguida, o Núcleo de Atendimento Integrado passou por uma troca de direção, o que nos impossibilitou a continuidade imediata de contato e ação. Isso se estendeu até junho de 2006, quando tivemos um novo contato com o atual diretor, que ainda estava ‘arrumando a casa’ e se organizando. Foi marcado, então, um horário de reunião para que pudéssemos apresentar o projeto de pesquisa a ser realizado e ouvir o que o mesmo tinha a nos dizer.

A conversa aconteceu na sala de audiências e, após ler o resumo do projeto, o diretor explicou detalhadamente como acontece o processo de internação no NAI, além das parcerias que são feitas dentro deste programa.

¹⁰ A pesquisa de cunho etnográfico “se interessa prioritariamente pelo que é diferente, privilegia o contato direto com a realidade humana, pretende levar a investigação até o nível inconsciente da vida social (...) procura apreender as culturas tais como as percebem aqueles que são delas portadores” (ERNY, 1982, p. 18). Fazer pesquisa etnográfica é conhecer de perto a cultura estudada, é conviver com seus membros e se abrir para conhecer um novo universo cultural. É uma “...interação contínua entre os dados reais e suas possíveis explicações teóricas, que permite a estruturação de um quadro teórico dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido” (LUDKE, MENGA, 1986, p.16).

¹¹ Quando utiliza-se a primeira pessoa do singular, trata-se apenas da pesquisadora, quando utiliza-se primeira pessoa do plural, pesquisadora e orientadora.

¹² Corró: local, com precárias condições de permanência, onde os adolescentes autores de atos infracionais ficavam custodiados, na cadeia da cidade, separados dos demais presos, antes da existência do NAI.

Após várias explicações e muitos esclarecimentos, fui levada a conhecer as dependências do NAI, me apresentou aos profissionais que estavam presentes (Assistente Social e Psicóloga), mostrou a sala de aula, a cozinha, as salas das secretarias que ali atuam. O local onde os garotos ficam foi mostrado superficialmente, pois eles estavam em horário de intervalo de aula e o diretor achou conveniente que eu conhecesse em um momento que eles não estivessem ali.

O local era muito grande, aparentemente muito bem organizado cumprindo tudo o que é proposto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente para o período de internação provisória. No entanto, foi necessário observar mais detalhadamente todo o contexto do Núcleo, e isto foi gradualmente realizado durante as visitas.

Uma semana depois, um novo contato foi estabelecido para sistematizar os dias em que frequentaria a instituição. O diretor sugeriu que a observação fosse feita em diversos lugares da instituição, a fim de poder conversar com todos os profissionais, desde os policiais, secretárias até as professoras na sala de aula e o contato mais próximo com os adolescentes.

Dessa forma, foi iniciado um contato sistemático junto ao NAI, a partir de dois encontros semanais, primeiramente no período da manhã, e depois me foi sugerido que comparecesse no período vespertino a fim de poder observar a diferença de movimentação, afinal, a maioria das ocorrências acontecem ao final da tarde, assim como as audiências e os atendimentos. Outro ponto de destaque é a rotina das segundas-feiras, onde todas as ocorrências de final de semana são resolvidas.

2.1 Breve histórico da criação e funcionamento do ECA e do NAI

O Núcleo de Atendimento Integrado da cidade de São Carlos – SP foi criado para atender adolescentes em medidas sócioeducativas estabelecidas pelo ECA, levando em consideração a re-inserção social do adolescente e não, prioritariamente, o ato infracional cometido, pois este adolescente, em fase de transição de pensamentos, desejos e vontades não é mais visto como um menor, termo que sempre desprezou as especificidades da pessoa que possui entre 12 e 18 anos de idade. A partir do ECA o indivíduo é portador de direitos e deveres e deve ter a oportunidade de se reestruturar diante das medidas sócioeducativas que lhes são oferecidas.

Tendo por base o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente em relação à ocorrência do ato infracional praticado por adolescente, o Núcleo de Atendimento Integrado iniciou seu trabalho no ano de 2000. Para melhor entendermos o avanço que significou em termos legais para o Brasil o estabelecimento da lei e da instituição em questão, passamos a apresentar alguns aspectos a respeito da história do ECA e do NAI.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei no. 8.069 foi aprovado em 13 de julho de 1990 com intenção de reestruturar o destino e a formação das crianças e dos adolescentes brasileiros. A história dos direitos e deveres da infância e juventude passou por várias mudanças. A liberação da lei do ventre livre, em 1886, que libertou meninos e meninas negras do trabalho escravo também fez com os mesmos fossem viver nas ruas em busca de uma nova vida. Contudo, as dificuldades e a falta de compromisso social os marginalizaram, aumentando consideravelmente o número de meninos e meninas nas ruas. Em 1927, com a promulgação do Código de Menores (Código Mello Mattos), é que a população com menos de 18 anos passou a ser reconhecida em seus direitos. Na década de 1940 foi criado o SAM (Serviço de Assistência ao Menor), equivalente ao sistema penitenciário para a população menor de 18 anos. O SAM trabalhava com um sistema repressivo, com reclusão daqueles que haviam sido abandonados ou cometido atos infracionais.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) foi antecessora à Declaração Universal dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembléia das Nações Unidas, que veio aumentar os direitos da população infantil.

Em 1964 foi criada no Brasil a FUNABEM (Fundação do Bem-estar do Menor) substituindo o SAM. O objetivo principal da FUNABEM era excluir o caráter repressivo do SAM e adotar uma política de trabalho assistencialista. Isso impulsionou a revogação do Código de Menores Mello Mattos, em 1979, que foi substituído por um novo código de concepção também assistencialista às crianças e adolescentes.

Com as mudanças na constituição federal, em 1988, incorpora-se no Brasil um novo modelo de políticas sociais, e de criação de conselhos nacionais. Nesta fase, uma comissão reuniu-se a fim de firmar os direitos das crianças e dos adolescentes a partir de um novo olhar para existência humana. Ficou estabelecido o artigo 227, que tornou-se a base para a elaboração do estatuto da criança e do

adolescente. Como resultado dos debates internacionais, foi validada a convenção internacional dos direitos das Crianças (1989) por todos os países membros da ONU, exceto Estados Unidos e Somália.¹³

Em 1990 foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente, revolucionando as propostas anteriores, que apresentavam uma visão reducionista da infância e juventude. A partir dessa iniciativa, a criança e o adolescente passam a ser vistos como cidadãos, portadores de direitos e deveres, na medida que os mesmos encontram-se em fase de desenvolvimento sendo que tal fase requer prioridade absoluta. Para isso, a lei no. 8.069 trata dos direitos e deveres fundamentais a infância e juventude.

Através dessas mudanças propostas em relação à concepção que se tinha sobre infância e juventude, o ECA é um documento propulsor, que visa ações diferenciadas de todos os órgãos e instituições responsáveis por essa etapa de vida do ser humano. A partir da validação do ECA muda-se o olhar da sociedade, que passa a ver primeiro a pessoa e depois o ato infracional, tirando de foco aquele que antes era chamado de “menor”, pois tal termo refere-se a algo sem identificação, e o que se pretende é valorizar a pessoa e não o ato cometido.

No intuito de colocar em prática o estabelecido pelo ECA, que deixa de lado a concepção de menor infrator, ressaltando a visão de adolescente autor de ato infracional, o NAI – Núcleo de Atendimento Integrado buscou adotar todas as medidas sócioeducativas contidas na Lei. O NAI tem um trabalho pioneiro que visa a reintegração do jovem infrator na sociedade, através de um local com acomodações dignas e com programas Sócioeducativos, visando o bem estar do adolescente através de um aparato profissional que o encaminha para uma nova vida em liberdade.

O trabalho desta instituição teve início no ano de 2000, logo após adolescentes infratores internos na FEBEM, atual Fundação CASA (Centro de Atendimento Sócioeducativo ao Adolescente) em São Paulo, incluindo os da cidade de São Carlos, vivenciarem uma rebelião que culminou com vários mortos e feridos. Em reunião realizada com responsáveis da Fundação CASA, o Juiz da Vara da Infância e da Juventude e um religioso do Salesianos, da cidade de São Carlos, ambos engajados na causa pela implementação do ECA, em defesa dos direitos da

¹³ As informações históricas sobre os direitos da infância e adolescência estão embasadas no artigo disponível na página: <http://www.redeandibrasil.org.br/eca/sobre-o-eca/linha-do-tempo>

criança e do adolescente, apresentaram um projeto que tinha como intuito municipalizar o Programa de Semiliberdade, em parceria com os Salesianos São Carlos. Esta proposta pretendia reduzir ao máximo o número de jovens a serem encaminhados à FEBEM, exercendo o artigo 88 do ECA, que diz:

São diretrizes da política de atendimento:

V- Integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e Assistência Social, preferencialmente em um mesmo local, para efeito de agilização do atendimento inicial a adolescente a quem se atribua autoria de ato infracional.

O projeto foi aprovado e o Núcleo de Atendimento Integrado iniciou o trabalho com o objetivo de cumprir o estabelecido pelo ECA em todas as instâncias do ato infracional. Com acomodações dignas, os adolescentes que cometem ato infracional recebem¹⁴ da instituição tratamento adequado e respeito à integridade física e mental. O que a instituição pretende é que os adolescentes não sejam tratados como adultos criminosos, em um ambiente de cadeias públicas, mas, em um ambiente educativo, com vários profissionais se dispondo a ajudá-los em sua recuperação, pois assim, o adolescente terão maior oportunidade de se mostrarem em sua essência, cheio de sonhos e esperanças, facilitando o trabalho de toda equipe empenhada na sua orientação e ressocialização.

Segundo Pe. Agnaldo Soares de Lima¹⁵ fundador e diretor da Instituição, o NAI pode ser considerado como referência de trabalho, pois:

- a) Dá cumprimento ao ECA (art. 88, V);
- b) Desencadeia um processo de trabalho com o adolescente autor de ato infracional e se integra com as diferentes medidas;
- c) O NAI ao atender desde os casos mais simples e que até não chegam a ser ato infracional, atua na prevenção;
- d) O NAI tem toda a sua administração partilhada, se atua em parceria, se respeita a autonomia dos parceiros;
- e) Tem como elemento forte o projeto pedagógico: o adolescente se comporta como adolescente (rebelde, contestador...) e não como bandido;

¹⁴ Afirmação pautada nas observações e vivências no período em que a pesquisa foi realizada, nos anos de 2006 e 2007.

¹⁵ Informações cedidas pelo próprio fundador da instituição (via e-mail) em documento por ele escrito e intitulado: Algumas considerações a respeito do trabalho com adolescentes autores de ato infracional no estado de São Paulo.

- f) Agiliza os procedimentos, realizando em 10 ou 15 dias aquilo que nos municípios de um modo geral demora de 6 meses a 2 anos. A proximidade e a integração dos órgãos é que permite tal agilidade;
- g) Mantém o adolescente próximo da sua família e da sua comunidade. Os pais são chamados a participar de todo o processo, desde o momento da apreensão do adolescente.

De acordo com as idéias do fundador do NAI em São Carlos, o trabalho realizado busca um sistema preventivo, diferenciando-se da Fundação CASA, que não respeita o estabelecido no ECA, não investe nas medidas de meio aberto, prioriza a internação e a construção de novas unidades, sem estabelecer parcerias e segue regras de cadeias ou até mesmo de facções criminosas, como o famoso PCC (Primeiro Comando da Capital). Esse tipo de trabalho realizado pela Fundação CASA (FEBEM) “Retira o adolescente da comunidade e o despersonaliza no meio de um grande número de adolescentes, com diferentes proveniências e experiências” (LIMA), sem vínculos nem compromissos, e assim acontecem as rebeliões, que enfatizam a precariedade de tal sistema. O NAI recebe adolescentes da própria cidade, o que favorece um contato assíduo com a família desde o momento da apreensão.

2.2 A estrutura do NAI relacionada ao Estatuto da Criança e do Adolescente

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, “Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal” (Art. 103) e “São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos as medidas previstas nesta Lei” (Art. 104).

O NAI tem uma estrutura que visa atender o adolescente em todos os princípios estabelecidos pelo ECA. Os procedimentos iniciam-se após a apreensão do adolescente em flagrante ou com mandato judicial. Levado para o Núcleo de Atendimento Integrado, o adolescente passa primeiramente pela sala da polícia, localizada dentro da instituição. Juntamente com os procedimentos legais e boletim de ocorrência, os pais ou responsáveis são comunicados e aguardados na instituição para que se cumpra o *Artigo 174* do Estatuto:

Comparecendo qualquer dos pais ou responsáveis, o adolescente será prontamente liberado pela autoridade policial, sob o termo de compromisso e responsabilidade da sua apresentação ao representante do Ministério Público, no mesmo dia ou, sendo impossível, no primeiro dia útil imediato, exceto quando, pela

gravidade do ato infracional e sua repercussão social, deva o adolescente permanecer sob internação para garantia da sua segurança pessoal ou manutenção da ordem pública.

Caso o adolescente tenha que permanecer na instituição, é encaminhado para a UAI (Unidade de Atendimento Inicial), que funciona em um espaço localizado nas dependências da instituição, com capacidade apenas para duas pessoas. É importante ressaltar que a instituição localiza-se no centro da cidade de São Carlos (figura 1), o que, no início gerou certo desconforto aos moradores dos arredores, pois todos achavam que o local poderia oferecer risco à população vizinha. Toda esta situação foi divulgada pela mídia na época da implantação do NAI, porém, atualmente nota-se que não há problemas com a localização, uma vez que a segurança do local é muito bem feita e, pelo trabalho realizado e o cumprimento legal das condições do local, os adolescentes se comportam e aguardam tranquilamente os acontecimentos legais dentro da instituição, sem riscos de rebeliões, mesmo porque, o segredo está na quantidade de adolescentes que a instituição comporta somando dois na Unidade de Atendimento Inicial (UAI) e seis na Unidade de Internação Provisória (UIP) – (Figura 2).



Figura 1. NAI – Núcleo de Atendimento Integrado, localizado no centro da cidade de São Carlos.



Figura 2. UIP – Unidade de Internação Provisória, com capacidade para seis adolescentes.¹⁶

Caso o adolescente permaneça na UAI, se estabelece o cumprimento do Artigo 175: “Em caso de não liberação a autoridade policial encaminhará, desde logo, o adolescente ao representante do Ministério Público, juntamente com a cópia do auto de apreensão ou boletim de ocorrência”. Se a apresentação imediata for impossível ele permanece na unidade de atendimento e deverá ser apresentado ao Ministério Público em vinte e quatro horas.

Geralmente, as ocorrências acontecem à noite, e os não liberados ficam na UAI. No dia seguinte, se a apresentação ao juiz acontecer no período da tarde, como de costume, o adolescente permanece na instituição e não participa das atividades realizadas com os adolescentes de Internação Provisória, já que a UAI é apenas um atendimento inicial, quem irá decidir o caminho do garoto será o Juiz da Vara da Infância e da Juventude da Cidade.

O Ministério Público trabalha em sintonia com a instituição, lembrando que o Juiz também colaborou na apresentação do Projeto que pedia a instalação do NAI na cidade. Dessa forma, as audiências acontecem sempre dentro do prazo estabelecido e os adolescentes são tratados respeitosamente. A própria instituição tem uma sala de audiências, e a maioria delas, de acordo com a disponibilidade do juiz, são realizadas ali mesmo. O que também se enquadra no Estatuto, Artigo 88 já descrito acima.

Na audiência o Juiz sanciona qual o cumprimento de medida que o adolescente cumprirá, de acordo com o ato infracional cometido. Isso é chamado pelo ECA de Advertência (Capítulo VI das Medidas Sócioeducativas, Seção II). Essas podem ser: Obrigação de reparar o dano, Prestação de serviço à

¹⁶ Fotos disponíveis no site do NAI – <http://www.linkway.com.br/nai/>

comunidade, Liberdade Assistida, Semiliberdade e Internação. Porém, nesta primeira audiência, o juiz pode encaminhar o adolescente a Unidade de Internação Provisória (UIP) antes de declarar sua sentença. A partir da apuração dos fatos e do comportamento do adolescente durante sua estadia no NAI é que será decidido qual sentença ele cumprirá.

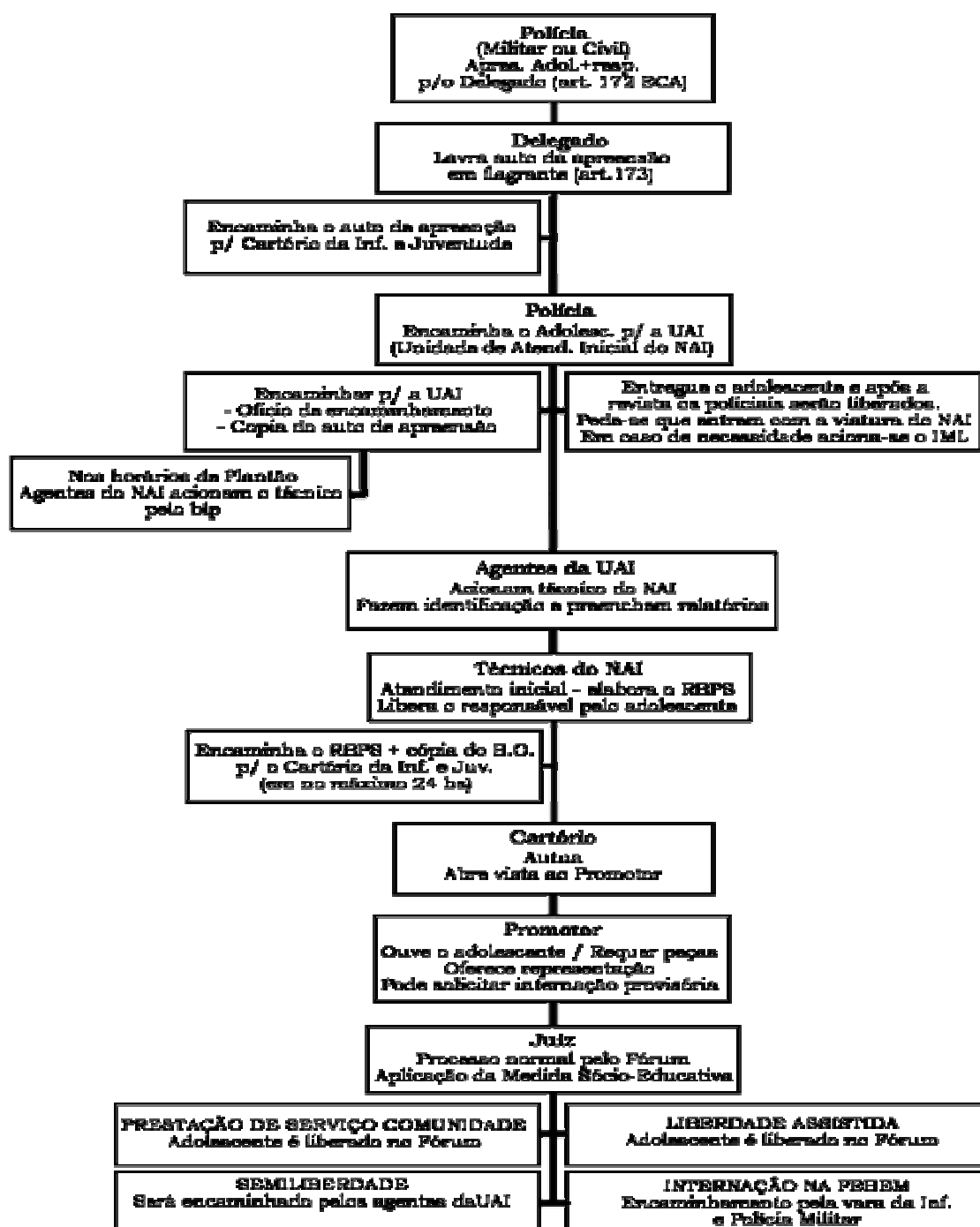
De acordo com o Artigo 108 do ECA “A internação, antes da sentença, pode ser determinada pelo prazo máximo de quarenta e cinco dias”. Tempo máximo que os adolescentes permanecem na instituição, sendo que muitas audiências acontecem antes deste período. A intenção da Internação Provisória é que o adolescente repense suas atitudes dentro de uma instituição fechada, com acompanhamento diário de vários profissionais. Para isso, o NAI disponibiliza psicólogos, psiquiatra, assistente social e professores, todos com suas respectivas salas na própria instituição. O acompanhamento com as psicólogas é feito semanalmente e em grupo. A consulta com o psiquiatra é solicitada quando o adolescente comporta-se inadequadamente, o que geralmente acontece por causa da abstinência das drogas. Caso apresente sintomas graves ou qualquer tipo de doença são levados a médicos e dentistas fora da Instituição, acompanhados por agentes educacionais e polícia.

A assistente social faz o atendimento inicial do adolescente com o responsável e preenche um questionário para investigar antecedentes do garoto e da família, além de conhecer sua situação socioeconômica, permanecendo à disposição da família enquanto o adolescente permanece no NAI.

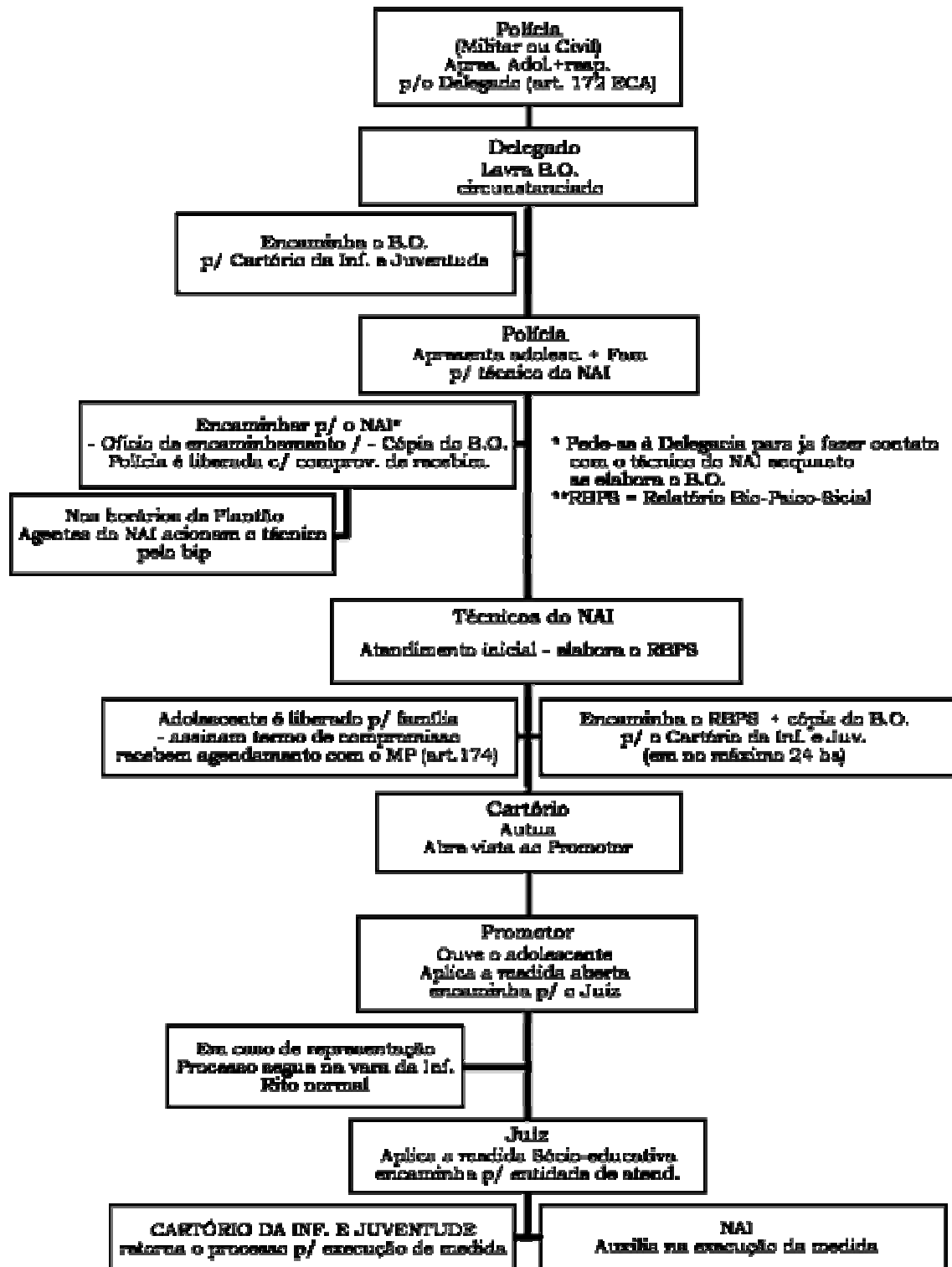
Os procedimentos seguidos pelo NAI acontecem de acordo com os esquemas apresentados abaixo:¹⁷

¹⁷ Esse esquema ilustra a sala de entrada do NAI e está disponível no site da instituição <http://www.linkway.com.br/nai/>

Adolescente autuado em flagrante, mas que não ficará custodiado por não ser ato infracional grave:



Adolescente autuado em flagrante e custodiado por se tratar de ato infracional grave:



As atividades diárias são realizadas com os adolescentes de internação provisória, sob responsabilidade de duas professoras que trabalham com o material PEC – Projeto Educação e Cidadania – um programa destinado a adolescentes em situação de risco social e que foi desenvolvido pelo CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, cultura e ação comunitária) para a FEBEM. O material é dividido em módulos que são trabalhados pela manhã. No período da tarde, são realizadas oficinas, que resultam em oito horas de trabalho pedagógico, tal qual descreve o ECA em parágrafo único pertencente ao artigo 123: “Durante o período de internação, inclusive provisória, serão obrigatórias atividades pedagógicas”.

Durante essas atividades é que o adolescente tem a chance de repensar sua vida, seus atos e atitudes, pois, diariamente, são discutidos assuntos polêmicos que os fazem relatar e repensar suas concepções de vida e estratégias de enfrentamento que realizam diante das escolhas feitas. Essas atividades são apresentadas através de módulos, divididos pelos seguintes assuntos: Educação, Família, Justiça, Saúde e Trabalho, sempre desenvolvidos no período da manhã. No período da tarde ocorrem as atividades ligadas às artes visuais e cênicas; ao conto; à correspondência falada e escrita; à educação ambiental; à hora de se mexer; aos jogos da vida; à leitura e criação de jornal; à música; à poesia; ao ponto de encontro.

Como forma de acompanhamento integrado das atividades realizadas no NAI, as professoras redigem relatórios em que descrevem a conduta do adolescente durante as aulas. Esses relatórios são encaminhados ao juiz a fim de que sejam analisados e seja dada a sentença. Caso seja indicado ao adolescente o cumprimento de um programa em regime de liberdade assistida, caberá ao mesmo apresentar-se no local onde este atendimento é oferecido. Assim como o NAI, a LA (Liberdade Assistida) tem suas dependências no centro da cidade, e está espacialmente próxima ao núcleo. Segundo o artigo 118 do Estatuto da Criança e do Adolescente, “a liberdade assistida será adotada sempre que se afigurar a medida mais adequada para o fim de acompanhar, auxiliar e orientar o adolescente”.

O que se pode verificar durante o acompanhamento feito junto aos adolescentes no Núcleo de Atendimento Integrado, é que, são encaminhados para a LA geralmente aqueles que foram apreendidos, pela primeira vez, por porte ou uso de drogas e/ou pequeno furto. A medida a ser cumprida em regime de liberdade assistida se dá ao longo de um prazo mínimo de seis meses, e neste período os adolescentes se apresentam semanalmente para o acompanhamento, onde são

recebidos por um dos orientadores que se responsabiliza pelo cumprimento do que está estabelecido no *artigo 119* do ECA:

Incumbe ao orientador, com o apoio e supervisão da autoridade competente, a realização dos seguintes encargos, entre outros:

I – promover socialmente o adolescente e sua família, fornecendo-lhes orientação e inserindo-os, se necessário, em programa oficial ou comunitário de auxílio e assistência social;

II - supervisionar a frequência e aproveitamento escolar do adolescente, promovendo, inclusive, sua matrícula;

III - diligenciar no sentido da profissionalização do adolescente e de sua inserção no mercado de trabalho;

IV – apresentar relatório do caso.

Durante a realização desta pesquisa até meados de 2008, os adolescentes que recebiam como sentença a semiliberdade eram encaminhados a uma chácara, localizada na própria Cidade, mas, afastada do centro. Assim como o NAI, a Semiliberdade de São Carlos sempre foi vista como modelo em relação às demais experiências existentes em função da estrutura apresentada.

2.3 NAI e Salesianos – uma parceria... um ideal...

O Salesianos é uma obra religiosa que, na Cidade de São Carlos existe há 60 anos, inicialmente como um abrigo para crianças e adolescentes órfãos. Há 30 anos o Salesianos deixou de funcionar como abrigo e, ainda com o mesmo objetivo de acolhimento aos mais necessitados, iniciou um percurso educativo, com trabalhos de complementação ao período escolar e cursos profissionalizantes como: informática, panificação, confeitaria, marcenaria e elétrica. Além disso, a escolinha de futebol recebe várias crianças, algumas pagantes outras não, sempre dependendo da condição social de cada uma.

Na Cidade, o Salesianos é reconhecido pelas medidas sócio-educativas que desenvolve, pois o diretor da obra, Padre Agnaldo Soares de Lima, há dezesseis anos à frente da instituição, foi o religioso que se empenhou, em parceria com o juiz da vara da infância e juventude, Doutor João Batista Galhardo Junior, na construção e implementação do ECA, no qual se incluem as medidas sócio-educativas e na implantação do NAI. Além dessas atividades, o Salesianos oferece Educação para Jovens e Adultos (EJA) e compartilha o espaço com o “Amor Exigente”, que é uma

associação de mães e familiares de pessoas dependentes químicas. Também comporta a cooperativa de costura, aproximadamente com vinte e cinco mães cooperadas. A obra realiza trabalhos sociais, tem uma paróquia e um seminário, local de moradia dos futuros padres salesianos.

Segundo o diretor do Salesianos São Carlos¹⁸ todo o trabalho realizado tem como base a Pedagogia Salesiana de Dom Bosco, um educador, que desde 1841 iniciou seu trabalho com adolescentes em prisões na Itália. Vivendo de perto a realidade dos presídios, Dom Bosco formulou um sistema educativo e preventivo, onde um dos princípios básicos é o amor educativo, sendo educadores e educandos uma espécie de família.

Na pedagogia de Dom Bosco o ambiente educativo deve ser motivador, a relação com as pessoas é primordial e a alegria é a palavra-chave. O tripé salesianos é composto pela *Razão*, *Religião* e *Amorevolezza*, sendo a *Razão* a busca da compreensão de si e do mundo, da verdade, do bem e da segurança, sempre na base de diálogo, motivação e disciplina. A *Religião* busca a descoberta do sentido da vida e de Deus, a espiritualidade alegre e o valor do 'ser' sobre o 'ter'. E a *Amorevolezza* (afeição) reflete a aceitação de si mesmo, a abertura para os outros e para a vida, a alegria de viver e de se sentir interessado. Essa pedagogia acredita que "todo jovem, mesmo que o mais rebelde, é acessível ao bem" (Dom Bosco).

O sistema preventivo elaborado por Dom Bosco e trabalhado nas medidas sócioeducativas ressalta a importância da presença constante do educador no meio do jovem para que se consiga descobrir as potencialidades desses garotos. Nesta prevenção, o lugar do educador é ao lado do jovem, como uma espécie de anjo da guarda, e não atrás deste, como um espião, um guarda. O perfil desse educador deve ser de uma pessoa mais motivada profissionalmente e menos formal institucionalmente, a fim de que olhe a situação do jovem do lugar de onde ele se encontra, aceitando a possibilidade de educar com audácia e coragem.

Esta é a pedagogia que perpassa todo o sistema educativo de Dom Bosco, do Salesianos São Carlos e das Medidas Sócioeducativas, incluindo o NAI e a Casa de Convivência Lucas Perroni Junior - Programa de Semiliberdade -, ambas

¹⁸Todas as informações deste item foram obtidas em palestra realizada em 21/02/2008 por Padre Agnaldo Soares de Lima, no evento: "A medida sócio-educativa de semiliberdade: abrindo caminhos e construindo um projeto pedagógico".

pesquisadas neste trabalho. Porém, mesmo a pedagogia Salesiana sendo uma ordem religiosa, a intenção desta nas medidas sócioeducativas não é dirigir os adolescentes ao catolicismo, mas sim, a um exercício de reflexão sobre o sentimento de sagrado vivido e dos valores universais aí implícitos.

2.4 O dia a dia no Núcleo de Atendimento Integrado - NAI

Após o contato inicial com o coordenador do NAI, iniciei as visitas semanais ao Núcleo e fui muito bem acolhida por todos da instituição, sem exceção. Conversei primeiro com a recepcionista, expliquei que pretendia conhecer os garotos mais de perto e também conhecer o funcionamento da instituição. Ela disse que trabalhava havia dois anos no NAI, mas que seu contrato estava para vencer e então iria procurar outro emprego, mas que nunca tinha tido problema com os adolescentes, mesmo porque o único contato que tinha com eles era no dia da chegada, quando passavam da sala da polícia para a custódia.

Em seguida, ela me levou para conversar com uma das psicólogas, que me explicou um pouco sobre seu trabalho. Além de atender os meninos custodiados em grupos ou individualmente, as duas psicólogas que trabalham no Núcleo atendem toda comunidade, ou seja, o atendimento é aberto ao público e principalmente destinado às escolas que recorrem ao NAI encaminhando alunos que apresentam algum tipo de comportamento considerado abusivo. A sala de trabalho das psicólogas tem colchonetes para relaxamento, rádio e muitos brinquedos infantis.

O próximo contato foi com a assistente social. Seu trabalho consiste em uma relação mais direta com a família. Assim que o adolescente dá entrada no NAI os responsáveis são chamados para assinar os papéis necessários à internação e passam por uma entrevista junto ao adolescente, que tem o intuito de averiguar a vida dos mesmos. Nesta entrevista ela realiza um relatório Bio-psicossocial onde terá uma relação sobre dados do adolescente, como nome, idade, endereço, trabalho e estudos, além de informações sobre o ato infracional por ele cometido, e dados familiares como: quantas pessoas residem na mesma casa, quem trabalha, qual a renda da família e qual o tipo de residência. São abordados assuntos sobre problemas de drogadição e antecedentes infracionais do adolescente. Ela relatou que pretendia iniciar um acompanhamento mais eficaz e constante com as famílias

dos adolescentes enquanto os garotos estivessem custodiados, além de acompanhá-los após a saída do Núcleo.

Enquanto conversávamos, o pai de um dos garotos internos chegou e ela me convidou para permanecer na sala durante a conversa. Um senhor de 64 anos, pedreiro, estava acompanhado pelo outro filho de 17 anos, para falar sobre o filho de 14 anos que estava preso há uma semana. A assistente social logo o alertou que ele deveria ter comparecido à instituição no dia do ato infracional do filho e não uma semana depois como estava fazendo e ele alegou que não pôde deixar o serviço, pois tinha acabado de conseguir emprego em uma obra.

Ambos estavam revoltados com a polícia, pois, segundo eles, tinham batido no garoto, mas antes tinham invadido a casa e revirado até o guarda-roupa e as gavetas. Então, ele queria saber se Juiz da Vara da Infância e da Juventude é que tinha mandado os policiais agirem dessa forma, pois o garoto já tinha passado pelo NAI e este pai acreditava que era o juiz que mandava a polícia agir como agem. A assistente social, com muita calma, explicou como as coisas acontecem, que o juiz dá apenas um mandado de busca e apreensão, pois o garoto não estava cumprindo a medida que lhe cabia (Liberdade Assistida), mas que a polícia agia como achava conveniente, e que se eles tinham invadido a casa a procura de drogas, é porque provavelmente existia uma denúncia deste nível.

O outro garoto, sempre de olhos baixos, resmungava sobre a polícia e dizia que *eles são folgados, que sem farda não são nada* e que se ele pegasse os policiais sem farda que eles iam ver só, porque bateram na cara do irmão dele além de o jogarem no chão.

O pai, indignado, relatava que o garoto estava até falando em voltar a estudar, mas, agora que tinha acontecido isso ele tinha medo que ele se revoltasse. Disse também que achava que seu filho tinha algum problema, pois gritava e falava muito enquanto dormia. A assistente social disse que isso poderia ser consequência do uso de drogas, mas o pai não aceitou, dizendo que seu filho não usava drogas. Ela perguntou para o irmão se ele sabia sobre o uso de drogas do irmão e ele disse que não sabia de nada, pois não andava com a mesma turma dele (um fato interessante é que este garoto que acompanhava o pai tem uma folha de maconha tatuada no braço, mas disse que nem ele nem o irmão usavam drogas).

Neste caso, como o garoto já tinha passagem pelo NAI, a assistente social apenas atualizou os dados de ambos e tentou dizer ao pai que ele deveria ser mais

firme com os garotos, falar para irem à escola, pois o que estava junto com o pai também não estudava mais, mas, a resistência dele foi muito grande. Ele contou que tenta conversar com seus filhos, mas que eles não ligam, disse que já bateu muito também, mas não adiantou. E ainda saiu de lá aborrecido com a assistente social, falando que esperava que ela não tivesse filhos iguais aos dele. Ela aproveitou a presença do psiquiatra e pediu que ele aguardasse para uma consulta junto ao filho, já que ele achava que o garoto tinha problemas mentais, pois gritava enquanto dormia.

Ele ainda esperou um bom tempo para ser atendido, e, quando eu estava indo embora, ele estava do lado de fora, fumando e aguardando o atendimento, o outro filho já tinha ido embora, e então, ele me parou e disse: *“Viu só, a gente cria os filhos para depois uma moça muito mais nova, que não tem experiência nenhuma, vir falar como eu devo criar meus moleques, tomara que ela não passe por tudo o que já passei e que ela tenha filhos que escute o que ela falar, porque não é fácil não”*.

E então, segui meu caminho pensando qual seria a culpa desse pai? Um senhor viúvo, pai de cinco filhos, morando apenas com os três meninos sendo que só ele e o mais velho é que trabalhavam. Será que existe culpa? Ele saía para trabalhar para poder sustentar seus filhos, enquanto isso, o mundo se encarregava de criá-los, bem ou mal, mas criava, e o pai pensava nas necessidades básicas, como comida e aluguel e os filhos se viam livres para seguir qualquer caminho.

O próximo contato, já em outro dia de observação foi com o guarda municipal da instituição. Existe um revezamento de turno, então conversei com o responsável pelo turno da manhã e parte da tarde. Ele disse que lá é tudo muito tranquilo, que trabalha no Núcleo desde o início, e que no começo teve um pouco de receio, pois achou que pudesse ser perigoso, mas que depois viu que não era nada disso. Nunca teve problema com os meninos e muito menos com rebelião. Depois conversei com a policial feminina que fica logo na primeira sala e a quem os meninos são encaminhados ao chegar à instituição. Muito receptiva, contou que o seu trabalho é fazer o boletim de ocorrência, fazer algumas perguntas ao garoto e encaminhá-lo à custódia. Ela disse que evita ir ao local de internação porque os garotos têm muita raiva da polícia e, se ela vai até eles, pensam que é para afrontá-los. Dessa forma, ela só tem contato com os garotos quando chegam. Disse que a

maioria a respeita e que só às vezes precisa aumentar a voz e pedir mais respeito nesse contato inicial, mas, no geral, não tem problemas.

O contato com a sala de aula aconteceu antes do previsto, pois, no segundo dia de pesquisa na instituição, o diretor me propôs uma conversa com as professoras sobre o material por elas utilizado em sala de aula (PEC- Projeto Educação e Cidadania). Convidada por uma das professoras para ir até a sala de aula tive o primeiro contato com os adolescentes. A porta que da sala de aula fica trancada e existe um agente penitenciário que fica do lado de dentro da sala e é responsável pelo acesso mediante identificação do funcionário. Quando entramos, a professora disse aos garotos que eu era pedagoga e pesquisadora e que ficaria na sala com eles por algum tempo. Apenas três garotos estavam na sala, me disseram boa tarde e continuaram realizando a atividade proposta com a outra professora. Esta sala tem uma divisória, e em outro espaço as professoras têm uma sala com computadores e os materiais que são utilizados nas oficinas. Foi neste espaço que fui recebida inicialmente.

Duas professoras são responsáveis pela sala de aula, uma contratada pela FEBEM e que trabalha há dez anos nessa área, formada em educação física, com especialização em educação. Trabalhou na FEBEM de São Paulo e de São José do Rio Preto e foi transferida para São Carlos porque o marido arrumou emprego na cidade. Está no NAI há 5 anos e disse que agora é outra pessoa até no jeito de se vestir. Relatou que pode ao menos ir trabalhar de sandália ou sapato, pois nas unidades da FEBEM era obrigada a ir de tênis, caso houvesse rebelião poderia correr com mais facilidade (argumentos do diretor da Unidade). Segundo ela, no NAI ela pode ser mais feminina, pois são poucos garotos, a chance de rebelião é muito pequena e eles são muito tranquilos. A outra professora é docente do Governo do Estado e participou da atribuição de classes e está na instituição há quase dois anos.

O material utilizado – PEC (Projeto Educação e Cidadania) foi elaborado pelo Governo do Estado (FEBEM) para atender a este período de Internação Provisória, pois, muitos adolescentes que ficavam sob custódia neste período de UIP, se estavam na escola, acabavam perdendo aula e às vezes até mesmo o ano letivo. Com este projeto, as salas de aula que existem dentro das FEBEM's e no NAI são reconhecidas pelo Estado. Matricula-se o aluno assim que ele chega à UIP, pois existem escolas vinculadas a este programa, o que dá ao garoto o direito à

educação. Caso este esteja matriculado em outra escola que não aquela vinculada à instituição, é realizada uma nova matrícula na escola vinculada para que o aluno compense sua ausência, e se perder prova ou atividade avaliativa, a escola é obrigada a recompensá-lo com outro tipo de atividade, pois essa nova matrícula é legalizada pela Delegacia de Ensino.

O material, produzido pelo CENPEC é dividido em módulos, dentro dos quais existem os sub-temas e as fichas de perguntas e respostas para a discussão do assunto trabalhado. Constituído por cinco módulos, o PEC aborda os seguintes assuntos: Educação, Família, Justiça, Saúde e Trabalho e as oficinas culturais trabalham com: Artes visuais e cênicas; Conto; Correspondência; Educação Ambiental; Hora de se mexer; Jogos da Vida; Jornal; Música; Poesia; Ponto de Encontro.

As discussões sobre os temas são feitas durante as aulas, sempre tentando mostrar aos garotos meios lícitos de uma vida digna, além disso, os direitos e deveres dos adolescentes estabelecidos pelo ECA também são muito ressaltados. As oficinas apresentam um caráter mais lúdico, onde eles criam máscaras, maquetes, artesanatos que são dados de presentes às mães nas visitas aos domingos. As professoras inovaram com aulas de culinária, para que os próprios adolescentes pudessem aprender receitas rápidas e fáceis e também comer aquilo que sentem vontade.

Neste primeiro dia de contato em sala de aula, eles estavam fazendo a oficina de máscaras. Após conversar e tirar algumas dúvidas com a professora, ela me perguntou se eu queria ir à sala falar com eles. Mesmo não estando muito preparada, pois toda situação nova causa estranheza, eu aceitei. Fomos à sala, me apresentei a eles, disse que era estudante da Unesp de Araraquara e pesquisadora e que estava fazendo um trabalho sobre adolescentes, sobre o que gostavam, pensavam, faziam, etc...e então, observaria a sala de aula deles e que talvez precisasse de entrevistas, e se eles pudessem me ajudar, ficaria muito grata. A aceitação foi boa, eles não quiseram fazer perguntas, apenas um deles me perguntou se morava em Araraquara, pois estudava lá.

Em seguida, a outra professora pediu que eles me mostrassem os portfólios, que são as pastas com as atividades realizadas em sala de aula. Esse material é mostrado ao juiz para que ele veja o trabalho realizado. Além desse material as

professoras também escrevem relatórios sobre o comportamento dos garotos na sala, o que também influencia na decisão do juiz.

Eles me mostraram os portfólios e as máscaras que tinham feito e depois ficaram conversando um pouco. Na hora de voltarem para o alojamento, despediram-se das professoras dando a mão e um beijo, apenas dois fizeram isso comigo, o outro só se despediu sem nenhum contato físico. Este primeiro contato foi muito interessante para que se estabelecesse algum tipo de vínculo, tanto com as professoras como com os garotos.

A próxima visita aconteceu em uma segunda feira que é um dia peculiar no NAI, pois as entradas ocorrem geralmente no final de semana. Em dia de novos internos, a primeira coisa a ser feita é a matrícula dos mesmos, em seguida são explicados os procedimentos a serem seguidos em sala de aula. No primeiro contato eram três garotos em custódia, no final de semana aconteceram três novas ocorrências, o que resultou um total de seis adolescentes na sala da UIP. E, para minha surpresa, um dos novos internos era aquele garoto que estava junto com o pai na conversa com a assistente social, aquele que estava revoltado com a polícia porque tinham batido no irmão dele, e que tinha dito que não sabia se o irmão usava droga, porque eles não andavam com as mesmas pessoas. Talvez não fossem as mesmas pessoas, mas, o motivo da ida ao NAI foi justamente o uso de drogas.

O outro novato foi mandado para custódia na mesma ocorrência do irmão do garoto, ambos por uso e porte de drogas. Segunda a professora, este segundo menino já tem um histórico complicado, pois tem um irmão que já passou pelo NAI várias vezes e agora está preso, por já ser maior de idade. Ela lamenta que este garoto esteja trilhando o mesmo caminho, pois já tem dezessete anos. Essas contribuições das professoras eram feitas após as aulas, elas sempre me informavam o histórico dos meninos para que eu entendesse melhor a conduta deles.

O terceiro adolescente recém chegado era de uma cidade vizinha, ainda muito franzino e com apenas quatorze anos, também foi pego com droga, fazendo 'aviãozinho' a mando de traficantes. Segunda a professora ele denunciou a 'bocada' e por isso estava lá, como uma medida de segurança, além da punição é claro. No entanto, nenhum dos garotos internos sabia disso, pois se soubessem poderiam agredi-lo afinal ele havia denunciado traficantes e isso, no mundo deles, é uma

traição imperdoável. Para todos os efeitos, ele estava custodiado por ter brigado com a mãe.

Para os reincidentes, que era o caso de quatro dos seis garotos, muitos temas discutidos em sala de aula poderiam se repetir, pois, cada módulo tem duração de uma semana, e dependendo do período em que o adolescente fica custodiado ele trabalha determinados módulos, por isso, se voltam para a instituição podem rever módulos já trabalhados.

Durante a discussão proposta no material, os alunos não demonstravam muito interesse, alguns nem queriam falar, mas as professoras instigavam as discussões fazendo perguntas para que eles refletissem sobre o tema abordado e suas consequências.

Para conhecer melhor o material utilizado as professoras me convidaram para um curso de capacitação realizado na Delegacia de Ensino para os professores que trabalham com adolescentes em medidas sócioeducativas. Na cidade de São Carlos o único local que adotou o PEC foi o NAI, mas, buscava-se adotá-lo também nas escolas que recebem o público alvo, por isso a necessidade dessa capacitação. A professora contratada pela FEBEM tinha sido uma das palestrantes em outra capacitação, por trabalhar há bastante tempo com o material. A outra professora, efetiva do Estado, participava das capacitações, pois antes de trabalhar no NAI não tinha tido contato com o material, e então contava apenas com o auxílio da docente já experiente. A capacitação teve o intuito de apresentar o material aos professores, fazendo com que cada um respondesse e discutisse os assuntos abordados, da mesma forma que é feito com os adolescentes.

2.5 As primeiras entrevistas no NAI

Para melhor compreender o cotidiano dos adolescentes infratores, achamos conveniente um contato mais próximo com apenas três dos internos, para que houvesse um acompanhamento futuro mais concreto. Até aquele momento, não havíamos definido nenhum critério para a escolha dos três jovens, porém, o contato com eles nos fez acreditar que tal escolha deveria ser feita partindo da afinidade entre adolescente e pesquisadora, para que assim, tivéssemos maiores chances de aproximação e de relatos verdadeiros.

Dois dos garotos que estavam custodiados desde o primeiro contato se mostraram mais abertos. Ambos reincidentes, pareciam ter maior descontração com tudo e com todos. Como já havia dito, desde o primeiro dia que talvez precisasse da ajuda e colaboração deles para a minha pesquisa, eles pareciam esperar algo mais concreto de minha parte. Esperava a hora certa (e ainda não sabia qual seria), para poder entrevista-los, já que este foi um dos meios escolhidos para melhor conhecê-los.

E então, logo soube que dois deles - até então mais dispostos - teriam a audiência ainda naquela semana (a terceira semana de coleta de dados). Como após a audiência eles poderiam sair da UIP, resolvi entrevistá-los o quanto antes. Conversei com as professoras, mostrei o roteiro (apêndice I) que seria utilizado e que, segundo elas, era bem semelhante a um levantamento feito pela instituição. Após a autorização concedida por elas fui em busca da autorização para os garotos. Um dia antes da audiência conversei com eles separadamente e expliquei que gostaria de conhecer um pouco mais sobre eles, as coisas que gostavam de fazer, como era a vida em casa e antes de ir para o NAI, sobre a escola e demais assuntos referentes ao dia a dia deles. Os dois concordaram em me conceder a entrevista, que foi realizada um dia antes da audiência.

Para preservar a identidade dos jovens atribui a eles nomes fictícios: Marcelo e Ricardo, eis os primeiros colaboradores efetivos deste trabalho.

No dia da audiência, que aconteceria no período da tarde cheguei à instituição mais cedo, para que a entrevista fosse realizada antes do início das atividades da manhã. Após conversar com as professoras sobre a possível duração da entrevista, uma delas chamou o primeiro adolescente a ser entrevistado, Marcelo. Ficamos na sala de aula e as professoras na sala ao lado. Mais uma vez, achei conveniente ressaltar a ele o porquê da entrevista e tentei manter a conversa com um caráter informal e amigável. A entrevista, que será contada e não transcrita, teve a intenção de conhecer o adolescente, seus gostos e costumes, e verificar suas vivências junto à família, além do contato com a escola. As entrevistas iniciais aconteceram no ano de 2006, mas serão contadas em tempo real para melhor compreensão durante a descrição.

2.5.1 Entrevista com Marcelo – NAI - Setembro de 2006

Mora com avó de cinquenta e um anos que é dona de casa, com a tia de 28 anos, desempregada, que parou de estudar na 8ª. série, o tio de dezesseis anos, que estudou até a 2ª. série do ensino fundamental, o irmão de treze anos que estuda na 3ª. série do ensino fundamental, a prima de dez anos que está na 5ª. série e com a namorada de dezesseis anos que estuda no 1º. Ano do ensino médio e ajuda a avó (dele) em casa.

Quando perguntado sobre seus horários durante a semana e fins de semana, disse que costumava acordar por volta do meio-dia, descansava o dia todo e saia para se divertir depois das 20 horas, retornando apenas 2h ou 3 horas da madrugada. O horário de trabalho, onde carregava as latas de mel era apenas das 18h às 19h, às vezes até um pouco mais tarde.

Quanto a seu relacionamento familiar, Marcelo diz não ter problemas. Segundo ele *'troca idéia'* mais com seu tio, eles conversam bastante sobre meninas e se dão bem, pois têm a mesma idade. A vida em casa *"é de boa"*. Quando perguntei sobre sua alimentação, disse que não comia direito, só uma vez por dia, às 17h.

Pedi que ele me contasse um caso alegre, e a princípio disse que não tinha caso alegre, e então pedi que ele pensasse bem, que poderia ser qualquer coisa, uma garota legal que ele conheceu, etc., e então ele disse: *"minha garota"*. Eles namoram há 2 anos e ele tem muito ciúmes dela, disse que ela tem que ficar dentro de casa ajudando a avó dele, senão ela vai ver só, que ela não tem que sair de lá.

De caso triste em sua vida ele me contou da morte de seus pais, a mãe morreu há 4 anos e o pai há 10 anos. Segundo a professora, em conversa posterior, o pai morreu de AIDS e a mãe morreu assassinada. Tanto ele quanto sua família têm medo de policiais, pois querem matá-lo.

Perguntei a ele se pudesse realizar um sonho, mesmo que esse parecesse impossível, qual sonho realizaria? A resposta foi rápida e sincera: *"Que minha mãe e meu pai voltassem, mas eu sei que isso não vai acontecer então, um dia eu vô lá com eles"*. E a vida depois do NAI, como será? *"Vai melhorar, piorar não vai mais, vou começar a trabalhar, não tem outra escolha, e voltar a estudar"*.

As perguntas seguintes foram sobre o cotidiano e a vida sócio-cultural. Perguntei o que ele gosta de fazer para se divertir, e ele disse que gosta de fumar

maconha, faz isso desde os sete anos de idade. Seu grupo de afinidade é composto por pessoas do bairro onde mora, mas, quando sai acompanhado é do tio que mora junto com ele. Como sinal de identificação eles têm camisetas da banda 'Facção Central', banda de rap que faz apologia ao crime.

Quanto à escola, disse que parou de estudar quando estava na terceira série, que não gostava de ir à escola, porque sentia raiva dos "boys" e quando ia, ficava somente até a hora do intervalo e depois fugia. Segundo ele, dava muito trabalho aos professores e funcionários. Já passou por duas escolas para fazer o supletivo, mas, parou de estudar no meio do ano. Para ele, a escola serve para que consiga arrumar um emprego melhor e para aprender mais, e a escola ideal seria aquela em que fosse permitido fumar maconha e usar boné, diferente da real, onde ele diz que não pode fazer nada. Segundo ele, de dia nada pode, e a noite é permitido fumar cigarro, mas levou maconha e o diretor pegou.

Quanto às disciplinas escolares, disse que a matéria que mais gosta é matemática, gosta de fazer contas e também se interessa por ciências, mas, odeia português, pois não gosta de escrever.

Para finalizar a entrevista perguntei como ele se vê: *"Ah, eu gosto de mim, mas não sou feliz, por outro lado, sou feliz com a minha mina, minha vó, meu tio e meu irmão. Tenho ódio do cara que matou minha mãe"*. Perguntei se ele conhecia o cara e ele disse que matou ele com 46 tiros, e que por isso estava no NAI, e que mesmo tendo um advogado ainda não tinha dado nada certo.

Perguntei como os outros o vêem, e ele disse: *"Tem uns que tem maldade, os mano da rua e da família do cara que matou minha mãe, mas lá em casa eles acham que eu sou firmão, pelo menos isso né?"* Para Marcelo a entrevista foi "boa, da hora". Mantivemos um contato amigável e o questionei com muita tranquilidade, obtendo respostas satisfatórias. O que me intrigou foi o fato de ele ter matado com tantos tiros o homem que matou sua mãe e estar no NAI por isso. Mas, em conversa com as professoras, elas disseram que ele fantasia muito esse crime, que sua passagem pela instituição sempre foi por porte e uso de drogas e que em outra internação, disse ter matado o tal homem com facadas, mas que na verdade, ele está vivo e reside perto da casa de Marcelo, o que deve lhe causar todo este desconforto. Provavelmente, seus relatos são provenientes da vontade que sente de matar o assassino da mãe, por isso, deve ter momentos de alucinações, e imaginar as diversas maneiras do crime.

Nos dias de convivência com ele na internação pude notar que ele tinha um espírito de liderança dentro do grupo, as vezes positiva outras negativa, mas era ele quem ‘falava mais alto’. Após a entrevista, no decorrer da aula, ele se mostrou muito agitado, pois era o dia da audiência. Falava o tempo todo que, se não saísse naquele dia iria colocar fogo em tudo e as professoras, agindo com muita naturalidade, brincavam com ele, pedindo para que ao menos esperasse elas saírem para incendiar a instituição. Com essa postura elas desviavam os assuntos inconvenientes e retornavam para o assunto da aula, mantendo o ambiente amigável e agradável.

2.5.2 Entrevista com Ricardo – NAI - Setembro de 2006

Neste mesmo dia também entrevistei o outro garoto que teria audiência e para iniciar a entrevista usei os mesmos procedimentos que a anterior, lembrando o motivo e explicando que o nome dele não seria revelado e que usaria as informações mais relevantes. A vontade em conhecer a história deste adolescente era muito grande, pois, por ser o mais novo (de idade) em custódia, se mostrava familiarizado com o local e as professoras demonstravam enorme carinho e preocupação com ele, pois, segundo elas, ele já havia ficado na internação por várias vezes, sempre por roubo e uso de drogas. Já dependente de crack, ficou aproximadamente nove meses em uma clínica de recuperação, mas ao retornar, aparentemente recuperado, encontrou em sua casa a mesma falta de estrutura de quando saiu. A mãe, também viciada em drogas continuava tendo uma vida desregrada, e com outros filhos mais novos para criar, o deixava de lado.

Ricardo tem 14 anos e reside em um bairro de periferia da cidade, gosta tanto do bairro quanto da casa em que mora, pois diz que é tudo muito tranquilo. Parou de estudar na segunda série do ensino fundamental e trabalhou uma vez tirando entulho perto de sua casa. Nunca teve nenhuma doença grave, apenas dor de ouvido e dor de dente. Mora com a mãe de 37 anos, que parou de estudar na terceira série do ensino fundamental e às vezes trabalha como doméstica, um irmão de 13 anos que estuda na quarta série, uma irmã de 9 anos que participa de um projeto de escolarização de uma igreja próxima ao bairro, outra irmã de 4 anos que participa deste mesmo projeto além de um irmãozinho de sete meses.

Sua diversão é soltar pipa e ficar em casa sossegado, dormindo e comendo, porque é a única coisa que tem para fazer, já que não tem televisão. Disse que dorme dois dias seguidos e depois fica na rua vários dias, que já até dormiu na rua. Quando está em casa o relacionamento familiar é tranquilo, conversa o dia todo com a mãe, que lhe dá conselhos, fala para ele parar de usar drogas, mas, segundo ele, os conselhos 'entram por um ouvido e saem pelo outro'.

Costuma acordar meio-dia e almoçar, por volta das duas da tarde almoça novamente e depois janta mais duas vezes, gosta muito de comer macarrão, mas, o que mais gosta é de maçã. Ele disse que sempre que tem dinheiro compra três maçãs e come sozinho para matar a vontade.

Um caso alegre em sua vida foi no dia em que ganhou uma correntinha de sua mãe em um aniversário e o caso triste, segundo ele, é apanhar dos outros ou brigar. Disse não ter medo de nada, que se tiver que morrer não tem problema, dos medos da família mencionou apenas que a mãe tem medo de rato.

Se pudesse realizar um desejo, teria um serviço para não ficar na rua e estudaria. Os sonhos da família: o irmão quer ter uma calça de marca e a mãe quer que ele pare de usar droga. Para ele, a vida após passar pela instituição será melhor, terá um futuro bom para ajudar a si próprio.

Também costuma jogar bola e ficar no bar jogando fliperama. Sai muito sozinho, mas quando está acompanhado é com alguém do bairro onde mora, porém, não pertence a um grupo com sinais de identificação, não gosta disso.

Em relação à escola, parou de estudar, pois foi expulso por ter levado droga. Para ele, a escola ideal não precisaria ter nada, apenas respeito, a escola real é 'da hora', mas, como foi expulso não quis ir para outra. Disse que gostava muito de fazer continha, mas que não gostava de matemática, então, eu disse a ele que era a mesma coisa, que fazemos conta em matemática, mas ele explicou, dizendo que "*continha é continha e matemática é aquele troço chato de fazer traços*". Ele disse que a escola serve para ajudar a aprender a ler e escrever (e ficou cantando uma música de um comercial sobre educação: "Pra aprender a ler, pra isso não tem hora, pode ser de dia, pode ser de noite, pode ser agora").

Uma coisa que considera um sucesso em sua vida foi ter ganho dinheiro quando trabalhou para poder ajudar sua mãe, com o suor do seu trabalho. Quando perguntei como ele se vê, me disse: "De aparência? Ah, não sei, to engordando". Os

outros o vêem como uma pessoa sossegada, com respeito. Ele disse ter gostado da entrevista.

Assim que acabavam as entrevistas conversava com as professoras, afinal, elas ficavam na sala ao lado e ouviam o que conversávamos e sempre me traziam novas informações. No caso de Ricardo, elas disseram que a mãe é uma pessoa muito comprometida com drogas e que a guarda dos filhos estava prestes a ser passada para a avó, pois ela não tinha responsabilidade alguma. Com cinco filhos de pais diferentes, não tinha a ajuda de ninguém e demonstrava carinho apenas pelo bebê, as professoras afirmaram que Ricardo, ao chegar na instituição, vinha muito magro e mal-tratado, que demonstrava muita carência e que elas o tratavam com muito carinho, uma delas chegou até falar que gostaria de levá-lo para sua casa. Essa mãe já chegou a ligar na instituição pedindo que prendessem Ricardo, pois, ele havia comido todo o macarrão feito e ela não o aguentava mais.

Mesmo com a realização da audiência eles não saíram da UIP, permaneceram na instituição por mais alguns dias, ficando um pouco revoltados. Ricardo logo se acostumou com a decisão do juiz, mas Marcelo passou a agir de forma mais agressiva, com uma liderança negativa entre os garotos, sendo até suspeito de machucar o braço de um deles e de bater em Ricardo.

2.6 A sala de aula e as atividades pedagógicas

Quando o assunto discutido em sala era profissões eles valorizavam todas, menos a de policial. Para eles é um trabalho sujo, disseram até que já foram pegos com drogas, mas que, para não serem presos, receberam uma proposta de roubar um rádio de carro para os policiais. Também mostraram muita indignação contando que a polícia coloca droga nas coisas deles, que os abordam na rua e batem sem um motivo específico, mesmo quando não estão fazendo nada de errado. Esses atos fizeram com que eles perdessem o respeito pela profissão.

A visão que eles têm sobre profissões é muito restrita, se contentam com as poucas que conhecem, como pedreiro, carregador de mel e assim por diante, não demonstram interesse em conhecer coisas novas, não pensam no futuro.

Várias vezes eles conversavam, durante as atividades, sobre valores de venda de drogas. As quantias faladas são altas e era claro que não estavam falando para impressionar ninguém, estavam apenas conversando entre si, discutindo onde

encontravam droga mais barato ou mais caro. E, realmente o que muitos deles ganham vendendo droga em um dia é o que muitos pais de família ganham no mês para sustentar mulher e filhos. E eles sustentam o vício, compram roupas de marca, tênis caríssimos e tudo aquilo que sentem vontade, é um dinheiro que vem fácil, é um negócio que não se acaba. Por isso a grande dificuldade em pensar em um emprego, onde irão trabalhar e ganhar no mês o que conseguem em um dia.

Essa é uma das maneiras de se entrar para o mundo do crime, é claro que existem outras, afinal, nem todos os criminosos são provenientes de classes sociais baixas, pois vemos, a todo momento, pessoas de diversas classes cometendo atos criminosos, o que nos faz perceber a imensidão e complexidade deste universo crescente.

Como as aulas do NAI seguem o mesmo calendário que as escolas formais, setembro é o mês dos Jogos da Primavera e as professoras têm todo cuidado em realizá-los com muita seriedade, com pontuação e prêmios aos vencedores. Os jogos são realizados em uma pequena quadra que fica entre os quartos e o acesso, pelos fundos, para a sala de aula. Os garotos se envolvem de maneira intensa e disputam cada ponto. Nesse dia eram cinco garotos, e um deles estava com o braço enfaixado, por uma possível lesão decorrente de uma discussão entre eles no período da noite, mas, mesmo assim ele participou dos arremessos e seu amigo (que já estava fora desta competição) o incentivou muito, como se fosse o técnico dele. Ficamos todos impressionados ao ver a maturidade daquele garoto, com palavras firmes, buscando a vitória junto com o amigo.

As professoras costumam tirar fotos com os garotos quando ocorre algum tipo de evento na Instituição. Na final dos jogos, tiramos fotos e os garotos adoraram, fizeram poses, imitaram as professoras e queriam mais e mais fotos para registrar aquele momento de socialidade. Como um ritual de passagem desta etapa de jogos da primavera, foi realizada uma confraternização onde os prêmios seriam distribuídos aos vencedores. As professoras pediram doações para que pudessem presentear todos. No dia da confraternização, até os garotos que já estavam liberados da internação foram participar e buscar seus prêmios.

Enquanto isso na UAI chegava Junior, um garoto famoso na instituição. As professoras já haviam falado sobre ele quando mostraram fotos de confraternizações realizadas com os meninos. Nessas fotos, esse garoto chamava atenção pela sua idade. Ainda muito novo já tinha inúmeras passagens pelo NAI, e elas me afirmaram

que eu logo o conheceria, pois ele sempre voltava para lá. E assim aconteceu, nessa mesma semana dos jogos ele registrou entrada na instituição e, como é de costume, permaneceu na UAI por dois dias. Sua internação dessa vez aconteceu por descumprimento de medida, pois estava na semiliberdade e se evadiu.

Pela rotatividade do público, novos garotos chegaram à instituição e junto a eles, casos interessantes. Junior, passou para a UIP, Daniel e Eduardo, internos pelo mesmo boletim de ocorrência (assalto a mão armada na instituição que estudavam) também chegaram naquela segunda-feira, assim como Everaldo, que voltou ao NAI por não cumprir corretamente a Liberdade Assistida e por uso de drogas, Marcelo e Ricardo (já entrevistados) permaneciam na instituição.

Esse grupo foi um dos mais interessantes no decorrer da pesquisa. Daniel já tinha passagem pelo NAI, por um histórico de porte e uso de drogas, mas nunca tinha ficado na internação. Eduardo não tinha passagem, e estava com Daniel no cometimento do ato infracional. A impressão que ele passava era de total arrependimento e ódio por Daniel, como se a culpa dele estar lá fosse do outro, pois, embora tivessem entrado juntos, Eduardo mal falava com Daniel, e todas as atitudes dele pareciam incomodá-lo. Ele olhava o companheiro com desdém, e, cada palavra por ele pronunciada, que, inicialmente, se mostrou muito agressivo e rude, causava uma espécie de vergonha em Eduardo. Era a repulsão inicial por estar privado de liberdade.

Marcelo queria mostrar liderança, afinal, era o que estava há mais tempo ali, enquanto isso, Junior permanecia quieto e isolado, pois, segundo as professoras, ele era visto como ‘encrqueiro e briguento’ e Marcelo não gostava dele por passagens anteriores, quando tiveram alguns atritos, e isso era nítido, pois, nos primeiros dias Junior não se relacionou com os demais, somente com as professoras, que sempre foram atenciosas com todos.

Na semana seguinte, a Oficina trabalhada no Projeto Educação e Cidadania foi a de música. E a ansiedade foi geral quando os garotos viram a movimentação de vários instrumentos. Quando fomos para o pátio cada um pegou um instrumento e começaram a tocar com muita alegria, batucaram o tempo todo, Daniel cantou Rap muito empolgado (fazendo rap repente), jogaram capoeira, tocaram berimbaus, dançaram baile e deram saltos ‘mortais’.

Junior ficava de lado o tempo todo, brincando com a bola de basquete e toda vez que pegava um instrumento alguém ia e tirava dele, pois o grupo todo estava

interagindo e ele não. Como tinha um instrumento a menos, era ele quem ficava sem. Foi neste momento de interação que surgiu a oportunidade de conhecer a “casa” deles, pois a oficina aconteceu no pátio, ao lado da casa. Antes de entrar, a professora pediu permissão a eles para que pudesse me mostrar a casa, alguns foram junto, no intuito de contar onde dormiam e como procediam dentro do espaço deles.

A casa tem uma pequena cozinha, onde fica uma mesa e a televisão, depois o banheiro e o quarto, que tem capacidade apenas para seis garotos, como eles estavam em sete, Eduardo estava dormindo em um colchão no chão.

Dentro do quarto tem uma lousa e nela estava escrito o nome de Daniel e vários números de artigos. Ele foi um dos que me acompanhou na visita à casa, e perguntei a ele o que significavam aqueles números e ele me disse, com muita naturalidade, que eram todos os crimes que ele havia cometido (orgulhoso daquilo). Pedi para que ele me dissesse quais eram, pois eu não sabia distinguir todos aqueles números de artigos, e então ele relatou: assalto a mão armada, porte de drogas, tráfico e terrorismo (fogo em ônibus, na época dos ataques vindos do PCC). Neste dia, Daniel se mostrou mais amigável, pois até então, era o mais revoltado do grupo. Acredito que tenha extravasado suas energias através da música, pois cantou com muita intensidade e foi muito elogiado pela facilidade em fazer rap de improviso.

A força do estar-junto, da intensidade do reconhecer-se através do outro fez da oficina um sucesso, os garotos se divertiram muito e cuidaram muito bem dos instrumentos, sempre um chamando atenção do outro para não fazer algo que estragasse os instrumentos. Eduardo tocou berimbau e ensinou a professora, ele toca muito bem e joga capoeira.

Na semana seguinte, novas mudanças. Finalmente saíram Ricardo e Marcelo, que permaneceram tempo máximo na instituição, e mais dois garotos, ficando apenas, Junior, Eduardo, Daniel e o recém chegado Mário.

O módulo Crescer e Aparecer foi trabalhado apenas com Eduardo e Mario. Junior e Daniel não participaram das atividades, pois tinham brigado no dia anterior e estavam na UAI como forma de punição. Esse módulo do material traz uma ficha onde os garotos relembram coisas do passado e analisam o presente e nesta atividade Eduardo demonstrou o amor incondicional que sente pela mãe. É o filho mais novo e o único que ainda mora com ela, uma senhora de sessenta e três anos,

separada do marido, que vive de costuras e artesanatos feitos por ela, e também da solidariedade dos amigos. As reações de Eduardo ao falar da mãe eram algo comovente e sincero, ele se emocionou várias vezes, e alegou sentir muita falta dela durante a internação. Mario demonstrava muita mágoa do pai, que, segundo ele tem vários filhos (um deles é Carlos, que entrou posteriormente no NAI) e nem se lembra dele, além disso, a mãe tem sérios problemas com drogas, o que motivou a perda da guarda dos filhos, que passou para a avó materna.

Durante a aula Eduardo se mostrou ainda mais amigável e muito dócil. Ao contar um pouco da sua trajetória de vida, descobri que estudamos na mesma escola e frequentamos a mesma igreja, em épocas diferentes, e isso me fez pensar que tivemos as mesmas oportunidades e uma pequena diferença de gerações fazia com que agora ocupássemos lugares tão diferentes: eu, pesquisadora, ele, adolescente infrator. Neste dia, intrigada com toda sua história, pedi a ele permissão para que pudesse entrevista-lo e ele concordou.

2.6.1 Entrevista de Eduardo – NAI - Outubro de 2006

Eduardo tem 15 anos e mora em um bairro muito bem localizado junto com a mãe e gosta de morar lá, pois os amigos estão próximos. Já trabalhou em um lava rápido e nessa época ajudava a mãe financeiramente, que tinha um trabalho informal como costureira. O pai foi embora há três anos e atualmente tem outra família. Eduardo é de religião católica, mas parou de frequentar a igreja devido às más companhias. A única doença que teve, assim como o pai e a mãe, foi dengue, há dez anos. Segundo ele, o relacionamento com a mãe é muito bom, com bastante diálogo, já com o pai diz não ter muito contato e demonstra mágoa.

Em relação à alimentação, disse que come “pra caramba”, de tudo, menos verduras e legumes. Aos finais de semana gosta de comer macarronada e seu prato preferido é a feijoada.

Para ele, um caso alegre será sua saída do NAI e a cura da doença da mãe (que tem diabetes). Um caso triste foi a mãe ter ficado doente e seu maior medo é perder a mãe. Sobre os medos da família não soube responder. Seu maior sonho é comprar uma casa para a mãe, pois, acredita que o sonho dela é a casa própria. Ele diz que irá melhorar sua vida após a passagem pela instituição, trabalhando e estudando. Se sente feliz sendo jovem, pois tem coisas boas, como a diversão, mas

coisas ruins como as proibições e regras. Para ele uma pessoa nunca deixa de ser jovem.

Se pudesse fazer algo para mudar o mundo ele acabaria com a fome, a miséria e a desigualdade. Seus amigos são os da escola e do bairro onde mora e o sinal de identificação do grupo são as roupas. Ele não tem um melhor amigo e nem sempre anda em grupo, às vezes sai sozinho. Diz que para ser bom amigo tem que ser parceiro, nunca errar e ser do bem.

Em relação à escola, diz que gosta de estudar de vez em quando e que prefere ler a escrever. Para ele, a escola deveria oferecer mais esportes. Tem vontade de fazer faculdade de Educação Física para ser professor de capoeira, assim como seu mestre (da capoeira). A matéria que mais gosta é ciências, porque o professor é muito legal e também história, a que menos gosta é matemática. Já foi expulso de uma escola por indisciplina (briga) e antes de dar entrada no NAI estava estudando na sexta série, no local onde cometeu o ato infracional (assalto a mão armada acompanhado de Daniel). Já passou por três escolas, e já reprovou por causa de faltas, pois não frequentava as aulas por não gostar da professora. A escola real é chata porque tem muita gente, a escola ideal é a escola onde estava antes de ir para o NAI, pois não tem inspetores e são poucos alunos nas salas.

Ele considera como sucesso na escola ter chegado até a sexta série, pois seu pai o desestimulava, falando que ele não conseguiria. Ele diz que gosta de frequentar a escola, pois lá ele aprende de tudo, educação e respeito. O sucesso na vida foi quando comprou um fusca, na época em que trabalhava no lava - rápido, mas o carro foi preso por falta de documentos.

No cotidiano, gosta de jogar basquete e, quando está em casa, costuma acordar meio-dia, descansa depois do almoço e quando sai para se divertir o horário gira em torno das 22 horas e o retorno às 5 horas. Não faz tudo o que tem vontade, pois a mãe o impede (exemplo: de sair e fumar). Diz não usar maconha, mas seus amigos sim. Também gosta de jogar vídeo-game e assistir desenho, às vezes lê um livro pequeno. Seu tipo de música preferido é o rap e o hip-hop. Ele se vê como um cara legal e as pessoas o vêem como gente boa.

De todos os entrevistados em período de internação provisória, Eduardo foi o mais comunicativo, mas, os outros não deixaram a desejar. Após as três entrevistas realizadas, as observações em sala de aula continuaram, sendo feitas até dezembro

do ano de dois mil e seis. No decorrer desses meses chegaram ao NAI adolescentes conhecidos e temidos pelas professoras, pela agressividade e pela ficha criminal.

A conversa sobre os delitos cometidos era algo comum, falavam com naturalidade de roubo de computadores e os valores pelos quais revendiam, assim como motos roubadas e compra e venda de drogas. Alguns contavam, outros conversavam entre eles, sem o intuito de se aparecer.

Dos adolescentes então atendidos, um era recém saído da FEBEM (atual Fundação CASA) e carregava todos os vícios do local, como, por exemplo, referir-se às professoras por 'senhora' e sempre de olhos baixos. Como ele já tinha passagem pelo NAI, as professoras o conheciam bem, e disseram que toda aquela educação apresentada era apenas para impressionar. Um outro garoto que também preocupava as professoras estava novamente de passagem pelo NAI. Elas disseram que, das outras vezes, ele tumultuou todo o bom andamento do trabalho em classe, é muito mal educado e arruma confusão com facilidade, mas, dessa vez estava aparentemente mais calmo. Esses dois garotos permaneceram na instituição até a audiência e em seguida retornaram ao regime fechado da Fundação CASA.

Com este acompanhamento etnográfico tivemos a oportunidade de conhecer vários garotos. Uns mais receptivos e comunicativos, outros mais quietos e desconfiados, mas todos com seus valores. Os delitos foram diversos, desde uso de drogas ou pequenos furtos para sustentar o vício, até homicídio. Muitos dos que ali passaram, deixaram suas marcas, seja por comportamentos indevidos ou pelo carinho demonstrado nas horas de alegria e bondade. Nem todos gostam do rumo que a vida levou, alguns aparentam ser rudes, mas são dóceis, outros aparentam ser dóceis e são cruéis. Alguns não querem ao menos lembrar o que fizeram, outros sentem orgulho em dizer que são 'bandidos'.

O mais interessante é que eles se cuidam, e uma das histórias mais interessantes que conheci durante essa pesquisa foi a do adolescente de 17 anos, que chamarei de Robson, que batia no peito dizendo, com todo orgulho, que era ladrão, com o garoto de 14 anos, que chamarei Carlos. Pegos no mesmo delito, de assalto a mão armada com uma quadrilha de maiores, chegaram juntos ao NAI. O mais velho tinha cara de 'mau' e já conhecia todas as regras da instituição, pois já havia estado lá. O mais novo não sabia de nada e não queria saber, mostrando sempre muita resistência com as professoras na hora de realizar as atividades em sala de aula.

Toda vez que Carlos se mostrava desinteressado, Robson o lembrava que deveria fazer tudo o que fosse pedido, pois o juiz ficava sabendo do comportamento dele. Enquanto assistíamos a um filme proposto pelo material, Carlos dormiu, e Robson, indignado, o acordou, alertando-o de que não poderia dormir na aula, que tinha que prestar atenção no filme, pois aquilo era exercício, e sempre complementava suas 'broncas' dizendo: aqui eu sou teu pai, você tem que aprender comigo. E Robson contava com orgulho que Carlos já era do mundo do crime, que tinha se comportado como ladrão de verdade, pois, quando a polícia o pegou, mesmo tendo apanhado muito, ele não 'dedurou' os demais. E essa é a lógica do mundo do crime, uns ensinando os outros da maneira como devem agir para que possam ser cúmplices e companheiros. Após o NAI, os dois foram encaminhados para a chácara de semiliberdade.

Na despedida e agradecimento ao ótimo acolhimento que tive de toda a instituição, eu e mais duas estagiárias que estavam conhecendo o trabalho da instituição, preparamos uma confraternização, com lanche, bolo e refrigerante. Fizemos surpresa para os garotos internos após o intervalo da aula, e todos ficaram muito felizes, porém, tímidos. As professoras explicaram para eles que estávamos finalizando nossas visitas e, como forma de agradecimento tínhamos organizado aquele momento. Em seguida elas pediram que falássemos algo para eles e assim o fizemos, com um discurso carinhoso de total agradecimento, mas de coração muito apertado em deixá-los.

Um dos garotos, em nome do grupo, nos agradeceu pelos comes e bebes e disse que era difícil encontrar pessoas que se importassem com eles, então, que eles queriam agradecer pelo nosso carinho e atenção e que nunca iriam nos esquecer. Antes de saírem da sala, já no fim do horário de aula, todos nos deram beijos e abraços e mais uma vez agradeceram.

A vivência com eles nos mostra a grandeza e a miséria da vida, a beleza e o desafio de ser adolescente em uma sociedade tão plural, rodeada de grupos, tribos e valores. Cada tribo tem sua ética, sua estética, por isso, como afirma Maffesoli no prefácio da terceira edição francesa (2000, p. 11) de *O tempo das tribos*:

"O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social". Esses meninos vivem o tribalismo e a essência do comunitário, da importância de

pertencer a um grupo, realizar trocas, rituais, vivenciar as mais variadas emoções e viver intensamente tudo o que a vida cotidiana lhes oferece.

2.7 Semiliberdade - A Casa de Convivência Lucas Perroni Jr.¹⁹

Na intenção de dar continuidade ao acompanhamento iniciado no NAI, fui para a Casa de Convivência Lucas Perroni Junior, onde dois dos adolescentes entrevistados cumpriam a medida de semiliberdade. Marcelo e Eduardo estavam na casa, mas Ricardo, que tinha sido encaminhado para a Liberdade Assistida não estava cumprindo a medida, o que impossibilitou um acompanhamento prévio. As notícias que tive dele não foram as melhores, pois, em contato posterior com as professoras fiquei sabendo que ele continuava usando drogas e tinha passado novamente pela instituição por causa de furto.

Para melhor compreensão do espaço e funcionamento é conveniente fazermos um histórico do Programa de Semiliberdade. A Casa de Convivência de São Carlos visa colocar em prática o que é estabelecido pelo ECA em relação ao regime de Semiliberdade. De acordo com o Artigo 120 “O regime de semiliberdade pode ser determinado desde o início, ou como forma de transição para o meio aberto, possibilitando a realização de atividades externas, independentemente de autorização judicial”. Neste período, a escolarização e profissionalização são obrigatórias e a “Medida” não tem prazo determinado para ser concluída, mas, ainda segundo o ECA, se for necessário, utilizam-se as mesmas disposições relativas à internação (Artigo 120, parágrafo 2º.).

Os adolescentes da Casa de Convivência normalmente são aqueles que passaram pelo NAI ou pela Fundação Casa (antiga FEBEM) e foram encaminhados para o cumprimento da Medida de Semiliberdade, até que sejam (re)inseridos em meio aberto. A maioria deles residem na Cidade de São Carlos, contudo alguns garotos de cidades vizinhas também são encaminhados para a “Semiliberdade” por ser a mais próxima de sua região.

Após a audiência existem duas possibilidades estabelecidas pelo Juiz: o adolescente poderá voltar para sua casa e apresentar-se à Casa de Convivência na

¹⁹ Lucas Perroni Junior foi um cidadão da Cidade de São Carlos que colaborou intensamente e por vários anos com as obras do Salesianos - faleceu no ano de 2000 e foi homenageado tendo o seu nome na Casa de Convivência.

data marcada, ou então, poderá ir direto do Fórum para a “Semiliberdade”, tendo seus pertences encaminhados posteriormente.

Quando se apresenta à “casa”, o adolescente traz o mandato judicial e tem um contato inicial com o coordenador da “semiliberdade” e a assistente social, que cuidam de sua recepção e acolhida. Neste primeiro contato, o adolescente e sua família passam por uma entrevista de “anamnese”, a fim de que sejam obtidos os dados gerais sobre saúde, escolarização, condições econômicas, etc. em seguida, esse garoto recebe um manual, contendo as regras a serem seguidas na “casa” e as vantagens de ser cumprida corretamente a “medida de semiliberdade”.

O adolescente é apresentado aos demais participantes do programa e à equipe que trabalha na “Casa”, a qual é constituída por uma Assistente Administrativa, um Hortelão, a Assistente de Serviços Gerais e oito Educadores, que acompanham os adolescentes diariamente, desde o despertar até a hora em que estão dormindo. Estes educadores dividem-se em turnos e trabalham em duplas, e ficam atentos a todos os movimentos e atitudes dos garotos, pois fazem um relatório individual de todos, contendo uma pontuação diária, relacionada à conduta de cada um.

O adolescente é levado a conhecer a Casa de Convivência, local que irá permanecer por no mínimo seis meses. A chácara onde está instalada a “semiliberdade” é um espaço que foi cedido por seu proprietário, que estava à procura de um caseiro com a finalidade de que o mesmo mantivesse o local bem cuidado. ao saber disso, o coordenador do NAI e da “Semiliberdade”, propôs que o espaço abrigasse o projeto, e assim foi feito, a “Chácara” passou a receber todos os cuidados necessários.

A “Chácara” possui um espaço muito amplo, com horta (Figura 3), viveiro de mudas (Figura 4), Convivart, um espaço coberto para a realização de atividades diversas (Figura 5) e duas casas, sendo uma a que abriga os adolescentes (Figura 6) e outra a administração do projeto (Figura 7). No terreno ao lado o espaço possui o que chamam de “chacrinha”, com mais uma casa que dispõe de salas mais amplas, geralmente utilizadas para reuniões. É na “chacrinha” que existem as ovelhas, que também são cuidadas pelos adolescentes.



Figura 3. A horta cultivada na Casa de Convivência com o auxílio do hortelão e dos adolescentes.



Figura 4. Viveiro de mudas



Figura 5. Convivart



Figura 6. A casa que abriga os adolescentes em fase de semiliberdade.



Figura 7. Casa da administração da semiliberdade

A casa onde os garotos moram durante este período tem varanda, sala com sofá e televisão, uma cozinha, apenas com a pia, pois as refeições são oferecidas no refeitório que fica entre as duas casas (Figura 8), dois banheiros e três quartos, com camas e armários individuais. A casa da administração tem a sala da secretária, a cozinha, onde as refeições são preparadas pela assistente de serviços gerais, a sala dos educadores, a sala dos técnicos e dois banheiros. Nos fundos desta casa encontra-se o tanque, onde os próprios adolescentes lavam suas roupas, seguindo uma escala semanal (Figura 9).



Figura 8. Refeitório



Figura 9. Local onde os garotos cuidam de suas roupas.²⁰

Durante o cumprimento da “Medida” os adolescentes têm direitos e deveres descritos no manual que o adolescente recebe ao chegar. Ele fica com seus pertences, recebe objetos necessários para sua higiene pessoal, roupas de cama e banho. Também tem direito a receber visitas e telefonemas de seus responsáveis quantas vezes forem solicitadas. Os especialistas do programa apenas solicitam que sejam avisados com antecedência. Caso haja necessidade de atendimento médico ou odontológico o educador acompanha o adolescente ao posto de saúde mais próximo. A escolarização e profissionalização também são direitos dos adolescentes em “Semiliberdade”, por isso, todos são matriculados regularmente em escolas de ensino formal e em cursos de capacitação profissional.

A Casa de Convivência mantém contato constante com as escolas que os adolescentes frequentam, fazem reuniões com os diretores e coordenadores para que o trabalho realizado pela casa seja conhecido e para que saibam sobre a importância e o direito dos adolescentes serem bem recebidos na escola. Caso eles apresentem algum problema em período de aula, os especialistas da “Semiliberdade” ficam à inteira disposição da escola, assim como as escolas se mostram à disposição quando são solicitadas informações sobre frequência, desempenho e comportamento dos garotos.

No primeiro mês o adolescente não vai para a casa de seus responsáveis, a única atividade externa é a escola. Transcorridos os trinta primeiros dias, ele poderá

²⁰ Fotos tiradas em 18/07/2008.

sair nos finais de semana de acordo com o comportamento apresentado ao longo das atividades semanais.

As atividades realizadas na casa de convivência valem pontos que demonstram o desempenho e a conduta de cada um. Além das atividades, o respeito aos educadores e colegas, a frequência e bom rendimento escolar e o não uso de drogas ou bebidas alcoólicas também entram na soma dessa pontuação, que traz benefícios aos meninos. Esses pontos são contados diariamente e somados no final da semana. Com a somatória é que se estabelece a saída para a casa dos responsáveis e demais direitos adquiridos.

No decorrer da medida, os direitos são os estabelecidos no *Artigo 124* do Estatuto da Criança e do Adolescente:

São direitos dos adolescentes privados de liberdade, entre outros, os seguintes:

- I – entrevistar-se pessoalmente com representante do Ministério Público;
- II – peticionar diretamente a qualquer autoridade;
- III – avistar-se reservadamente com seu defensor;
- IV – ser informado de sua situação processual, sempre que solicitada;
- V – ser tratado com respeito e dignidade;
- VI – permanecer internado na mesma localidade ou naquela mais próxima ao domicílio de seus pais ou responsável;
- VII – receber visitas, ao menos semanalmente;
- VIII – corresponder-se com seus familiares e amigos;
- X – ter acesso aos objetos necessários de higiene e asseio pessoal;
- X – habitar alojamento em condições adequadas de higiene e salubridade;
- XI – receber escolarização e profissionalização;
- XII – realizar atividades culturais, esportivas e de lazer;
- XIII – ter acesso aos meios de comunicação social;
- XIV – receber assistência religiosa, segundo a sua crença, e desde que assim o deseje;
- XV – manter a posse de seus objetos pessoais e dispor de local seguro para guardá-los, recebendo comprovante daqueles porventura depositados em poder da entidade;
- XVI – receber quando de sua desinternação, os documentos pessoais à vida em sociedade.

Caso o adolescente apresente conduta indesejada, poderá receber regressão da medida, adiando sua saída ou ainda, uma sanção provisória de internação no NAI, o que muitas vezes acontece pelo não retorno após os finais de semana ou comportamentos indesejáveis e preocupantes dentro da semi.

O contato com a família é fortalecido nas reuniões semanais com os especialistas. Essa reunião acontece aos sábados antes da saída dos meninos para suas casas. Todos os responsáveis são atendidos conjuntamente, para que passem por um momento de reflexão sobre a importância que exercem na vida do grupo, e também, na relevância de se estabelecer na “Casa” um ambiente sadio e acolhedor para todos.

Segundo o coordenador e a assistente social da Casa de Convivência, a hora da reunião gera muita ansiedade nos adolescentes, tanto pelo encontro com seus responsáveis, que trazem notícias do bairro, de amigos e conhecidos, como pela possibilidade de retornar, ou não, à casa da família para passar o final de semana, sendo que os garotos só saem da Casa de Convivência acompanhados, caso tenham atingido a pontuação necessária que lhes concede tal benefício.

O atendimento das famílias é algo muito importante, pois é indispensável que eles conheçam o trabalho realizado com os adolescentes dentro da Casa de Convivência, para que possam incentivá-los ao cumprimento da “Medida”, na boa conduta dentro da casa e na busca de um futuro melhor, utilizando os cursos que são oferecidos para gerar renda e estabilidade financeira para todos. É claro que alguns destes adolescentes têm famílias comprometidas ou até mesmo envolvidas com tráfico ou roubo e, nestes casos, a atitude dos especialistas é de um contato redobrado, tentando alertar a família sobre os perigos dessa vida e da importância de darem bons exemplos aos adolescentes.

2.7.1 As atividades da Casa de Convivência e o caminho para a progressão dentro da medida

Os adolescentes, em conjunto com os educadores, realizam atividades diárias dentro e fora da Casa. O despertar acontece às 6 horas, eles tomam café da manhã e realizam a primeira atividade do dia, que é a limpeza da casa. Esta limpeza segue uma escala, onde cada semana um adolescente é responsável por um determinado cômodo e assim sucessivamente. Alguns dos meninos realizam cursos no período da manhã, e para que a limpeza não seja prejudicada, eles fazem sua parte antes de saírem da Casa. Esta atividade se estende até aproximadamente nove horas da manhã, quando param para tomar um lanche e fazem uma oração/reflexão

As demais atividades do dia se dividem em: cuidar da horta, do viveiro de mudas e das ovelhas, com estas atividades eles aprendem a importância do cuidar, pois sabem que as plantas, as verduras e as ovelhas dependem deles. Segundo os educadores que lá atuam, essas atividades criam nos meninos um sentimento de responsabilidade, colaborando para que saibam cuidar, por exemplo, de outros seres humanos. Além disso, as tarefas realizadas podem favorecer o auto-sustento, pois a horta é fonte geradora de renda, o viveiro de mudas recebe o auxílio financeiro de uma empresa que compra as mudas para que sejam replantadas e o cuidado com as ovelhas também é um trabalho remunerado, oferecido aos adolescentes que tiverem interesse em desenvolvê-lo.

A proposição de tais atividades tem por objetivo, além da obtenção de possíveis lucros, trabalhar o potencial do garoto, para que o mesmo possa “descarregar ou repor suas energias”. Os que preferem trabalhar na horta são aqueles que querem gastar as energias físicas, pois os movimentos são mais intensos, muitas vezes trabalham com a enxada para formar canteiros, andam para observarem se as sementes estão sendo regadas da maneira correta, etc. Os que escolhem trabalhar no viveiro de mudas são os mais cautelosos e pacientes, pois lá são cultivadas mudas de plantas, que necessitam de cuidados e atenção ao serem manuseadas. Já os que trabalham com as ovelhas percebem a importância no trato de um animal e de todos os cuidados necessários na hora de sua alimentação e tosa. Com essas estratégias que solicitam cuidados, responsabilidade, afeto e atenção no manuseio dos animais, os especialistas entendem que o “programa” propõe a possibilidade de um recomeçar aos adolescentes em “semiliberdade”.

É na busca deste recomeçar que se consegue a progressão dentro da medida. Durante a estadia na “Casa”, cada adolescente tem uma pasta com o chamado “Caminho da Liberdade”, que é uma forma lúdica de acompanhar os sucessos ou fracassos dentro da “Medida”. É como um tabuleiro de jogo, onde ele pode visualizar sua ida para frente ou para trás, de acordo com seu comportamento, que ele acompanha através de sua pontuação diária. Tudo isso é registrado nesta pasta de livre acesso ao adolescente. Isso facilita a compreensão em relação à conduta a ser tomada e os meninos têm a possibilidade de reverterem o quadro semanal.

Quando a pontuação semanal atinge 65 a 70 pontos (máximo) eles ganham na pasta o símbolo referente a esta pontuação (estrela), de 52 a 64 pontos ganham

uma meia lua, de 38 a 51 pontos uma carinha triste e quando conseguem a pontuação mínima entre 23 e 37 ganham como símbolo uma bomba. Esses símbolos são carimbados na pasta e eles ficam ansiosos quando sabem que irão receber a estrela ou a meia lua.

Este sistema de pontuação controla as saídas dos finais de semana da seguinte forma: com a bomba ele permanece na Casa de Convivência, com a carinha triste tem direito a sair no domingo de manhã e retornar à tarde, já com a meia lua ele poderá sair tanto no sábado quanto no domingo, e retornar no horário estabelecido e com a estrela dorme na casa de seus responsáveis, saindo no sábado de manhã e retornando no domingo à tarde, sempre com horários a serem cumpridos.

Esta pontuação interfere na mudança de etapa do adolescente em relação à Medida Sócioeducativa que cumpre. Estas etapas são analisadas a cada três semanas, de acordo com a combinação de símbolos recebidos, que trazem diferentes benefícios e mostram se o adolescente está preparado ou não para ser re-inserido na sociedade.

Na primeira etapa o adolescente permanece no quarto um, com capacidade para seis garotos. Na etapa dois ele muda de quarto, com apenas quatro camas, além disso, pode dormir em casa nos finais de semana. Já na etapa três ele vai para o quarto com apenas três garotos, e, além de ter mais privacidade, pode dormir em casa e retornar uma hora mais tarde. Porém, para trocar de etapa o adolescente deve provar sua mudança de atitude e comportamento, isso será primordial para obtenção de tais benefícios.

Todo este jogo envolve o adolescente em seu caminho da liberdade, colaborando na boa organização da Casa e na compreensão dos adolescentes em relação às atitudes e regras estabelecidas. Alguns adolescentes se adaptam facilmente ao regulamento, já outros sentem maior dificuldade em entender e aceitar o esquema de pontuação, os benefícios e as regras. É função do coordenador da “casa de convivência” a articulação de um diálogo constante, a fim de que “o jogo” seja explicitado quanto aos benefícios que o acompanhamento diário promove, porque permite esclarecer aos adolescentes que eles são os responsáveis pela progressão na medida, e não os educadores, que apenas atribuem os pontos nas pastas de cada um. O jogo está ali, à disposição do jogador, desafiando-o diante das múltiplas escolhas da vida.

2.7.2 O acompanhamento dos garotos no Programa de Semiliberdade

No primeiro contato com a assistente social da casa, perguntei sobre o comportamento de Eduardo e Marcelo e, segundo ela, Eduardo era um dos mais disciplinados e as possibilidades de permanecer na casa apenas o tempo mínimo eram grandes, pois estava se saindo muito bem, trabalhando com o viveiro de mudas, participando das atividades, estudando e tendo contato frequente com a mãe, o que facilitava a ressocialização. Já Marcelo, há mais tempo na chácara que Eduardo, demonstrava problemas advindos das saídas nos finais de semana. Várias vezes retornou à casa com fortes indícios de uso de drogas, tanto que realizava acompanhamento para redução de danos com o uso de drogas, além disso, a avó, que sempre foi muito presente enquanto ele estava no NAI, havia se ausentado do processo de recuperação do neto e não participava assiduamente do trabalho e das reuniões voltadas à família, o que dificultava a conscientização da família no recebimento do garoto aos finais de semana. No caso de Marcelo, a avó apresentava problemas com alcoolismo e o tio com drogas, o que facilitava o acesso aos delitos quando voltava para sua casa.

Depois da conversa com a assistente social fui revê-los. Eles se mostraram bem tímidos, mas foram muito educados, mostraram a casa e o quarto onde dormiam. Eduardo conversou mais, disse que estava fazendo curso de confeitiro e que já sabia decorar bolos muito bem, Marcelo estava se arrumando, pois ambos iam para a escola. Despedi-me e disse que voltaria para que pudéssemos conversar mais.

Ainda em conversa com a assistente social percebi certa preocupação com Eduardo, que se mostrou tão empenhado no cumprimento da medida. Ela temia que o garoto pudesse ser influenciado pelos demais e até mesmo por Daniel, companheiro do ato infracional, e se deixar levar pelo comportamento inadequado de alguns moradores da casa.

Aproveitei para perguntar-lhe sobre o Daniel, com quem também tive contato enquanto estava no NAI, ela disse que o pai é muito envolvido com tráfico e possivelmente faz parte do crime organizado. Além disso, parece sustentar o uso de drogas do filho, deixando-o ainda mais envolvido. O pai comparecia às reuniões, e dizia aconselhar o garoto a não fazer nada de errado para não ser preso.

Após este primeiro contato no final do ano de 2006, iniciei visitas semanais à Casa de Convivência em fevereiro de 2007. Fui convidada pelos técnicos da Casa a frequentar as reuniões dos educadores, uma maneira de conhecer o funcionamento e os acontecimentos, já que a reunião é o momento em que se socializa a conduta de todos os adolescentes. Essa participação nas reuniões também colaborou em um contato frequente com os garotos, mas, de forma rápida, pois a maioria deles ia para cursos pela manhã e na escola no período da tarde.

Eduardo era o que menos ficava na casa, pois fazia cursos de panificação, confeitaria, informática, formação e esporte e capoeira, o que tornou nosso contato mais restrito, mas sempre buscava informações sobre ele e, quando tínhamos a oportunidade de nos encontrar, conversávamos bastante e ele me contava sobre os cursos, sobre as visitas da mãe e sobre a vontade de sair da semiliberdade.

As aulas de pintura em tela tiveram início na própria Casa de Convivência, e logo na primeira semana os resultados foram surpreendentes (Figura 10). Na segunda semana fui acompanhar a aula e buscar oportunidade para conversar mais com Eduardo que participava. Neste dia ele me perguntou do NAI, se ainda continuava a pesquisa lá, perguntou das outras estagiárias, das professoras e disse que não via a hora de ir embora, que logo teria audiência e que sairia dali.



Figura 10. Telas pintadas pelos adolescentes nas aulas oferecidas na semiliberdade

Porém, os relatos feitos por educadores durante as reuniões diziam que o comportamento dele havia piorado muito, ele estava sendo mal educado com todos, não realizava as atividades da casa efetivamente como quando chegou e perdia

pontos constantemente por conduta indevida, chegando até a ficar em internação novamente no NAI por aparecer na Casa com uma arma de brinquedo. Essa mudança de comportamento era nítida na maneira como ele se relacionava com os demais garotos. Estava usando gírias que antes não usava, tinha assumido um espírito de liderança negativo e instigava os outros em brigas e discussões.

Nessa fase de semiliberdade, ficou difícil saber se ele usava máscara para ser bem aceito no grupo ou se estava sendo ele mesmo, mas, é possível perceber nos outros a impressão que o indivíduo passa, por isso, era mais provável que o uso de máscaras estava acontecendo na intenção de ser bem aceito pelo grupo. Na internação Eduardo se mostrou de maneira mais pura, já na semiliberdade, com um maior convívio de aproximadamente oito meses com os demais adolescentes, adotou outra postura, talvez na intenção de impressionar aos demais e ser bem aceito no grupo.

Conversando com o garoto destaquei a impressão de que seu comportamento estava diferente no momento em que o mesmo foi 'grosseiro' com um educador. Quando relatei minha percepção a ele, ele se defendeu, dizendo que era como antes, mas que já estava sem paciência, pois ali na Casa "pegavam muito no pé dele".

Tive a oportunidade de visitar a casa de Eduardo juntamente com a nova assistente social e um educador da Casa de Convivência, pois estavam realizando um trabalho mais intenso de acompanhamento das famílias, tanto dos garotos que estavam cumprindo a semiliberdade como dos recém saídos da Casa de Convivência. A casa em que Eduardo e a mãe moram é bem localizada e extremamente simples, fica em um terreno com outras casas. A mãe de Eduardo nos recebeu muito atenciosamente e falou dele o tempo todo, das suas preocupações e da alegria que sente quando o filho passa os finais de semana com ela. A preocupação da assistente social é a parte financeira, pois ela não tem renda fixa e já foi encaminhada a um local para que providenciem uma aposentadoria ou pensão. Devido ao pouco dinheiro, a mãe diz que conta com a colaboração de amigos e que costura e borda na busca de uma renda extra.

Visando uma nova compreensão de sua conduta, propus a Eduardo outra entrevista, uma conversa informal, onde ele pudesse me contar mais do seu dia a dia e da vida dentro da semiliberdade.

2.7.3 Entrevista com Eduardo – Semiliberdade – Junho de 2007

Nessa nova conversa, por existir mais afinidade, iniciei pedindo que ele contasse sua história de vida. Eduardo nasceu no Pernambuco e foi para São Carlos aos oito anos de idade, sempre morando com a mãe e pai. Passaram por vários bairros periféricos da cidade. A relação familiar sempre foi boa, mas o pai foi embora há três anos e nesse tempo eles se viram duas vezes. Segundo ele, isso é indiferente, mas nota-se um tom de ressentimento quando o assunto é o pai.

Quando criança gostava de brincar na rua com os amigos, e jogava iôô, prática que ainda exerce. Sua trajetória escolar, já relatada na primeira entrevista é relembrada e ele enfatiza que sua relação com a escola nunca foi boa. A mãe sempre acompanhou seu desempenho escolar e faz isso até hoje, mas o pai não. Para ele, falta na escola aulas mais criativas, não só a rotina diária. Ele diz que a escola proporciona o avanço dos conhecimentos, mas que, pouco se lembra disso quando está lá.

Começou a sair em busca de diversão aos 14 anos, e nem sempre a mãe sabia, saía escondido de casa para encontrar os colegas da escola e do bairro. No dia a dia, antes da internação no NAI, acordava tarde e ficava a tarde toda na rua, segundo ele, fazendo 'arte'. Quando perguntei o que era essa 'arte' contou que ficava atrás de drogas (vender, buscar, levar), voltava para casa na hora de ir para a escola, mas ficava na aula até a hora do intervalo, e voltava para a rua neste percurso descrito das drogas. Nessa época ele disse que ainda não usava drogas, iniciou o uso aos 14 anos, chegando a utilizar maconha e cocaína. Segundo ele, o uso de drogas lhe dava sensação de liberdade. No início, apenas os amigos usavam, mas ele não aguentou e usou. É interessante ressaltar que na primeira entrevista ele disse que nunca tinha usado drogas.

Para se divertir gosta de jogar capoeira e dançar black. Ele diz que sua tribo é a das pessoas que gostam de dançar black, seu grupo de amigos compartilha o mesmo gosto. Para ele, amizade é como amor de mãe, quando a pessoa quer ver você bem. Dentro do mundo em que vive (dos adolescentes infratores) ele diz que existem adolescentes que querem ser mais que os outros, por isso, ele diferencia colega de amigo, pois colega se faz em qualquer lugar, já amigo é aquele que fica junto, que acompanha. Ele diz que tem apenas uns quatro amigos de verdade, inclusive dentro da Casa de Convivência. Ele se identifica com esses amigos, pois,

eles se complementam, o que é um sinal efetivo da vida na tribo. Ao ser questionado sobre sua personalidade, ele diz que é 'cabeça dura' como o pai, e que não consegue mudar.

Em relação às leis existentes dentro do grupo, pensando na semiliberdade, pedi que ele me falasse algumas para conhecer melhor as regras que eles criam. As 'leis' citadas foram: não cobiçar a mulher do próximo, não roubar a droga do outro, não aceitar estupro, pois existe muita mulher no mundo e não é certo machucar uma mulher, nunca 'dedurar' ninguém, não levar para fora da semiliberdade o que acontece lá dentro.

Segundo ele, nunca enfrentou nenhuma barreira, o que nos leva a pensar que nem a internação nem a semiliberdade foram vistas como problemas. Ele ressalta que o fato do pai ter ido embora foi considerado como uma pequena barreira, mas que depois arrumou uma namorada, tentou não pensar mais nisso e conseguiu superar. Sugeri a ele que pensássemos na internação como uma pequena barreira e pedi que me contasse o que sentiu e o que faz para superá-la.

Disse que na hora de sua internação só pensou na barra que sua mãe enfrentaria, tentou pensar que não seria tão ruim assim. Disse que na internação sentia muita raiva, tinha um estresse muito alto, acordava muito nervoso, pois os outros garotos 'enchiam o saco'.

Perguntei a ele como se organizam dentro da Casa de Convivência para solicitar as coisas que precisam. Disse que todos os domingos sentam e conversam sobre o que querem e que juntos solicitam o que é de interesse comum. O relacionamento é bom entre eles e mesmo os novatos já conhecem bem o funcionamento da casa e das regras do grupo.

Ele diz não ter 'papas' na língua, é cabeça dura, não aceita determinadas regras, como a redução do cigarro dentro da casa. Essa regra o fez estourar um saco de pancadas na casa, pois o cigarro o 'salvava' de várias coisas, como pensamentos maldosos, ele fumava e se acalmava.

Quanto aos sinais de identificação disse que usa as mesmas roupas que os BBoys (dançarinos de braik), que são as roupas largas, mas já se sentiu discriminado por usar essas roupas por causa da polícia. Não gosta de tatuagens, brincos e piercings.

Indaguei sobre um possível uso de máscaras, perguntando se ele era ele mesmo a todo tempo ou se usava algum tipo de 'máscara' para se disfarçar ou ser

bem aceito. Ele relatou que em alguns lugares tem que ser meio diferente do que é na realidade, como por exemplo, na semi, pois, se ele fosse quem realmente é não sairia nunca da medida, e lembra que já estava na casa há sete meses. Ele não quer mudar a maneira de falar e de se vestir e já falou isso tanto para o coordenador da semiliberdade como para o juiz, mas diz que mudou bastante em relação ao que era lá fora, diz que a semi o ajudou bastante e acredita que isso vai permanecer mesmo depois que sair. Quando usa máscara é porque precisa e não porque quer.

Segundo ele, quando chegou à instituição era um 'capetinha' e agora está tentando ser um anjinho. Aprendeu a ser mais humilde em tudo. Diz que dentro da casa não gosta de alguns educadores, pois se mostram de um jeito para eles e por trás agem de outra maneira, que não é preconceito em relação aos educadores, mas sim, com a personalidade de alguns deles. Para o futuro, pretende mudar de vida, trabalhar, realizar o sonho de comprar uma casa para a mãe e viver. E que assim seja.

Dos adolescentes que deram entrada no NAI no período da pesquisa, apenas dois, além de Eduardo estavam na Casa. Com a evasão de Marcelo e o não cumprimento da medida de Ricardo, achamos pertinente dar continuidade às entrevistas com Daniel e Junior, na busca de concluir a pesquisa com o acompanhamento de três adolescentes, como havia sido proposto.

O roteiro utilizado foi o mesmo que para Eduardo, o que os diferenciava é que este já havia passado por uma primeira entrevista, em fase de internação, com objetivos semelhantes e os demais a fariam pela primeira vez. Por conhecermos o histórico desses dois garotos, tanto pelas informações da instituição como pelo convívio na internação, acreditamos que não prejudicaria o desenvolvimento da pesquisa.

2.7.4 Entrevista com Daniel - Semiliberdade – Junho de 2007

Daniel tem 17 anos, nasceu em São Carlos, mora com os pais e mais 4 irmãos, morou em um bairro de grande periferia até os 14 anos e depois mudou-se. A relação na casa é boa. Quando criança gostava de jogar futebol e brincar na rua.

Nunca parou de estudar, mas não gosta de ir à escola, vai porque é obrigado. Mesmo antes de entrar na instituição estudava porque queria terminar o ensino

fundamental. Quando entrou na instituição teve a obrigação de continuar e atualmente cursa o 1º. Ano do ensino médio. Diz que o interessante da escola são os amigos e as meninas e que a matéria que gosta é matemática.

Começou a sair em busca de diversão com 14 anos, e ele enfatiza que sempre com a autorização do pai. Seus amigos são de bairros diversos e da escola. No dia-a-dia, antes da internação, acordava as dez horas, tomava café da manhã e ia para a rua. À tarde frequentava a escola e a noite ficava na rua de novo, no bar, jogando fliperama. Aos finais de semana não tinha muito lugar para ir, às vezes jogava bola e quando saía para se divertir ia para danceterias.

Perguntei o que gosta de fazer para se divertir, e ele disse que não sabia se podia falar, mas, acabou dizendo que é fumar maconha, que isso o deixa feliz. Seu círculo de amigos vem da escola e para ele é indiferente ficar sozinho ou em grupo, mas gosta do grupo para conversar, falar sobre a vida para seus amigos. Ele diz que a amizade é uma corrente, que tem que ter uma força nisso e cita Eduardo como um amigo. Diz ter personalidade semelhante a do pai e mostra grande afinidade com ele, diz que conversam bastante e que o pai sabe que ele faz uso de drogas.

Em relação às leis existentes dentro do grupo, ele afirma que tem que existir confiança e dá um exemplo: se chega um garoto na Casa de Convivência, e o outro sabe que ele é errado e não fala para eles, os dois irão apanhar. Para ele ser errado é ser 'jack' (que comete estupro) e 'cagueta'. Quanto aos usuários de crack eles alertam para não fumarem, pois sabem que faz mal, se preocupam com os outros porque não querem o mal, e ele cita o Junior que é usuário.

Diz que nunca enfrentou uma barreira e que quando foi preso encarou tudo de cabeça erguida, mas que isso está atrapalhando sua vida e que ele não quer mais voltar e lembra que já está na semiliberdade há quase oito meses.

Falou que gosta de ficar com a namorada e ficou todo confuso, pois disse que não sabia mais se tinha namorada ou não. Ele contou que namorava antes de ser preso, que ela morava junto com ele, mas que depois nunca mais a viu, disse que ela deve ter voltado para a cidade de origem, que não sabe onde fica. Atualmente está 'ficando' com uma garota da escola, e tem vontade de constituir família. Não se recorda de nenhum momento de tristeza e nem de alegria.

Na casa de convivência ele diz que todos têm liberdade para mexer nas coisas dos outros, principalmente dos que estão no mesmo quarto. Todos dão essa liberdade. Quando querem reivindicar algo dentro da casa conversam direto com o

coordenador, ele ressalta que o grupo não tem porta-voz, mas que enquanto não tem alguém assim, eles se organizam, afinal, para ser um porta-voz tem que ser 'ponta-firme'.

Em relação à aparência, não se acha bonito, mas gosta de se arrumar, de combinar cores. Gosta de usar roupas largas, mas na rua as pessoas acham que ele é bandido ou marginal, e que vai roubar algo. Tem duas tatuagens, uma cruz de ponta cabeça, que fez quando criança, mas, lhe disseram que 'não presta', e agora fez um palhaço com o número do artigo de assalto a mão armada.

Comentei o conceito de uso de máscaras dentro da sociedade e perguntei o que achava, ele disse que muitas vezes temos que usar máscaras e colaborou com um ótimo exemplo: uma moça da escola gostou dele, mas disse que ele era mano, e então, um dia ele foi vestido de 'boy' e ela gostou e ficou com ele, e ele pensou: "Agora vou ter que vir de boy" (risos), mas disse que não se sente bem, pois não é seu estilo. Dentro da Casa ele é ele mesmo, antes não era, porque dava muito trabalho, 'xingava' todo mundo, não fazia nada, mas agora mudou.

Para ser bem aceito dentro da Casa basta ser certo, ele nunca teve problemas com os outros garotos. Antes ele era moleque, não pensava em nada, agora pensa em várias coisas. Aprendeu a respeitar as pessoas, a ter regras na vida e acha que isso é bom. Disse que não gosta de alguns horários que lhes são impostos, como a televisão, mas que tudo é bom na semiliberdade.

Quando vai para a casa nos finais de semana sai com os pais e fica com os amigos no bar, apenas conversando. Para o futuro pretende ser feliz, ter uma família, progredir, arrumar um emprego bom, mas não sabe que profissão quer ter.

Antes de terminar a entrevista conta que no dia da infração conseguiu fugir, mas que foi preso em casa, pois um garoto dedurou. Ele estava saindo do banho e a polícia entrou na casa dele, a mãe e as irmãzinhas estavam na sala e viram a polícia o levando. Disse que quando chegou na rua, o rapaz que estava junto no delito, maior de idade, estava dentro do carro da polícia, apontando para ele, e então viu que não teria jeito pois tinha sido 'dedurado'. Ele contou que esse mesmo rapaz morreu com uma facada no pescoço quando assaltava um comércio da cidade e diz brincando: ainda bem, pois senão eu ia ter que matar ele, afinal me dedurou.

Daniel foi muito receptivo, embora às vezes ficasse um pouco acanhado, mas agiu com naturalidade e disse ter gostado da entrevista.

O próximo entrevistado foi Junior que, assim como Daniel, não havia sido entrevistado em fase de internação, mas esteve presente em boa parte das observações feitas no NAI. Seu caso é interessante, pois, como foi dito anteriormente, as professoras do NAI já haviam comentado sobre ele antes mesmo dele chegar, pois, segundo elas ele reincide com frequência.

2.7.5 Entrevista com Junior – Semiliberdade – Junho de 2007

Junior tem 14 anos e nasceu em São Carlos e foi criado pela mãe e o pai e tem dois irmãos, um mais novo que ele e outro mais velho. A relação em casa é boa apenas agora que o pai parou de beber. Na infância gostava de brincar e passear no parque ecológico. Parou de estudar na quinta série porque não queria mais ir à escola, mas agora que está em semiliberdade está cursando a sexta série. Para ele, a escola que frequenta é muito boa (Escola no Salesianos), pois eles podem ouvir música na hora do intervalo, dançar e jogar basquete e, além disso, na sala de aula as professoras não dão muito trabalho para fazer e esperam eles copiarem a matéria sempre com paciência. A sala de aula que estuda tem apenas 4 alunos e isso ajuda porque um não atrapalha o outro. Ele gosta muito de português.

Ele começou a sair de casa para danceterias com doze anos, ia acompanhado do irmão mais velho. Antes da internação seu dia a dia era rodeado de pensamentos que ele diz serem “errados”, pois já acordava cedo pensando em roubar e chamava o irmão para ir com ele. Este irmão, já maior de dezoito anos está preso, pois foram pegos na mesma ocorrência, *“batendo num boy pra pegar os negócios dele”*, eles roubaram dinheiro e celular para ir a uma danceteria, pois gostavam de sair com dinheiro alto e não apenas o que os pais davam, e esse dinheiro alto, segundo ele é duzentos a trezentos reais: *“mas não compensa dona, uma hora cai!”*

Todo dia buscava coisas para roubar, bastava ver um boy conversando no celular que já combinava com o irmão para o cercarem e enquanto um segurava o outro roubava. Ele contou que um dia roubaram vários celulares e a polícia os pegou, pois eles já estavam sendo procurados devido às várias ocorrências de furto. Neste dia ele apanhou muito, o irmão passou mal e foi levado para o hospital da cidade, mas, ele apanhou tanto que desmaiou várias vezes que até pensou que iria

morrer, por causa de um celular. Pelo que ele diz, são conhecidos como os 'caras' que roubam celulares.

Quando conseguiam roubar gastavam todo dinheiro em bebidas. Quanto às drogas diz estar usando apenas maconha, já chegou a usar craque, mas parou porque estava saindo com o irmão e tinha vergonha de usar craque perto dele. Ele diz que a mãe dá bastante conselho para ele e pede que abandone essa vida, e se não abandonar, ela irá abandoná-lo mais uma vez, pois quando ele era criança ela foi para a Bolívia com outro homem e, há dois anos, foi novamente. Ele diz que foi desde o primeiro abandono que se revoltou, pois a mãe foi embora e o pai começou a beber. Ele desanimou por não ter os pais perto, diz que queria ter os dois, e então chorava e andava pelas ruas, foi quando começou a usar maconha, isso aos oito anos de idade. Com onze anos viu que só a maconha não fazia mais efeito e então começou a fumar 'mesclado' (craque com maconha), e depois começou a cheirar cocaína até também não fazer mais efeito e então foi para o craque, e aí ficava muito 'louco', desesperado, pensando em polícia, pensava em várias coisas e só pensava em roubar: *"Você fuma e só pensa em mais dinheiro, e como consegue mais dinheiro? Roubando!"*

A mãe percebia quando ele fumava maconha, pois ficava bonzinho, caso contrário era agressivo com ela. Prefere ficar sozinho, pois muita gente falando cansa a cabeça. Para ele, amigos são aqueles que dão cigarro, maconha. Perguntei a ele se tem amigos verdadeiros, aqueles que no momento de doença, por exemplo, acolhem e socorrem, e ele disse que assim não tem, que nessas horas ninguém é amigo de ninguém.

Diz ser parecido com o pai, que fica bravo com facilidade, mas também é como a mãe na hora que fica calmo, conversa, mas que às vezes cansa logo de conversa e aí é melhor sair andando. Ao perguntar como era a convivência com o grupo com quem andava, ele diz que esse grupo era o da droga, e lá a lei é: "usou, pagou". A maior barreira que enfrentou foi quando era usuário de craque, fugiu muito da polícia e de tiros. Ele tem medo de morrer, pois quer viver para Semp re. Para ultrapassar essa barreira, colocou na 'mente' que não queria mais isso, mas à noite sentia muita vontade e então ia dormir. Já ficou seis meses sem roubar após sair de outra internação, mas, quando via o irmão com dinheiro, sentia vontade de ter também e então começou a roubar novamente, junto com o irmão. Gastava o dinheiro com bebidas, drogas e amigos.

Ele sempre demonstra preocupação com o irmão que, por ser maior poderia ser preso, então, quando roubava celular, por exemplo, ele que batia na pessoa e roubava, o irmão só segurava, pois, caso a polícia pegasse daria 'B.O.' só para ele, afinal, o irmão só estava segurando.

Uma coisa que lhe faz bem é fazer coisas que gosta e então deu o exemplo: na chácara, um dia que acordou de bom humor, ficou olhando a varanda e viu que as flores estavam feias, e então, colocou água em todas elas e arrumou os vasos, colocando um aqui, outro ali, e viu que foi ficando mais bonito e então arrumou tudo, e quando o educador viu, elogiou a idéia dele, e ele ficou muito feliz, pois *"minha vontade ficou bonita"*.

Momentos tristes não existiram, os momentos alegres foram aqueles que roubava e conseguia muito dinheiro. Bebia muito e roubava ainda mais.

Dentro da casa quando precisam de algo pedem para o coordenador, eles não tem um líder, pois ninguém é mais que ninguém, todo mundo é humilde. Quanto à aparência, gosta de roupas largas, roupa justa é coisa de 'boy' e roupas largas deixa mais 'estiloso', porém, fica mais marcado pela polícia. Ele também tem um coringa tatuado e o artigo 157 (assalto a mão armada), o que também colabora para que a polícia persiga ainda mais.

Ele conta todos os furtos, todas as vezes que apanhou da polícia com muito orgulho e intensidade, o que deixa ainda mais claro que sua vida se resume ao crime, ele sente orgulho de tudo que já fez, contando detalhes e se deliciando com eles, porém, não demonstra crueldade, mas sim, a vontade de ter cada vez mais. Ele tem cicatrizes nas mãos de algemas e das vezes que apanhou.

Ele diz que se quiser sair do mundo do crime é fácil, basta querer. Na data da entrevista estava na casa há três semanas, e, quando chegou estava mais quieto, agora já está mais enturmado. Diz que estar na Casa de Convivência é bem melhor que ir para a Fundação CASA, pois lá deve apanhar muito. Na chácara da Semiliberdade ele aprende muito, pois ensinam a trabalhar. Ele quer fazer curso de marcenaria no Salesianos, mas ainda não pode, pois precisa ter mais tempo de Casa. Uma coisa que não gosta é que fiquem 'enchendo o saco' dele, com os funcionários falando na cabeça dele, mas, diz concordar com as regras da casa, pois isso colabora na boa convivência. Ele ainda não estava saindo aos finais de semana, pois esse benefício acontece após um mês de estadia na casa, mas disse

que, quando puder sair vai querer ficar muito em casa, assistindo televisão, e também vai escrever carta para o irmão que foi preso no mesmo delito que ele.

Para o futuro, pretende ter um serviço, morar sozinho, ter uma mulher, um filho e cuidar bem deles, e ser feliz. Para dar um bom futuro para o filho tem que trabalhar para que o filho não caia na 'mandragem' como ele. Ele tem vontade de ser engenheiro civil, pois dá muito dinheiro. Ele diz que gostou da entrevista, pois foi uma conversa legal.

Essa foi a ultima entrevista feita, embora muitos dos outros garotos também quisessem ser entrevistados, por pura curiosidade. Todos eles foram muito receptivos e colaboraram para o entendimento deste mundo tão vasto que rodeia a existência, a vida e a morte de cada um deles.

2.7.6 A fatalidade na Casa de Convivência – março de 2008

Diante da violência e das leis estabelecidas no mundo do crime, o acompanhamento realizado na semiliberdade de São Carlos foi marcado por uma fatalidade, nos mostrando a intensidade com que esses garotos vivenciam as situações, sejam elas de dor, de doença, de vida ou de morte.

Ao longo da pesquisa conhecemos vários adolescentes que adentraram à Casa de Convivência no intuito de serem (re)inseridos na sociedade após o cumprimento desta medida sócioeducativa. Com um público bem rotativo, o convívio foi estabelecido com todos os garotos que por lá passaram e, conseqüentemente, com todos os funcionários, tanto nos momentos de reuniões como no dia a dia de trabalho educativo.

Como vimos, aos funcionários da semiliberdade dá-se o nome de educador social, eles são vistos como os anjos da guarda dos adolescentes, pois estão sempre junto desses garotos, estabelecendo um companheirismo, para que se possa ter uma boa relação entre todos. Durante as reuniões que realizamos em conjunto, muitos diziam que viam os garotos como filhos, que queriam passar para eles as mesmas coisas que passam aos filhos, o que demonstra o carinho incondicional existente nesta relação.

Mas, assim como em qualquer lugar, os adolescentes da Casa de Convivência passam por momentos de rebeldia, onde não aceitam conselhos ou repreensões, seja dos pais, educadores ou de qualquer outra pessoa que os

julguem. Eles se acham corretos e se chateiam diante das 'brincas' que eventualmente ouvem devido às atitudes indesejadas.

Na Casa de Convivência não foi diferente. Após uma suspeita de uso de drogas dentro da semiliberdade, um educador chamou atenção do garoto, a fim de relembrá-lo que o cumprimento da medida pede algumas atitudes para que se tenha sucesso e progressão dentro da mesma. Essa atitude revoltou o garoto que prometeu se vingar. E essa vingança veio dias depois, de maneira brutal.

No horário de trabalho, o educador fazia seu serviço como de costume, e, por trabalhar no período da noite, a função era proteger e observar todos que ali estavam e esperar os que chegavam da escola para, em seguida, velar o sono de cada um deles. O adolescente que não havia gostado do alerta feito pelo educador, voltou à casa por volta das nove e meia da noite e, já armado, disparou contra o educador que tentou correr mas, após ser atingido por outro tiro, caiu no chão, sem maiores chances de sobreviver. Ele ainda apontou a arma ao outro educador que tentou conversar com ele, pedindo que não fizesse aquilo. O adolescente correu, deixando a casa logo em seguida e o desespero pairou naquele local. Não houve tempo para socorro, não havia como voltar o tempo, o outro educador, que compartilhava o mesmo horário de trabalho tentou buscar o garoto, mas ele desapareceu.

Depois de passado o choque, as indignações eram em relação ao não entendimento do ato, pois, por mais que o garoto tivesse deixado claro sua insatisfação com as palavras do educador, isso acontecia constantemente, pois, como a maioria dos adolescentes, os garotos que ali residem não gostam de serem chamados à atenção, então, ninguém acreditou que as ameaças pudessem ser verdadeiras. O garoto foi preso na mesma noite, e enviado para a Fundação CASA.

Toda essa história foi divulgada pela imprensa local e, de início, por mais estranha que parecesse, era a única explicação plausível. Mas, após muitas interrogações, veio a explicação, não divulgada pela imprensa, que apenas se limitou a falar da falta de segurança na semiliberdade, enfatizando o assassinato. O diretor dos Salesianos, Pe. Agnaldo Soares de Lima, responsável pelas medidas sócioeducativas da cidade, em uma avaliação feita sobre a Execução do Plano para o Programa de Semiliberdade São Carlos – SP – Vigência 2007-2008 ²¹, relata o

²¹ Documento cedido pelo próprio diretor dos Salesianos, Pe. Agnaldo Soares de Lima, em colaboração com a nossa pesquisa. Enviado por e-mail em janeiro de 2009.

que ocorreu no dia 11 de março de 2008. Segundo ele, o garoto foi seduzido por um integrante de uma facção criminosa (atualmente preso) que prometeu força, poder e dinheiro caso tirasse a vida de um inocente. Isso seria visto por todos como uma demonstração de coragem e ele seria reconhecido pelos colegas do mundo do crime. E este adolescente, sem um histórico de violência, foi coagido, acreditando que seria 'o tal' diante dos demais. Mas, esse plano não teve sucesso, pois ele foi preso e levado para a internação.

Em oito anos de existência, a semiliberdade nunca passou por uma experiência desse tipo. O acontecimento causou grande polêmica, principalmente entre aqueles que não acreditavam no trabalho da instituição e defendiam a internação ao invés de semiliberdade.

A Casa de Convivência Lucas Perroni Junior sempre teve um trabalho de sucesso, investindo em atividades pedagógicas que direcionam os adolescentes para uma vida melhor, com escolaridade e profissionalização, para que eles consigam sair do mundo do crime e ir muito além. Após essa fatalidade, vários funcionários deixaram a Casa, que passou por uma reestruturação de pessoal. Poucos dos que trabalhavam na época do ocorrido permaneceram, mas, os que continuaram e os novos contratados sempre acreditaram no trabalho da semiliberdade, cumprindo seus papéis com intensidade, sempre na busca de um trabalho eficaz, colaborando na boa conduta dos meninos que por ali passavam, e intenção de que esses meninos percebessem que a vida pode ser muito melhor. A Casa de Convivência e o NAI seguem a teoria de Dom Bosco, que diz: “Em todo o jovem, mesmo no mais rebelde, há sempre um ponto acessível ao bem e a primeira obrigação do educador é buscar este ponto, esta corda sensível do coração e tirar bom proveito”. Todos na Casa buscam esse ponto acessível que geralmente aflora no decorrer de vivências diárias, quando os garotos entendem a importância da medida sócioeducativa e usufruem do trabalho realizado.

2.7.7 E os garotos acompanhados? Por onde andam?

No contato ainda estabelecido com Casa de Convivência no ano de 2008, busquei informações sobre os garotos acompanhados. As informações foram um pouco vagas, pois com a rotatividade de funcionários, o acompanhamento dos adolescentes que saíram permanecia suspenso.

Marcelo, ainda em fase de acompanhamento de semiliberdade evadiu a medida, mas, após a evasão, arrumou um emprego e o juiz permitiu que ele continuasse trabalhando, caso permanecesse empregado teria progressão de medida, mas não cumpriu o combinado.

Eduardo está trabalhando de servente de pedreiro, apresentou grande melhora na conduta e a mãe dele ainda mantém contato com a semiliberdade, demonstrando muita gratidão pelo trabalho realizado.

Quanto a Daniel, a instituição não teve mais notícias, apenas ressaltaram que mesmo antes da saída já estava trabalhando com o pai, e que provavelmente continua.

Junior estava novamente na Casa de Convivência, pois havia evadido a medida e, mais uma vez, foi destinado à semiliberdade. Seu comportamento continua complicado e já foi encaminhado novamente à internação no NAI como medida de punição. De todos os garotos acompanhados Junior é o que tem o maior número de reincidência, tanto na internação como na semiliberdade. Isso pode ser explicado por seu comprometimento com as drogas e a necessidade de roubar e ter dinheiro, que demonstrou na entrevista, além disso, a falta de estrutura familiar sempre foi um ponto ressaltado durante as reuniões da Casa, pois a mãe costuma arrumar confusões todas as vezes que vai às reuniões e o pai demonstra descaso pelo filho. Ao contrário disso, a mãe de Eduardo e o pai de Daniel sempre estiveram presentes nas reuniões feitas com as famílias, e este fato pode ser determinante na conduta do adolescente, pois o que todos deixaram muito claro, seja em palavras ou em atitudes que poderiam passar despercebidas, é que precisam de amor e carinho e que a família é parte responsável disso. Eduardo demonstrou tais sentimentos em todas as preocupações que tinha com a mãe e nas vezes que se emocionou falando dela. Daniel mostrou sua preocupação com a família quando relatou que a mãe e as irmãs menores o viram sendo preso e que isso não lhe fez bem, e também sempre falando do pai com muito carinho, já, Junior mostrava preocupação somente com o irmão, que era quem o ajudava nos delitos. Quando falava da mãe demonstrava uma espécie de mágoa por ela ter abandonado a família por duas vezes e o pai parecia ser apenas mais um integrante das discussões familiares que também o revoltava.

Como ele mesmo ressaltou, tais motivos foram os responsáveis para que ele fosse para as ruas na busca de esquecer os problemas e, após encontrar as drogas

e o mundo do crime, permanece nele a busca de algo que, provavelmente, nem ele sabe o que é.

2.7.8 O fechamento da Semiliberdade

No final do ano de 2008 a Casa de Convivência Lucas Perroni Junior, que trabalhava conveniada à Fundação CASA não teve o contrato anual renovado. Segundo Pe. Agnaldo Soares Lima, em documento enviado ao Excelentíssimo Senhor Promotor Público da Infância e Juventude da Cidade de São Carlos durante o mês de outubro do referido ano, muitas correspondências foram trocadas, entre a semiliberdade e o convênio com a Fundação CASA, no intuito de demonstrar e reafirmar a particularidade do trabalho realizado. A intenção era permanecer em modelo de gestão conjunta, mas, sem enfatizar a segurança, pois entende-se que há uma diferença em uma

gestão compartilhada, proposta pela Fundação CASA, que não possui experiência prática no trato com adolescentes autores de atos infracionais e entra como apoio da nossa, que possui uma experiência amadurecida ao longo de oito anos com características próprias (LIMA)²².

Diante da falta de resposta por parte da Fundação CASA e o limite do prazo para renovação do convênio, foi necessário iniciar o aviso prévio dos educadores da semiliberdade, para que tudo caminhasse de forma correta dentro dos prazos estabelecidos por lei. “Entendendo que tal silêncio mantinha a confirmação da impossibilidade de se construir uma terceira via e esgotado nosso prazo para a manutenção de educadores e técnicos contratados pelos Salesianos, efetivamos o encerramento do Programa” (LIMA).

Teria a Fundação CASA, interesse em renovar um convênio com uma proposta tão inovadora, que vinha dando tão certo, ofuscando o suposto brilho da internação por eles defendida e da maneira como se tratam adolescentes autores de atos infracionais? É muito mais fácil investir em segurança, grades, cadeados, agentes penitenciários, internações para adolescentes em formato de cadeias, ao invés de investir no pedagógico, no bom tratamento, no futuro de cada um desses adolescentes, na maioria das vezes tratados como criminosos pela Fundação CASA.

²² Documento cedido pelo próprio Pe. Agnaldo Soares de Lima, datado 05 de novembro de 2008 (não-publicado).

O Programa de Semiliberdade de São Carlos estava crescendo e difundindo sua proposta. Com ajuda do Instituto EMBRAER o Projeto Pedagógico da Casa de Convivência estava em fase de conclusão, projeto este em que tive o prazer de participar enquanto pedagoga, colaborando nos aspectos educativos e lúdicos que devem existir durante o cumprimento da medida. É fácil falarmos em educação quando esta não é levada a sério. Uma medida sócioeducativa, como já dissemos, traz no nome a necessidade da educação durante a medida, e educação não é responder “sim senhor, não senhor”, educação é muito mais, é conhecer a beleza da vida, do aprendizado, é vivenciar o prazer ao aprender uma palavra nova, ao ouvir uma história, ao escrever um relato de vida. Educação é partilha de conhecimentos e experiências, é trazer à tona aquilo que faz parte da vida de cada educando, é estabelecer troca no processo de ensino e aprendizagem, e é nessa troca que descobrimos que somos todos iguais. Quem não sabe isso, não sabe o que é educação. Quem acredita que educação é somente obediência não poderá jamais entender e realizar uma medida educativa.

A fatalidade ocorrida na casa de convivência com a morte do educador pode ter sido um dos motivos para justificar um maior investimento em segurança e adotar o modelo de internação ao invés de semiliberdade. Mas, um fato isolado não pode encerrar um trabalho tão produtivo, realizado ao longo de oito anos. A proposta de casa de convivência sempre foi tida como modelo a outras tantas, que percebiam os resultados alcançados diante deste modelo diferenciado.

Retomando a avaliação feita sobre o Programa de Semiliberdade, verificamos que existe um entendimento profundo do que vem a ser o período de adolescência. O garoto autor de ato infracional, neste programa, sempre teve toda a vida interpretada, por isso, o trabalho realizado era tão bem direcionado. Alguns itens apontados pelo diretor dos Salesianos Pe. Agnaldo Soares Lima, fundador das medidas sócioeducativas em São Carlos, demonstram esse acompanhamento, deixando claro qual a direção e a lógica adotada pelo programa ao longo de seu funcionamento.

Segundo ele, os adolescentes muitas vezes são abandonados pela família ou descuidados pelos pais, que nem sempre oferecem afeto, valores e regras aos filhos. Isso gera a falta de transmissão de valores morais e religiosos, assim como demonstração de carinho, afeto e preocupação. Além disso, as perspectivas econômicas nem sempre são favoráveis, deixando-os longe do que a sociedade do

consumo exalta. Ao chegar à escola, a falta de atrativos em uma educação decadente traz desmotivação e o adolescente busca outros entretenimentos, como brincadeiras que o faz ser indesejado naquele ambiente. Ao invés de ser chamado à realidade escolar, passa a ser excluído, e essa exclusão fará com que ele caia no índice de analfabetismo e, conseqüentemente, de desemprego, o que gera uma exclusão social intensa.

Se esta é a condição do jovem na nossa dita “sociedade do bem”, muito diferente é a forma como se dá sua aproximação com a “sociedade do crime”. Se a família não oferece o cuidado e atenção necessários, a escola exclui, a sociedade discrimina e não oferece oportunidades, a referência de valores não foi construída, ao jovem resta um sentimento de infelicidade, baixa auto-estima, fracasso, humilhação e derrota. Aí está assentado o campo ideal para o seu envolvimento com as drogas e, conseqüentemente, para o envolvimento com o mundo da criminalidade (Pe. AGNALDO SOARES DE LIMA,).

As palavras do diretor do Programa de Semiliberdade nos fazem entender a visão que se tem sobre a adolescência e a partir disso, entender a proposta que a Casa de Convivência defendia. Se o garoto não teve intervenções educativas proveitosas, ele deverá entender a importância delas e saber valorizá-la, olhando a educação com outros olhos, daí a importância do acerto do projeto pedagógico. Métodos agressivos reforçam a agressividade e é justamente isso que se quer mudar no jovem, portanto, usam-se métodos mais humanizados, buscando em cada um a beleza da vida, das vivências, da infância. Deve-se resgatar no jovem tudo aquilo que lhe faltou, sua verdadeira identidade, o sentido da família, os valores e princípios morais, a auto-estima, a realização pessoal através do trabalho, a cidadania, a disciplina para que saiba conviver com regras e limites (Pe. AGNALDO SOARES DE LIMA).

Foi na busca de todos esses valores que a semiliberdade trabalhou durante oito anos e teve muito sucesso. Colaborou na re-inserção social de muitos adolescentes, fazendo com que muitos deles se reconhecessem, pois, o trabalho realizado na Casa de Convivência Lucas Perroni Junior fez aflorar a essência de cada garoto que por ali passou. Fica aqui um protesto pelo encerramento deste Programa, tão rico, tão verdadeiro e tão pouco reconhecido.

3 ENTRELACAMENTO DOS DADOS OBTIDOS COM A TEORIA APRESENTADA

Se as tribos se religam, religam-se também
as afinidades que levam as pessoas a tornarem-se
pPotencia de uma causa grupal para a alegria e para a tristeza
para a solidariedade e para a violência.
O ser que sozinho passa despercebido,
sem visibilidade no social,
no microgrupo ganha identidade, força, proteção
(ITMAN MONTEIRO, 2004, p.92)

Para que possamos compreender o percurso feito nesta pesquisa, este capítulo traz alguns episódios vivenciados durante a coleta de dados. A intenção é atrelar os dados com a teoria apresentada, deixando claro e exemplificado a ligação existente entre a teoria trabalhada e o cotidiano pesquisado. A cada episódio vivenciado a teoria fazia ainda mais sentido, comprovando a importância de se viver em grupo, das tribos, da circularidade, do uso de máscaras, etc.

Como vimos em Maffesoli (2006) as tribos urbanas buscam partilha de emoções e afetos e isso fica muito claro quando adentramos em um determinado grupo. Acredita-se que o grupo de adolescentes analisado pode ser considerado como uma tribo, pois seus integrantes demonstraram todos os pontos ressaltados por Maffesoli quando expõe o conceito de tribo. Eles exaltam o estar-junto e demonstram a necessidade do outro para serem notados e existirem enquanto 'persona', desenvolvendo papéis variados de acordo com a cultura da tribo que estão inseridos. Vivem intensamente o aqui e agora e compartilham rituais que os fazem lembrar a importância do estar-junto, já que a tribo funciona como se fosse um 'corpo', onde um membro complementa o outro e depende do outro para existir.

Mudar o mundo é o slogan que emana de uma lógica do dever-ser. Ora, a vida cotidiana, a imagem dos indivíduos e dos grupos sociais, é fundamentalmente imperfeita, e é sobre essa imperfeição, inconscientemente assumida, que repousam sua harmonia e seu equilíbrio, sua beleza fascinante também (MAFFESOLI, 2001, p.60)

A solidariedade e a cumplicidade dentro da tribo são pontos marcantes, pois os adolescentes se ajudam mutuamente, sem esperar algo em troca, mas sim, respeitando seus ideais e agindo como partes que se entrelaçam e se complementam. Eles seguem uma lógica dentro do grupo que vai ao encontro do que foi estabelecido por eles. Os episódios abaixo mostram algumas vivências desses garotos e nos faz compreender um pouco mais a lógica do estar-junto e viver em grupo.

Episódio 1: Robson e Carlos: Sigo a lei do outro

Carlos (14 anos) e Robson (17 anos) chegaram juntos à internação, ambos estavam no mesmo ato infracional - assalto a mão armada com uma quadrilha onde apenas os dois tinham menos de dezoito anos. Robson já tinha várias passagens pelo NAI e também pela Fundação Casa. Carlos estava na UIP pela primeira vez. A amizade dos dois era algo grandioso, com muito cuidado e cumplicidade, Robson exaltava Carlos dizendo que ele era ladrão de verdade, pois, mesmo apanhando muito da polícia, não denunciou o chefe da quadrilha e nem falou sobre a arma utilizada no furto. E, com tanta aprovação aos atos de Carlos, Robson o adotou como “filho”, dizendo o tempo todo que lá dentro seria o “pai” de Carlos e assim o fez. Nas aulas, enquanto Carlos mostrava desinteresse, Robson o repreendia, dizendo que aquele não era o comportamento adequado, que deveria fazer as tarefas pedidas, pois depois elas seriam enviadas ao juiz.

Durante um filme exibido em sala de aula, Carlos dormiu e Robson ficou muito bravo quando viu, imediatamente o chamou e disse que não deveria fazer isso, que o filme era bom e que deveria aproveitar aquele momento, pois depois iriam fazer atividades sobre o filme. Assim eles seguiam as regras estabelecidas na Unidade de Internação Provisória. Robson se orgulhava dos delitos cometidos, batia no peito e dizia com orgulho que era ladrão e Carlos tinha nele um exemplo a seguir, pois via Robson como um ídolo. Foi então que Carlos passou a fazer tudo para impressionar, também queria ser ladrão e sentir orgulho disso e o seu comportamento passou a ser tão preocupante quanto o de seu amigo. Carlos não era educado com as professoras, não gostava de fazer as atividades propostas e o relacionamento com os demais garotos era conturbado. Sempre de mau humor ele chegava na sala de aula nervoso, era de pouca conversa o que prejudicava o

andamento das atividades, pois a maioria baseava-se em discussões sobre os temas propostos.

Após uma breve estada na internação provisória, na audiência o juiz enviou os dois amigos e companheiros para a semiliberdade. Ao chegarem à semi Carlos deixou muito claro que só era daquele jeito quando estava perto de Robson, pois, toda sua rebeldia foi passando quando Robson evadiu a medida. Assim que se viu sozinho e desprotegido, Carlos deixou cair sua máscara de mau e sentiu a necessidade de fazer novos amigos e buscar uma boa convivência. Foi assim que ele se mostrou em sua essência. Ele existia diante do olhar de Robson e quando este olhar não fazia mais parte de seu cotidiano, sua conduta melhorou muito, para que pudesse ser aceito no grupo. Afinal, seu “protetor” não estava mais lá e ele deveria buscar a confiança dos demais. Carlos foi um dos casos mais interessantes neste período de acompanhamento. Uma pessoa inconstante, com uma alteração de humor frequente, aparentava ter muita revolta dentro de si. No período de internação sempre falou com muito desprezo de seus pais, parecia ser bastante carente, mas nunca assumiu tal carência. Sua principal atitude no início era desrespeitar as regras. Na hora das tarefas não as fazia, na hora de filme, dormia, nas discussões em grupo se recusava a participar. Não aceitava que ninguém chamasse sua atenção, exceto Robson, o único que respeitava. Durante o cumprimento da medida de semiliberdade também teve seus pontos altos e baixos. Quando Robson retornou para a medida Carlos se fazia de forte, tentava impressionar a todos sempre aderindo aos comandos dados por seu ídolo, mas, longe dele sentia-se fragilizado, o que o fez adequar-se ao grupo como um todo. Sua força não era mais a mesma. Já realizava as tarefas pedidas, frequentava os cursos oferecidos e a escola sem maiores problemas. Seu relacionamento com os educadores era bom, e sua pontuação era surpreendente, mas isso foi até a volta de Robson para a medida. Perto dele o comportamento de Carlos voltou a decair e os problemas voltaram a aparecer.

Diante disso, o relacionamento com todos da Casa de Convivência foi sendo prejudicado, tanto com educadores como com os demais garotos. Sua rebeldia foi tanta que a pontuação decaiu e com ela as oportunidades de saídas da casa também. A revolta gerada por isso causou evasão de medida e com este abandono Carlos voltou ao mundo do crime, ao mundo que Robson dizia ser maravilhoso. Porém, as maravilhas deste mundo não duraram por muito tempo e, assim como

Robson, Carlos conheceu a realidade da Fundação CASA, o que talvez o tenha feito rever alguns conceitos em relação à sua conduta.

Após a nova internação Carlos retornou à semiliberdade muito mais maduro, com um bom comportamento, tentando ser aos mais novos aquilo que Robson foi para ele. Essa é a lei da circularidade, da lealdade dos grupos e as consequências disso estão no círculo vicioso que vemos a cada novo episódio.

Carlos seguia a lei do outro, ou seja, ele não tinha autonomia, o que prevalecia era a heteronomia “minha lei é o outro” (MAFFESOLI, 2001), e este é um dos preceitos da tribo - a perda do individualismo e a idéia de ‘persona’, que desempenha vários papéis na tribo que adere. O primeiro papel de Carlos foi o de ‘ladrão’, assim como seu ídolo Robson, mas depois, distante de Robson, aderiu a um outro personagem dentro da tribo, é claro que não passou a ser um personagem ideal, mas teve uma melhora gradual e significativa. Isso também nos remete às máscaras utilizadas dentro das tribos para que exista maior aceitação. A mudança das máscaras também é constante, pois nos momentos de revolta e maldade um determinado tipo de máscara é utilizado, já nos momentos de calma colocava-se uma nova máscara, junto às novas atitudes.

Vimos em Goffman (1985) a dimensão do uso de máscaras na sociedade. Para ser bem aceito por alguém ou para ser como alguém muitas pessoas se utilizam de máscaras, escondendo quem realmente são. Ser aquilo que o outro espera pode ser mais fácil do que assumir sua própria identidade. Ter identidade requer muita certeza, autonomia e vimos que é a heteronomia que prevalece na vivência em grupos. Carlos não teve autonomia para assumir quem realmente era. Sempre se escondendo atrás de máscaras e sendo aquilo que Robson esperava que ele fosse. Por não querer decepcionar seu ídolo comportava-se de maneira a impressioná-lo.

O uso de máscaras faz com que eles se sintam pertencentes ao mundo do crime, eles querem ser vistos e temidos, por isso tatuam seus delitos no corpo. Com isso, eles se auto-afirmam como pertencentes do grupo e são respeitados pelos demais, demonstrando orgulho por aquilo que fizeram.

Episódio 2: Ricardo e Junior – filhos e mães viciadas - circularidade

Os dois garotos que estiveram na internação em épocas distintas apresentavam problemas sérios com drogas. Eles deram entrada na instituição no período pesquisado com apenas 14 anos, ambos viciados em craque. Esses meninos já tiveram várias passagens pelo NAI, sempre por porte de drogas e furtos pequenos, muito provavelmente para comprar drogas.

Ricardo estava na internação quando a pesquisa de campo foi iniciada. Com apenas 14 anos de idade me impressionou pela sua carência afetiva e pelas várias passagens que tinha na instituição. Junior, já bastante conhecido pelas professoras era aguardado novamente a qualquer momento, pois suas passagens pela instituição eram frequentes. Pelos mesmos motivos esses dois garotos frequentavam constantemente o NAI e, segundo informações obtidas, as mães dos dois também eram usuárias de drogas, o que nos mostra a circularidade da vida cotidiana. Vivemos no tempo da repetição e o que acontece na vida das mães, geralmente, ou fatalmente, acontece na vida dos filhos.

É o poder do cíclico, mães desestruturadas passam seus problemas adiante e esses são refletidos em seus filhos que, sem saber qual o caminho seguir ou até mesmo sem referências familiares, acabam infiltrados nesta circularidade, corrompidos pelo vício e não encontram outra saída a não ser se entregar a ele.

Durante as atividades realizadas no NAI Ricardo mostrava-se um garoto muito bom e tranquilo, longe das drogas e com a atenção que lhe era destinada principalmente pelas professoras, ele parecia se sentir realmente bem dentro da internação. Com a chegada de Junior vimos que seu caso era muito parecido com o de Ricardo em relação às mães que apresentavam problemas com drogas, mas Junior ainda parecia mais envolvido com o mundo do crime. Tanto ele quanto o irmão realizavam assaltos geralmente em busca de dinheiro para gastarem com drogas e em bares. Esses garotos cresceram vendo as mães se entregarem a uma vida promíscua e sem perspectivas. Envolvidas com drogas, deixaram a criação de seus filhos à mercê das ruas, do mundo. Quem seria o porto seguro desses meninos? Quando somos crianças costumamos ter os pais como exemplos, por isso o poder do cíclico, pois vemos nos pais as nossas possibilidades, e ir além delas depende de cada um de nós sabermos olhar a diante, analisar o futuro e as

consequências de nossas atitudes. Essa circularidade não é geral, afinal, nem todo pai bem sucedido tem filhos bem sucedidos e nem toda mãe viciada tem filhos viciados, mas sabemos que essa circularidade existe e explica muitos acontecimentos sociais.

Ricardo permaneceu o tempo máximo permitido na internação e durante este tempo falava muito pouco sobre a mãe. Quanto ao uso de drogas chegou a falar várias vezes que estava gordo do mesmo jeito de quando ficou em uma clinica para drogaditos. As professoras sempre falavam com ele sobre os irmãos, principalmente o que era bebê, mas ele não demonstrava interesse algum pela família. Nas visitas à internação a mãe levava o filho mais novo, o que fazia com que Ricardo se sentisse desprezado por ela, não só de um possível sentimento de ciúmes pelo irmão, mas por comentários de descaso feitos pela mãe que já que tinha cinco filhos, como por exemplo: “é melhor que ele fique aqui, pois come demais e em casa eu não tenho comida para todos”.

Junior, ao chegar na internação contou que a mãe tinha ido até a semiliberdade e levado bebida para ele, pois estava sendo ameaçado pelo demais caso não levasse. Para protegê-lo a mãe levou o pedido, mas deixou bem claro para os demais que não era para ninguém encostar a mão no filho dela. Segundo informações obtidas, a mãe de Junior costuma frequentar os locais onde o filho cumpre medidas (seja internação, nos dias de visita ou semiliberdade), causando certos transtornos até mesmo em audiências, não colaborando para a melhor conduta do filho.

Geralmente encontramos na família, seja essa consanguínea, de criação ou de afeto, o modelo de vida que queremos ou não ter. Os caminhos percorridos muitas vezes são guiados por pessoas mais velhas e mais experientes que nos mostram as armadilhas que a vida nos proporciona. Quando essas pessoas são frutos de experiências mal sucedidas, muito provavelmente elas não terão tanta certeza nos conselhos dados. Isso também faz parte da transmissão cultural, onde os mais velhos transmitem sua cultura aos mais novos. Como vimos, a cultura é uma variante regional e nas regiões onde uma cultura se propaga seus laços são muito fortes, pois geralmente são seguidos por todos daquele meio. É a força do mundo circular, afinal, a circularidade existe devido a propagação de costumes, vivências e culturas. “O tempo vivido socialmente e individualmente é o da repetição, da circularidade” (MAFFESOLI, 2001, p.41) e dentro deste círculo que envolve a vida,

vemos as histórias dos pais se repetirem nas histórias dos filhos, vemos a exclusão e a desigualdade tomando dimensões incontroláveis, mães viciadas em drogas e filhos sendo corroídos pelo mesmo vício, mães, pais e familiares vivendo em situações precárias, com moradias impróprias, não tendo nada de melhor a oferecer a seus filhos, isso é a circularidade.

Episódio 3- Circularidade – atos infracionais cometidos por pessoas da mesma família.

Mais um exemplo dessa circularidade foi notado no primeiro dia de acompanhamento no Núcleo de Atendimento Integrado (NAI) em entrevista junto com a assistente social, com o pai e o irmão de um dos garotos internos, vimos o irmão mais velho defendendo o interno, dizendo não saber do uso de drogas feito por ele, já compartilhando da lei do segredo, tão bem estabelecida dentro do grupo. Na semana seguinte, o novo interno do NAI era esse irmão mais velho, e a ocorrência era justamente o uso de drogas, ou seja, irmãos cometendo atos infracionais.

Já o pai dos meninos, viúvo e criando sozinho seus filhos, não acreditava que os filhos usavam drogas, e, quando a assistente social o cobrava por uma postura mais severa, que impusesse mais respeito com os filhos, buscando diálogo e a contenção do uso de drogas, ele se defendia, contando sua história de vida e as dificuldades de conseguir um emprego, afinal, ele tinha que sustentar a casa, e, se ele não saísse para trabalhar, quem daria comida aos filhos? Por outro lado, o fato dele sair para trabalhar implicou em deixar os filhos sozinhos em fases cruciais de suas vidas. Eles não iam à escola e nunca ouviam os conselhos do pai, ficavam nas ruas com más companhias e voltavam para a casa só a noite. Neste momento em que o pai poderia conversar com eles, ninguém queria ouvi-lo, pois iam em casa apenas para dormir.

De quem será a responsabilidade pela conduta assumida por esses dois adolescentes? Será que existe uma única pessoa a quem possa ser atribuída tal responsabilidade? Onde errou esse pai que saía cedo para trabalhar preocupado em trazer comida para seus filhos?

É dessa circularidade que falamos, é o cíclico da vida, da sociedade, do mundo, que, ao não oferecer boas oportunidades aos pais dos pais desse pai, fez com que tudo girasse em torno da busca de um emprego diário, pois, sendo pedreiro, este homem alegou que não podia perder um serviço a ele oferecido para ficar em casa ‘vigilando’ seus filhos. Essa é a lógica do mundo capitalista, que tem como frutos a exclusão e a desigualdade. Segundo Souza Santos:

A desigualdade e a exclusão são dois sistemas de pertença hierarquizada. No sistema de desigualdade, a pertença dá-se pela integração subordinada, enquanto que no sistema de exclusão a pertença se dá pela exclusão. A desigualdade implica um sistema hierárquico de integração social. Quem está em baixo está dentro e a sua presença é indispensável. Ao contrário, a exclusão assenta num sistema igualmente hierárquico, mas dominado pelo princípio da exclusão: pertence-se pela forma como se é excluído. Quem está em baixo, está fora. Estes dois sistemas de hierarquização social, assim formulados, são tipos ideais, pois que, na prática, os grupos sociais inserem-se simultaneamente nos dois sistemas, em combinações complexas (SANTOS, 1995).

Como bem lembra Santos (1995) citando Marx – o grande teorizador da desigualdade e Foucault – o grande teorizador da exclusão, “a desigualdade é um fenômeno sócio-econômico, a exclusão é sobretudo um fenômeno cultural e social” (SANTOS, 1995). E, esses dois fenômenos são presentes no nosso mundo, e as consequências deles podem ser vistas diariamente ou ouvidas em histórias de vida como a desse pai que, para dar comida aos filhos e sobreviver perante a lógica do capitalismo, viu a necessidade de se ter dinheiro para sustentar os filhos, tendo que deixar de lado outros princípios também indispensáveis para a formação desses garotos.

Os dois irmãos compartilharam o mesmo período de internação, mas não pareciam ter muito contato, respeitavam-se, mas, conversavam com pouca frequência durante as aulas, não falavam da família, pareciam ignorar o fato de serem irmãos. O garoto que entrou por último mantinha maior contato com o outro adolescente que estava no mesmo ato infracional que ele. Às vezes trocava algumas poucas palavras com o irmão. Isso demonstrou que, assim como alegava o mais velho na conversa inicial com a assistente social, eles andavam em grupos diferentes, porém, a finalidade desses grupos era a mesma - o uso de drogas. Por que os dois seguiram o mesmo caminho? O pai se mostrou bastante trabalhador, mas os filhos aderiram à lógica da circularidade e, ao invés de seguirem o possível exemplo do pai, o irmão mais novo seguiu o mesmo caminho que o irmão mais

velho, envolvendo-se com drogas e dando mais uma tristeza a esse pai que, neste caso, foi tão atingido pela circularidade quanto seus filhos, o que nos faz pensar na falta de estrutura familiar. A falta da figura materna obrigou o pai a assumir mais funções e causou certa revolta nos filhos, pois, ao se virem sozinhos procuraram alento em outras pessoas não muito confiáveis.

Esse caso nos mostra que a circularidade da vida não é necessariamente o que acontece com os pais e com os filhos, e sim, a consequência de atos e fatos que podem desestruturar toda uma família, um grupo, uma vida.

Episódio 4: Entrevista de Marcelo: eu matei o cara

Entendendo parte do cotidiano desses adolescentes é que conseguimos conhecê-los em suas revoltas e essências que os fazem ser quem são, pois, segundo Maffesoli (2001) “o cotidiano deve ser compreendido como laboratório alquímico das minúsculas criações que pontuam a vida cotidiana, como lugar da recriação de si e da manutenção da identidade que permite a resistência” (Maffesoli, 2001, p.18). E essa manutenção de identidade é que faz com que eles se mostrem e se auto-afirmem.

Vimos na entrevista de Marcelo que sua mãe foi morta por uma pessoa e isso fez com que ele ficasse perturbado, sonhando em matar o cara que matou sua mãe. Várias vezes durante as aulas ele afirmava ter matado o cara, sempre que surgia o assunto ‘porque estou aqui’, ele dizia que era por ter matado o cara que matara sua mãe, e as formas desse assassinato eram as mais diversas: vários tiros, pauladas, facadas, etc. Na verdade, o cara estava vivo e morava perto de sua casa, o que lhe causava mais raiva ainda.

Essa obsessão em ter matado o assassino da mãe nos faz notar a necessidade de Marcelo em vingar a morte dela. Ele fantasiava isso a todo momento, sempre com uma história impressionante. Mas a quem realmente ele queria impressionar? Quando dizia ter matado o cara ele se sentia forte, vingativo, amedrontador. Neste mundo do crime um vingador tem respeito, ainda mais quando alguém da família está envolvido na história. Sua relação com a mãe era desconhecida, pois não relatou sobre isso, mas toda essa fúria com a morte dela poderia ser uma espécie de fuga para ser quem escolheu ser. A falta de estrutura familiar também colaborou no caminho seguido por Marcelo e querer vingança era

apenas um indício de sua revolta com o mundo, com a família, com o assassino de sua mãe.

Maffesoli (1987) ressalta que toda violência tem em si um porque, toda violência mostra o descontentamento com algo e, com Marcelo, não foi diferente. Fantasiava atos violentos mostrando sua revolta com o mundo, com a sociedade e a impunidade da mesma, afinal, ele via nas ruas, o responsável pela morte de sua mãe. Por isso ele queria impressionar a todos, parecendo forte e ameaçador. Falava demonstrando autoridade, usando uma máscara de mau em busca de mais respeito.

Episódio 5: A beleza do banal - a paquera – o *carpe diem*

Certa ocasião, encontrei todos os garotos da semiliberdade saindo da escola, no ponto de ônibus, aguardando por retornarem à Casa de Convivência. Eduardo estava com uma garota e ficou muito encabulado quando me viu, apenas cumprimentei a todos e fiquei longe para não inibi-los, mas não foi suficiente, percebi que Eduardo ficou incomodado com minha presença, mas, ao perceber que poderia perder a oportunidade de ‘ficar’ com a garota, esqueceu o mundo ao redor e fez com que aquele momento fosse significativo. Beijou a garota e provou que qualquer lugar da cidade pode ser importante quando fazemos algo que queremos, que nos dá prazer. É viver o aqui e agora e viver a banalidade do cotidiano.

Episódio 6: As roupas largas, a importância da aparência

Ao falar de aparência nas entrevistas realizadas Daniel contou que estava paquerando uma garota, mas que ela não gostava do estilo dele, das roupas largas e tudo mais, e então, para conquistá-la, ele se vestiu de “boy”, colocou uma calça justa, deixou o cabelo arrepiado e conseguiu convencer a garota a ‘ficar’ com ele. Isso é viver o momento, é o *carpe diem* e a confusão do que é falso e do que é real. Hoje vemos alguém de calça larga e boné, amanhã o vemos de roupa justa e cabelo arrepiado. O que vale é o momento.

Além disso, tal exemplo mostra a força que a imagem exerce em nosso mundo, e também explica o motivo do imaginário ter um componente chamado de irreal, pois, para se compreender o real, deve-se, ao menos uma vez, viver aquilo

que para o indivíduo é considerado irreal. Para viver este irreal, podemos ser um personagem, que foi o caso acima relatado, mas também, podemos trabalhar com nossos sonhos e desejos, viver o sonho irreal para vivenciá-lo quando se tornar real. Nossos sonhos e devaneios podem explicar nossa realidade ou as atitudes dessa realidade.

Para Maffesoli (1995) a força das imagens, geralmente veiculadas socialmente, significa “o temor contemporâneo”. Os grupos são criados de acordo com as imagens que idolatram, um exemplo disso é a diferença entre os chamados ‘boys’, que usam roupas justas e cabelo arrepiado e os ‘manos’, que se vestem com roupas largas e bonés. A televisão é um dos meios que veicula essas imagens reforçando tal distinção. Esses garotos vivem intensamente e querem ter visibilidade, por isso exageram nas roupas largas onde trazem escritos os nomes das bandas de rap que fazem apologia ao crime. A imagem que transmitem é fundamental para que se sintam fortes, é o meio que encontram na busca de respeito.

Episódio 7: Tênis de marca

Dia de audiência é dia de estar muito bem vestido para impressionar o juiz. Como na internação as audiências acontecem no período da tarde, os garotos participam das atividades até serem chamados pelos agentes que os acompanharão à audiência. Antes disso, as professoras permitem que eles saiam da aula para tomarem banho e trocarem de roupa. A volta deste banho era sempre uma expectativa, pois todos já esperavam o garoto bem arrumado. Em um dia de acompanhamento no NAI um dos garotos passou por este ritual e quando retornou a sala todos ficaram reparando como ele estava bem vestido e cheiroso, e, como não ficam com seus pertences, tinham acesso à roupa apenas na hora de se vestir, e então, todos começaram a reparar no tênis que o garoto usava, e disseram que era falsificado, pois, segundo eles, custava muito caro, mais de quinhentos reais. O garoto, dono do tênis foi ficando irritado, pois afirmava que o tênis era de marca, que ele só tinha coisa boa, porque ia comprar tênis falsificado? E então, todos foram ver de perto se o tênis era realmente de marca, e ele tirou o tênis e mostrou para todos as etiquetas que confirmavam a originalidade do tênis.

Esse acontecimento nos mostra que a prática do ato infracional muitas vezes tem seu início nesses episódios onde os jovens tentam obter o que lhes falta para realizar seus sonhos. Torezan (2005) ressalta que a miséria em que muitos jovens vivem, os impulsiona a cometerem atos infracionais para trazerem o básico para casa, ou então, para manter o vício nas drogas e um certo padrão de vida que envolve vestuário e objetos de fetiche. Além disso, a mídia veicula imagens de consumo excessivo que faz com que o espectador seja seduzido pelo produto.

E durante as conversas e relatos deste mesmo episódio notamos que, mesmo com ocorrências diferentes e em tempos diferentes, os adolescentes que registraram entrada no NAI durante o período verificado se conheciam há tempos. A maioria deles diz serem moradores da favela, mas, mesmo os que não são, conhecem e compartilham o local, pois algum dia já buscaram drogas para usar ou vender e compartilharam rituais que se tornam sagrados ao longo da vida de um grupo. Durante as conversas falavam de lugares comuns para a compra de drogas, conheciam as mesmas pessoas, tinham os mesmos valores, etc. Isso nos traz a certeza de que fora daquele espaço estigmatizado de internação provisória, eles pertenciam à mesma tribo e compartilhavam os mesmos interesses, por isso a importância do tênis ser de marca ou não. Se você vive no mundo do crime, se rouba para ter dinheiro, então tenha somente as melhores coisas, vista-se bem e use apenas tênis de marca. Essa é a lógica do consumo.

Episódio 8: O “estar-junto” - Oficina de música/ Jogos da Primavera

No dia em que foi realizada a Oficina de Música (parte integrante do material utilizado em internação provisória), Daniel surpreendeu a todos com seu bom comportamento. Conversou, dançou, cantou, extravasou suas energias fazendo rap repente, e mostrou a força do estar junto. Foi neste dia que ele se mostrou verdadeiramente, sem raiva, ressentimento e, puro de espírito, fazendo aquilo que gostava.

Através do grupo cada adolescente se mostra de maneira única, porém, isso só aconteceu devido à junção de todos: “O eu não é inicialmente ele mesmo, mas o é através dos outros” (Maffesoli, 2005c, pág.162). Eles vivem sob a influência discreta do outro, onde “cada um é o outro e ninguém é ele mesmo” (Maffesoli,

2005c, pág. 163) e é através do outro que sentem segurança para serem verdadeiros.

Essa força do estar junto também foi marcada por um episódio nos jogos da primavera realizados no NAI, quando um dos garotos, já fora da competição, assumiu o papel de técnico esportivo do outro, incentivando-lhe para conseguir a vitória. Ele ficava de longe, gritando, falando o que o outro deveria fazer para acertar os arremessos de basquete, e todos ficaram impressionados, pois aquele ato estava sendo totalmente involuntário, sem pedidos das professoras ou de nenhuma outra pessoa. Ele queria ver o amigo vencer, pois a vitória do outro seria a dele também. Isso nos recorda Maffesoli (2006) quando afirma que o indivíduo e o individualismo já não fazem mais sentido, pois, a pessoa é portadora de uma fragilidade da identidade. A necessidade do estar-junto é cada vez mais recorrente e privilegia o todo.

Episódio 9: Trabalhando com dilemas éticos

Em um dia de acompanhamento na internação tive a oportunidade de realizar um trabalho com os meninos para conhecer melhor o que eles pensavam sobre alguns dilemas éticos. Para isso selecionei alguns dilemas do livro *Construção Moral e Educação*²³.

A discussão foi realizada com oito adolescentes, os dilemas foram lidos e depois algumas questões foram discutidas. Os assuntos trabalhados foram: Moralidade /consciência-castigo e Contrato-Lei.

O primeiro dilema se referia a um homem desempregado chamado Valentim que roubava remédios e comida por não ter condições de comprá-los e que foi preso por isso. Porém, ele fugiu da prisão, mudou-se para outra cidade, mudou de nome e aos poucos construiu uma fábrica e foi conseguindo dinheiro. Este homem pagava bem a seus funcionários e com os lucros que obteve em sua fábrica, construiu um hospital para ajudar àqueles que não tinham boas condições de vida. Passados vinte anos, um alfaiate reconheceu o dono da fábrica e do hospital como o fugitivo que a polícia procurava em sua cidade de origem.

A partir disso, as questões discutidas foram as seguintes:

²³ DIAZ-AGUADO, M.J. e MEDRANO. C. *Construção moral e educação*, 1999.

- a. Deveria o alfaiate denunciar Valentim à polícia? Por quê?
- b. A pessoa tem o dever ou a obrigação de denunciar um foragido comprovado?
- c. Se o homem fosse denunciado e levado diante do juiz, deveria o juiz enviá-lo de novo à prisão ou deixá-lo livre?
- d. Pensando em função da sociedade, deve-se castigar a pessoa que infringe a lei?
- e. Quando roubava comida e remédios, o homem fazia isso conscientemente. Deve ser castigada uma pessoa que contraria a lei, agindo segundo sua consciência?

Nem todos os garotos participaram das discussões contribuindo com suas reais opiniões, mas, quando um deles falava, todos concordavam. Para eles, o alfaiate não deveria denunciar o homem à polícia, pois ele estava ajudando as pessoas e era um homem bom. Em relação à segunda questão, eles disseram que as pessoas não têm nem dever nem obrigação de denunciar um foragido da polícia, eles disseram que ‘não pode’ denunciar, mesmo porque Valentim pagava bem a seus funcionários. A questão seguinte era se o juiz deveria mandá-lo novamente à prisão ou deixá-lo livre (caso ele fosse julgado) e eles disseram que Valentim deveria continuar livre, pois, se ele estava fazendo bem às pessoas isso diminuiria a pena dele, e ele não estava fazendo mais nada de errado, pois, *‘se antes não tinha comida na casa dele, ele tinha mesmo que roubar’*.

Após essa afirmação, a professora responsável pela sala, que participou da atividade, disse que roubar não era a melhor saída, que ele deveria arrumar um trabalho mas, rapidamente, um dos garotos disse: *mas ninguém dava trabalho pra ele*”. Eu os questionei dizendo que, ao invés de roubar Valentim poderia pedir as coisas das quais necessitava, e mais uma vez eles disseram que ninguém o daria, pois, *‘se ninguém dava emprego ia dar comida?’*

A próxima questão em discussão foi: Pensando em função da sociedade, deve-se castigar a pessoa que infringe a lei? Todos responderam juntos que não. Então questionei: se uma pessoa mata uma outra inocente, ela deve ser castigada? E então eles responderam que neste caso é diferente, que aí o que vale é a lei deles, e segundo palavras de um deles: *‘rico vai lá e mata um cara e não acontece nada com ele, quando é um pobre ele vai lá e pega pena máxima, isso eu acho errado, a lei não é certa não, a lei só foi feita pros pobres, pros rico não. Rico*

quando vai preso tem DVD, aparelho de som, tem tudo, pobre não’. Neste momento, eu os lembrei que eles também têm DVD no quarto onde ficam custodiados, e então um deles respondeu: “*é, mas nós estamos no NAI*”, afinal, muitos já passaram pela Fundação CASA e sabem que é tudo bem diferente.

A questão seguinte foi: Quando roubava comida e remédios, Valentim fazia isso conscientemente. Deve ser castigada uma pessoa que contraria a lei, agindo segundo sua consciência?

Para eles a pessoa nunca deve ser castigada, principalmente neste caso, em que Valentim roubava porque precisava. Então, ele deveria ganhar as coisas que precisava e alguém dar uma oportunidade a ele, um trabalho.

O próximo dilema trabalhado foi sobre Contrato-Lei e conta que dois irmãos jovens se envolveram em sérios problemas. Iam fugir da cidade em segredo, mas precisavam de dinheiro. O maior, Carlos, forçou a porta de um grande supermercado e roubou 5.000 reais. O mais jovem, Paulo, foi pedir a um homem, major reformado, famoso por ajudar as pessoas da cidade. Disse-lhe que estava muito doente e que necessitava de 5.000 reais para pagar uma operação. Na realidade, Paulo não estava doente e não tinha intenção de devolver o dinheiro ao homem. Mesmo sem conhecer muito bem a Paulo, o homem lhe emprestou o dinheiro e assim, Paulo e Carlos escaparam da cidade com 5 mil reais cada um.

- a. O que é pior: roubar como Carlos ou fazer enganação como Paulo? Por quê?
- b. Em geral porque se deve cumprir uma promessa?
- c. É importante cumprir uma promessa a alguém que você não conhece muito bem e que não voltará a ver? Por quê?
- d. Porque não se deve roubar em grandes supermercados?
- e. Qual é o valor ou importância dos direitos de propriedade?

O primeiro ponto destacado por um deles foi que mentir para o homem como Paulo tinha feito era o mesmo que roubar. Apenas um garoto, o mais novo de todos e recém chegado à instituição, disse que era pior roubar, já os demais disseram que pior seria enganar, pois o homem estava emprestando o dinheiro achando que era para uma cirurgia e por isso, poderia deixar de emprestar para alguma outra pessoa que realmente precisasse. Então, questionei sobre o dono do supermercado, que tinha tido os cinco mil reais roubados, e eles disseram com muita tranquilidade que ele conseguiria recuperar, pois ia trabalhar mais e lucrar de novo.

A segunda questão discutia a importância de se cumprir promessas e eles disseram que quando você faz uma promessa você está dando sua palavra, e palavra de homem tem que ser cumprida. Eles valorizam muito a palavra do outro, sempre enfatizam algo dizendo 'te dou minha palavra'.

Em seguida conversamos sobre a importância de se cumprir uma promessa a alguém que você não conhece muito bem e que não voltará a ver. Nesse caso, as respostas foram interessantes, pois eles disseram que não é importante cumprir a promessa se você não conhece muito bem a pessoa e não voltará a vê-la. E então, eu os questionei, pois tinham acabado de dizer, na questão anterior que fazer promessa é dar palavra e por isso deve ser cumprida, e agora, já estavam dizendo que não, e então, onde estava a importância da palavra? Eles disseram que se você não conhece bem a pessoa que não é importante. Que tem que dar a palavra para quem conhece.

Um deles disse que, independente da pessoa, se você deu sua palavra tem que cumprir. Já outro disse que o homem que emprestou foi "burro", pois não deveria emprestar dinheiro a alguém que mal conhecia. Eles disseram que o homem deveria ter pedido um comprovante da cirurgia antes de emprestar o dinheiro, porque *"ele vai emprestando para qualquer um que chega lá?"*

Em seguida o questionamento era: Por que não se deve roubar em grandes supermercados? E a resposta foi uma das mais interessantes. Eles disseram que é por causa do sistema de segurança, pois grandes supermercados têm câmeras e muitos seguranças. Perguntei então sobre os supermercados pequenos, e eles disseram que não é muito certo roubar estes porque se o supermercado é pequeno o dono é pobre, que tem que roubar o médio. Um deles citou um supermercado perto do bairro onde mora, e disse que aquele lá ele não rouba.

Outro garoto complementou o pensamento inicial dizendo que se entrar para roubar em um supermercado grande só vai conseguir sair de lá para ser preso, já em um pequeno *'você coloca o capuz e já era, e outra, o mercado sempre levanta, não vai fechar por causa de roubo'*

Quando eles foram questionados sobre os direitos que o proprietário tem, muitas contradições apareceram. Primeiro disseram que o dono do supermercado tem direito de chamar a polícia e de fazer o que quiser, pois ele é o dono e estão invadindo a propriedade dele. Pedi que eles se colocassem no lugar dos donos, e então, as respostas mudaram. Eles disseram que se alguém entrasse para roubar

que não deixariam levar nada e ainda iam '*meter bala nos cara*'. A professora da sala questionou: e se atirassem em vocês enquanto estivessem roubando? Achariam certo? E então eles disseram que não.

Isso nos faz perceber que quando eles estão envolvidos na história tudo é diferente, as leis são outras. Eles reconhecem os valores sociais, mas, quando são colocados em cheque mudam de idéia. Outro ponto interessante é quando dizem que não se deve denunciar um foragido da polícia, pois entre eles a denúncia é um ato imperdoável. A importância da promessa também mostra contradições, pois, quando se dá a palavra, esta deve ser cumprida, mas, se a palavra for dada a um desconhecido, esta já não tem tanta importância como antes.

Essa discussão nos fez constatar que eles têm uma visão de mundo que a princípio parece estar de acordo com aquilo que a sociedade prega, pois sabem o que é visto como certo e como errado. Porém, suas ações não são baseadas nestes princípios éticos, mas sim, nos que eles acreditam ser mais eficientes para o dia a dia. A prática do roubo, do tráfico de drogas e demais atos são naturais para eles, mas, o certo é roubar aqueles de maior poder aquisitivo e não os menos favorecidos, o que mostra a preocupação em prejudicar alguém, o que não deixa de ser um pensamento ético.

Esta atividade veio reafirmar a partilha de pensamentos, de ideais. Por ser um grupo, os integrantes seguem a mesma linha de raciocínio. Fazem suas próprias leis, defendem as mesmas idéias, isso os configura como uma tribo.

Episódio 10: Eduardo na semiliberdade

Verificou-se que o dia a dia na semiliberdade deixou Eduardo mais revoltado, pois ele se comportava de forma bastante diferente do que quando estava na internação. A máscara por ele usada na semiliberdade já era outra. Junto aos outros adolescentes, Eduardo assumia essa postura de mau, mas, quando conversava comigo ainda parecia o mesmo garoto. Para Goffman (1985) "o indivíduo transmite informação falsa intencionalmente" (pág.12). Seus atos dentro da semiliberdade e a relação dele junto aos demais garotos nos fazem acreditar que ele não se mostrava verdadeiramente. Ele queria passar a primeira impressão aos demais que ainda eram desconhecidos para ele. Após conseguir transmitir a impressão que pretendia, esperava mostrar-se forte.

Quando os garotos saem da unidade de internação provisória, deixam um grupo de afinidade e são encaminhados para a semiliberdade passando a conviver com outros garotos que habitam a Casa de Convivência. Dessa maneira, eles buscam a aceitação dentro do novo grupo, pois conhecem as leis que regem a boa convivência entre eles, e para isso, tentam assemelhar-se aos novos “amigos”. Goffman (1985) explica que, quando o indivíduo está na presença de outros, terá uma atividade de caráter promissório, fazendo com que o outro o aceite em confiança e lhe retribua com amizade enquanto estiver presente, mas o verdadeiro valor disso só será realmente estabelecido quando ele se retirar. (GOFFMAN, 1985, p.12).

Ganhar confiança do grupo é algo de extrema importância entre os adolescentes, pois, se não houver um bom relacionamento, logo alguém será excluído, e assim, ficará mais difícil de se cumprir a medida sancionada, pois a convivência é diária e intensa, afinal, dormem nos mesmos quartos, limpam a casa juntos, realizam atividades em grupo, vão juntos para a escola, ou seja, coisas que os deixam próximos a maioria do tempo.

A intenção das medidas sócioeducativas é que os adolescentes saibam a importância do respeito, do estar-junto, por isso, tanto a internação como a semiliberdade devem ser tidos como um lar, constituído por uma família, onde existem regras a serem seguidas, recompensas e algumas sanções, visando o bom comportamento do adolescente e a boa convivência em sociedade. Observar as vivências nos ajuda a perceber as máscaras utilizadas. Para quem está de fora, a visão que se tem do grupo parece ficar mais ampla, pois se tem a oportunidade de reconhecer atos involuntários naqueles momentos de distração, onde muitas vezes, esquecem das máscaras e se mostram verdadeiramente, transparecendo toda timidez ou tristeza, ou ainda toda a beleza de ser adolescente, de brincar, paquerar, namorar, etc.

E com Eduardo não foi diferente. Enquanto na internação se mostrou dócil, na semiliberdade quis ser forte, rebelde. Desrespeitou regras, mudou seu jeito de falar, queria liderar o grupo mostrando que fazia parte do mundo do crime, queria impressionar aos demais. Porém, em momentos de angústia ou até mesmo em momentos de distração, mostrava quem realmente era, fazendo brincadeiras, voltando a ser dócil, deixando cair a máscara de forte, de mau. Ele alcançou o respeito que esperava dos colegas, pois acabou ficando mais tempo do que o

previsto inicialmente na semiliberdade, e por ser veterano, conseguia o respeito dos novatos, mas quando percebeu que seus atos negativos estavam apenas prolongando sua estadia na Casa de Convivência passou a rever suas atitudes e cumprir o que esperavam dele.

É... a gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar, mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade (...)
É... a gente quer viver pleno direito
A gente quer é ter todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação..."
(GONZAGUINHA)²⁴

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caminhar ao lado dessa tribo de adolescentes durante esses anos de pesquisa foi algo grandioso, pois ocasionou um olhar de mundo mais completo e diferenciado. Saber o que se passa pela cabeça e pelo coração desses garotos nos faz compreender suas lógicas cotidianas inicialmente estranhas. Nos relatos apresentados, os adolescentes mostraram qual a concepção de vida que carregam, o que pensam sobre o processo de ensino, cultura e cotidiano, nos apontando pistas sobre as necessidades educacionais para este tempo de infinitas possibilidades – do desencanto ao reencantamento da vida.

Ser adolescente é buscar um caminho, e sabemos que essa busca nem sempre é prazerosa, pois, ela pode trazer muitos desafios. Ser adolescente é querer ser visto e ser visto sozinho é muito mais difícil do que ser visto em grupo, em tribo. Encontrar pessoas que compartilham idéias é o objetivo de todo adolescente, pois em grupo se ganha força e o que a nossa sociedade mais pede é que tenhamos forças para enfrentar essa longa e tortuosa caminhada que nos é oferecida diariamente. Ser adolescente é mostrar-se vivo, intensamente vivo.

Os dados coletados nos indicaram que os grupos de adolescentes constroem suas lógicas e a ética do viver em sociedade, ao exaltarem o aqui e agora. Em seus sonhos apontam pistas para uma educação mais atraente, menos teórica e mais vivencial, que lhes dê liberdade de expressão, que os aceite como parte integrante do processo educativo.

²⁴ GONZAGUINHA. É. Ed. Moleque (BMG Music) BR-SGL – 91/00071

A educação atual busca constantemente novos métodos de ensino, trabalhos inovadores, que constam no projeto político pedagógico elaborado pela instituição de ensino, porém, durante a pesquisa não ouvimos nenhum adolescente falar que a escola é atraente, interessante, educativa. Todos reclamaram que na escola tudo é proibido. Não pode conversar, não pode usar boné, não pode ficar no pátio fora de hora, não pode demorar para copiar a matéria passada na lousa, enfim, uma sucessão de 'nãos' que destrói qualquer interesse, por menor que seja.

A escola parece não entender que seus alunos necessitam de atividades mais dinâmicas e que, acima de tudo o cotidiano de cada um deve ser levado em conta. É claro que devem existir regras, mas estas devem acontecer de maneira lúdica e prazerosa, onde não soem como punições e sim como parte da atividade. Quando trabalhamos o lúdico dentro da escola um dos pontos ressaltados são as regras, pois, todo jogo contém regras a serem seguidas para seu bom andamento e durante os jogos os alunos geralmente as obedecem sem problema algum. Assim deveria acontecer com as atividades diárias, assim acontecia, por exemplo, na casa de convivência (semiliberdade) quando os garotos acompanhavam sua progressão dentro da medida. O caminho por eles percorrido dentro da casa de convivência era como um tabuleiro de jogo, com espaços de progressão ou regressão. Eles acompanhavam este jogo e se sentiam motivados a chegar ao final dele, obedecendo às regras.

O ensino formal deve trazer aos alunos assuntos interessantes, mas, para que isso aconteça o educando precisa ter voz dentro da sala de aula, ter o direito de indicar assuntos que deseja conhecer e para isso, o professor deve estar disposto a escutá-lo. Essa é a lógica do processo de ensino-aprendizagem que faz com que o diálogo e a interação entre professor e aluno fortaleçam o processo educativo. Quando falamos da importância de trabalhar o oficial e o oficioso defendemos a idéia de que a escola e seu processo formativo devam ir além dos muros e grades que cercam este espaço.

A escola envolve toda a comunidade que a rodeia, por isso deve contemplar o espaço que está além da sala de aula. Todo aluno tem uma história de vida, um cotidiano a ser levado em consideração. Todo aluno precisa entender que aquilo que é aprendido na escola é importante e útil para sua vida fora dela, mas a escola também precisa entender que a bagagem cultural trazida pelo aluno é fundamental para o desenvolvimento dele no processo educativo. Muitas vezes a escola parece ir

na direção contrária daquilo que é interessante ao aluno e além disso esquece que ele espera algo mais. A educação deve ter um diferencial, ela deve ser prazerosa, pois aprender é um ato nobre e quando aprendemos algo de nosso interesse ou que passe a ser interessante diante da maneira como foi ensinado, carregamos isso para sempre, valorizando o responsável pelo processo de ensino-aprendizagem.

Quando nossos adolescentes entenderem a importância da escolarização certamente terão mais respeito pela instituição e por todo o corpo docente, mas, enquanto a escola tratar os alunos como objetos ou robôs, a educação não obterá sucesso.

Outro problema enfrentado especificamente pelos adolescentes infratores dentro da escola é a exclusão. A maioria das escolas e dos professores não quer receber esses adolescentes, pois acreditam que eles trarão problemas ao ambiente educativo. Diante deste pré-conceito, ao chegar à escola o garoto já é recebido com descaso. A mobilização entre os professores acontece desde o momento em que são comunicados da chegada de algum adolescente em medida sócioeducativa, e então, já vão para a sala de aula preparados para ignorar a existência do aluno. Isso ficou claro em comentários de adolescentes acompanhados e nas experiências enquanto professora em uma escola de periferia que atendia uma média de quinze adolescentes, meninos e meninas em Liberdade Assistida ou Semiliberdade. Qualquer ato de um desses alunos tinha como fundamentação dos professores o fato de serem do NAI. Isso é estigma, pois, marca o aluno como se ele fosse apenas um infrator e não um cidadão integrante da comunidade escolar.

Vimos que existe um movimento que busca estabilizar e enfraquecer atos infracionais na defesa de uma nova chance ao adolescente infrator, que são as medidas sócioeducativas. O NAI busca o bem dentro de cada um dos garotos que por ali passa, pois todos carregam consigo uma história de vida que deve ser levada em conta, cada um deles busca uma vida melhor, apenas não sabem a melhor maneira para encontrá-la.

O referencial teórico metodológico que nos amparou na pesquisa e na análise dos dados nos fez entender que as práticas realizadas na cidade de São Carlos com o trabalho do NAI e da Semiliberdade nos anos de 2006-2007, olhavam para o adolescente autor de ato infracional de modo re-humanizado, com o olhar voltado para a pessoa e não mais no ato praticado por um menor (termo que inferioriza).

Com a teoria da tribalização do mundo podemos compreender a cultura dos grupos contemporâneos. E, enquanto educadores podemos e devemos vislumbrar propostas pedagógicas que viabilizem novas possibilidades de vida para essas demandas. As medidas sócioeducativas propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e praticadas pelo NAI e Semiliberdade são frutos das forças contemporâneas, ou seja, das inovações que a sociedade atual nos traz, pois não concordam com modelos de internação ultrapassados, que desumanizam o adolescente, sem lhes dar chance de viver plenamente.

O trabalho realizado pelo NAI é grandioso e organizado. A maioria dos profissionais que lidam dia-a-dia com os garotos conseguem enxergar neles a dimensão de uma vida de angústias e ressentimentos por todos os estigmas sofridos, e lutam junto deles para que essas marcas sejam esquecidas, para que possam iniciar uma nova vida. Tanto as professoras quanto os agentes que trabalhavam com os meninos na fase de internação, durante o período de pesquisa, os tratavam com muito carinho e foram raras as vezes que reclamaram de algum ato duvidoso ou agressivo. A maioria dos garotos demonstrava a necessidade de carinho, afeto, conversas saudáveis e divertidas, regras, informações interessantes, etc. A prática adotada pelas professoras todos os dias - de dar um aperto de mão e um beijo no início e fim de cada aula - fazia com que eles demonstrassem carinho, respeito e gratidão por elas. Um aperto de mão, um olhar verdadeiro, um beijo de carinho faz com que se sintam vivos e amados e é disso que eles sentem falta. Quem ama um infrator?

Dentro do NAI ele deixava de ser um infrator e passava a ser um cidadão necessitando de compreensão e cuidados. Ele precisava ser ouvido, mas também precisava aprender a ouvir, a respeitar, e só aprendemos algo quando alguém nos ensina ou ao menos nos mostra o caminho para isso. O mesmo acontecia na sede do programa de Semiliberdade. Os garotos se sentiam parte integrante daquele local, pois, ali dentro eles não eram vistos como infratores, mas sim, como moradores da casa. Aprendiam a cuidar dela para que um dia pudessem cuidar da sua. Limpavam, lavavam, ajudavam na cozinha, sempre como uma grande família, e, se às vezes se revoltavam, faziam como em qualquer família, afinal, quem nunca se revoltou diante de um não ou de uma repressão?

A dinâmica de trabalho adotada pela instituição no cumprimento das medidas sócioeducativas fazia com que muitos aceitassem a medida como um momento de

aprendizado, de busca do novo mundo, da nova vida. A ludicidade com que viam e acompanhavam sua progressão os fazia perceber a importância de viver um dia de cada vez e lutar diariamente para ser uma pessoa melhor.

Após os dois anos de coleta de dados junto as medidas sócioeducativas na cidade de São Carlos, pudemos identificar que elas obtém a redução dos atos infracionais, a partir de uma proposta pedagógica que busca a re-humanização ao olhar para os adolescentes enquanto seres em desenvolvimento, que precisam de apoio e orientação para optarem por outros caminhos.

Toda tribo, independente de seu espaço, compartilha afetos, gestos de amizade e companheirismo, palavras amigas, cuidados uns com os outros. Viver em tribo é ter a quem recorrer, é ter alguém que compartilhe pensamentos e sentimentos e é isso que esses adolescentes buscam. Viver em tribo é aproveitar as banalidades cotidianas, o dia-a-dia, é colocar em prática o '*carpe diem*' sabendo aproveitar cada instante vivido, é dar importância ao oficioso, àquilo que para muitos parece insignificante. A busca de prazer é constante na vida da tribo, pois o viver intensamente é a procura incessante de felicidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília: MEC, ACS, 2005.

COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras LTDA, 1997.

DIOGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip-hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

ERNY, Pierre. **Etnologia da educação**. Tradução de Antonio Roberto N. Blundi. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A , 1982.

GINZBURG. **Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana; tradução de Maria Célia Santos Raposo**. Petrópolis, Vozes, 1985.

ITMAN MONTEIRO, S.A. **Luzes, sombras e crepúsculos nas vivências cotidianas de duas escolas de primeiro grau: sucessos, fracassos, evasões, exclusões**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 1996.

_____. Tentando compreender Prometeu e Dionísio na mira da violência. **Cadernos CEDES**, ano XIX, no. 47, 1998, págs. 67 a 80.

_____. Cultura escolar e Imaginário. In: **A Cultura escolar em Debate. Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Organizadoras: Rosa Fátima de Souza e Vera Teresa Valdemarin. Autores Associados, 2005, v. , p. 141-155.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.

_____. **O conhecimento comum. Compêndio de Sociologia Compreensiva**. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. Editora Brasiliense, 1988.

_____. **A cultura pós-moderna**. Texto em mimeo. 1989.

_____. **A contemplação do mundo.** Tradução de Francisco Franke Sttineri. Porto Alegre: Artes e Ofício Ed. 1995.

_____. **A conquista do presente. Por uma sociologia da vida cotidiana.** Natal (RN): Argos, 2001.

_____. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas.** Tradução de Rogério de Almeida, Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade. O lugar faz o elo.** Rio de Janeiro, 2004.

_____. **A parte do diabo;** tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

_____. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia.** Tradução Rogério de Almeida. 2ª. edição – São Paulo: Zouk, 2005.

_____. **A transfiguração do político. A tribalização do mundo.** tradução de Juremir Machado da Silva. – 3ª. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2005a.

_____. **Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade;** tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. **O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 4ª. edição – Rio de Janeiro: Forense, 2006

_____. **O ritmo da vida. Variações sobre o imaginário pós-moderno.** Tradução de Clóvis marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX (O espírito do tempo).** Rio de Janeiro: Editora Forense, 1967.

PADOVANI, Ricardo. **Resolução de Problemas com adolescentes em conflito com a lei: uma proposta de intervenção.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2003.

SANCHEZ TEIXEIRA, M.C., SILVEIRA PORTO, M.do R. Violência, insegurança e imaginário do medo. **Cadernos CEDES**, ano XIX, no. 47, 1998.

SEIXAS, R. COELHO, P. Caminhos. Disco Novo Aeon, **1975**

SOUZA SANTOS, B. **A construção multicultural da igualdade e da diferença.** Texto em mimeo. Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, em setembro de 1995.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: **Retratos da Juventude Brasileira: Análise**

de uma pesquisa nacional. Organizadores: Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco. Editora Fundação Perseu Abramo, 1ª. ed. Págs. 87 a 127, 2005.

TRIVINOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TOREZAN, S. M.B. **Ser jovem em meio à violência: Identidade X Singularidade no confronto com a lei.** Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas, no ano de 2005.